

CARTAS:

TEMPOS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS ALEGRÊMICAS



CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO

CAMILA GIUGLIANI (ORGs.)



CopyLeft

O conteúdo e o projeto gráfico respeita as escolhas de cores e formas e é de responsabilidade autoral em cada uma das cartas.

CAPA

A força da delicadeza III – Môa (Moacir Moreira) moaar.com.br;
Instagram: moamoreir

Projeto Gráfico:

Capa e marcas de página imagem de quadro do Artista plástico natural de Joinvile, portoalegrense por adoção – Moacir Moreira – Môa – Exemplo de uso de imagens para criar identidade visual do livro.

EDIÇÃO: Programa Pós-Graduação Ensino na Saúde – UFRGS e

Biblioteca Setorial da Educação

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C322

Cartas : tempos de práticas educativas alegrêmicas [recurso eletrônico] / Carmen Lucia Bezerra Machado, Camila Giugliani (organizadoras) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2022.

188 p.

ISBN 978-65-5973-138-1

1. Ensino remoto emergencial 2. Cartas 3. Prática pedagógica 4. Escrita I. Machado, Carmen Lucia Bezerra II. Giugliani, Camila III. Título.

CDU: 003

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

AGRADECIMENTOS

Honradamente apresentamos o livro **CARTAS: Tempos de** práticas educativas alegrêmicas na saúde organizado junto ao, e com o grupo de pós-graduandos matriculados na disciplina de Prática Educativa em Saúde - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, como professoras ligadas aos Grupos: “Formação de professores do Mercosul/Cone Sul” e ao Movimento pela Saúde dos Povos (People's Health Movement) e Fórum Aborto Legal RS”. A presente obra é fruto do trabalho da turma de 2021-1 em continuidade as duas últimas décadas, buscando problematizar a formação e a prática de professores na área da saúde.

Agradecemos ao engajamento autoral com a entrega das cartas, esta forma particular de escrita que diz do que afeta a cada ser. Especialmente aos dois convidados que alentam o E-book com suas escritas, os doutores Md. Paulo Ricardo Santos Nunes e Wagner Michael Pereira. A sensível generosidade de Môa (Moacir Moreira) disponibilizando a sua arte, cedendo o direito de uso da imagem da obra intitulada *A força da delicadeza III* para compor as marcas desse livro. A ele nossa gratidão.

Agradecemos a acolhida institucional do PPGENSau, PPGSCA, e da FAMED. Nos tempos de sindemia, de forma sucinta, oferecemos subsídio teórico e prático redigido entre maio e junho de 2021 para contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem especialmente na modalidade remota, uma das únicas alternativas possíveis para minimizar os transtornos decorrentes do isolamento social que COVID19 impôs às instituições de ensino do país, obrigando a suspensão de atividades presenciais em todos os níveis de ensino, no país e na maior parte do mundo.

Nosso reconhecimento ao legado dos Mestres: Paulo Reglus Freire, *Augusto Nivaldo Silva Triviños*, *Júlio Monsalvo (in memoriam)* e Waldomiro Carlos Manfroi, co-criador do PPGENSau.

Desejamos *uma prazeroza leitura!*

As organizadoras.

Sumário

Prefácio - O que dizer de um livro de cartas?.....	6
Paulo P Albuquerque.....	11
Carta convite aos leitores e às leitoras.....	12
Camila e Carmen.....	16
I Anúncios de ensinagens alegrêmicas nos tempos de pandemia.....	18
. Estimades educandes ingressantes na Universidade no ano de 2030.....	19
Carmen e Camila.....	27
. Carta ao medo.....	28
Ana Paula Radünz Vieira.....	29
. Para minha versão mais jovem.....	30
Luciane Ferreira Pauletti.....	33
. Carta ao meu "jovem" eu.....	34
Gabriel Tesche Roman.....	35
. Carta para mães em isolamento.....	36
Giovana Pires.....	37
. Querido eu,.....	38
Henrique Umpierre Pedroso.....	39
. Cara meninazinha dos olhos verdes,.....	40
Vanessa Vicenzi.....	40
Carta ao Theodoro.....	41
Alice Lang Silva.....	42
. Querido filhote,.....	43



MARIANA DE MEDEIROS CARDOSO.....	44
Carta.....	45
Bernardo De Lima.....	47
. DE HUGO PARA A DONA DO MEU ESPÍRITO.....	48
Hugo Mallmann De Miranda Junior.....	51
. Carta aos isolados.....	52
Christina Fiorini Tosca.....	53
. Carta para aquela que ainda não sabe ler.....	54
CHRISTY HANNAH SANINI BELIN.....	55
. Distância.....	56
Cibeli Oliveira da Cunha Rego.....	57
. Carta II.....	58
Nathalia Peter Munoz.....	59
. Carta para o tempo.....	60
Lucian de Souza.....	61
. Aos alunos e alunas de Práticas Educativas em Saúde.....	62
Paulo Ricardo Santos Nunes.....	68
II – Narrativas de memórias que comunicam os silenciamentos.....	70
. As portas do nono andar.....	71
Wagner Michael Pereira.....	75
. Querido universo,.....	76
Marina Picolo Menegolla.....	76
. Aos meus colegas do PPGSCA,.....	77
Ana Paula Martinez Jacobs.....	79



. Carta à Larissa.....	79
Bernardo.....	80
. Carta para Larissa.....	81
Eduardo Montagner Dias.....	82
. À Larissa.....	83
Jessica Neuenfeld Paniz.....	84
. Queridas professoras e colegas.....	85
Joana Mattioni Ourique.....	86
. Boa noite a todos os queridos colegas e professores dessa disciplina.....	87
Mariana Cristina Moraes Corso.....	88
. Aos colegas e professoras da turma de 2021.....	89
Caroline Hendges Klein.....	90
. Boa tarde colegas,.....	91
Nicole Elen Lira.....	92
. Essa carta é para os que ficaram.....	93
Nathalia Flores Oliveira.....	93
. Para Nathália,.....	94
Carmen.....	94
. Carta para quem se forma em tempos de aprendizados das perdas,.....	95
Carmen com as falas transcritas da Camila.....	109
III Reanúncios, o educar cura, e saúde se aprende: o bem viver.....	111
. Para: Celina.....	112
Alana Verza Signorini.....	114
. Carta para hoje – qua., 14 de abr. 11:45.....	115



Camila Giugliani.....	116
. Para: A humanidade no ano de 2020.....	117
Claudia Schüür.....	119
Carta para os espirituais ou sonhadores.....	120
CLÁUDIA OLIVEIRA.....	123
. Carta aos meus pequenos guerreiros.....	124
Daniela Dias Morales.....	126
. Ao futuro presidente do Brasil.....	127
Elisa Girardi Hypolito.....	128
. Sonhar, viver e cantar.....	129
FABIANA FERREIRA DOS SANTOS.....	131
. De: Felipe Schirmer a um querido paciente.....	132
Felipe Da Silva Schirmer.....	135
. Carta a você, Fisioterapeuta. Mãos.....	136
Fernanda Rombaldi Bernardi.....	137
. Aprendendo com Larissa.....	138
Larissa.....	138
. A quem interessar.....	140
Mauro Cesar Dufrayer.....	141
. Carta ao Papai Noel.....	142
PAMELA DA SILVA PANASSOL.....	144
. Olá profas Carmen e Camila, boa noite!.....	145
Sabrina Nuñes Goncalves.....	146
. Para todas as pessoas que estão perdidas em meio ao caos.....	147



Samantha Zamberlan.....	149
. Amadas, amados e amades.....	150
Carmen e Camila.....	169
COMPLEMENTOS igualmente importantes.....	170
. A História da Alegremia.....	171
Julio Monsalvo.....	176
. Plano de Ensino.....	177
. Quem somos.....	183



Prefácio - O que dizer de um livro de cartas?

E que se organiza com secções ou partes tão diferenciadas?

O conjunto de textos, em um primeiro momento, se apresenta ao leitor como uma overdose de singularidades, como desafio e que faz lembrar outras leituras.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —
Das ciências, das artes, da civilização moderna!
(Álvaro Campos: Lisbon Revisited (1923))

Entretanto, o livro Cartas: Tempos de práticas educativas alegrêmicas não apregoa ou se propõe ser prescritivo, normativo. Não se trata disso: é mais...

Mais? Sim. Ele tem a capacidade de ouvir o silêncio. Adivinhar sentimentos. Encontrar a palavra certa nos momentos incertos. Nos fortalecer quando tudo ao nosso redor parece ruir e... tudo isto emoldurado por pequenas cartas... proteger e amparar... ensinar.

Será porque o suporte da informação é outro? São cartas.

Carta, em seu sentido lato, deve ser entendida como comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; uma composição cuja intencionalidade está expressa no seu texto. Ela tem, por pressuposto, ser suporte de representações ou sentimentos sobre algum fato ou tema singular. São formas de comunicação que nos permitem entrar no mundo do outro e olhar para a realidade sob o



seu ponto de vista e, assim, entender de suas coisas e de como este outro, diferente de mim, interage com o mundo à sua volta.

O autor, como sujeito histórico, produz cultura, estabelece relações com o mundo e com as pessoas, e, assim, suas vidas são construídas em meio a um cenário de transformação social, política e econômica. Cartas representam o instrumento pelo qual o sujeito expressa uma identidade. Ao dar materialidade elas trazem à tona o questionamento e a reflexão daquele que escreve.

Conhecer aquele que escreve, sua forma de agir, de ser, de estar no mundo, a maneira como estabelece relações com as pessoas e objetos a partir do relatado é buscar na vida os ingredientes imprescindíveis para a compreensão da própria vida, pois aqueles que escrevem não estão à margem da sociedade e fazem parte de um contexto histórico.

A chave para entender a estética da carta está na sua forma de auto-organização do pensamento. No seu processo de associação (ideias, experiências e ações), a secção/parte I - Anúncios de ensinagens alegrêmicas nos tempos de pandemia - sinaliza o embrião de um outro olhar – autogerido, mas não auto referenciado.

É aí que se encontra a razão de ser dos textos, que parecem bem-comportados, mas apenas na sua forma; eles são pura oposição à lógica social hegemônica da academia ou de um modo de pensar o ensino, inclusive ou especialmente na saúde. Estas freireanas cartas, embora de caráter introdutório, resumido, fragmentado, recontam e fazem reviver as experiências de um grupo ao vivenciar o período de pandemia.

Na secção/Parte II - Narrativas de memórias que comunicam os silenciamentos - os autores não perdem a oportunidade de explorar suas percepções mais significativas. Também apresenta uma lição metodológica, a de que o método não é algo reificado e fora das relações sociais, separado de quem o escolhe, produz e/ou usa.



Desta forma, através das cartas este grupo recuperou a consciência teórica de que o período não se apresentou apenas como um evento global e de estressor traumático, mas como a mudança faz avançar a consciência da história.

Consciência que se objetiva em cada carta. Cartas que são inadiáveis. Confirmando que o que deve ser escrito é inadiável.

Deixar para escrever mais tarde, amanhã ou outro dia qualquer só atrapalha o andamento da narrativa. Adiar um trabalho pode ser um alívio para um burocrata, não para um escritor. Na epístolas (percebem como é bonita esta palavra!!) há momentos de pausa e reflexão, de pesquisa e anotações, e, às vezes, de interrupções forçadas, um verdadeiro castigo para quem escreve. E, que interessante, as cartas permitem pausas de leitura: na secção/Parte III - Reanúncios, o educar cura, e saúde se aprende: o bem viver - o tempo parece ser outro, apesar da urgência de escrever não ser menor nem menos intensa do que a urgência de ler.

Este livro tem pretensões e seus autores não têm o pudor de omiti-las; expressam de imediato; são cartas educativas ou como classificam: de ensinagem.

São cartas cuja ação se diferencia por sua intencionalidade política. Trata-se de um agir cuja iniciativa imprime movimento a experiência individual do escrever na universidade. Entretanto, por não considerar a escrita uma ação individualista ou solipsista, transforma esta ação em uma atividade consciente que busca um fim pensado: no rever o passado, propor um outro futuro e neste exercício uma proposta de ensinagem.

Na experiência-ação dos anúncios e fazeres de quem escreve está uma ensinagem despudorada; são convicções construídas coletivamente a partir de um compartilhar de significados.



Não se trata de uma ação mental, impulsionada pelo desejo da descoberta abstrata e desvinculada do fazer profissional. Trata-se de renovar o olhar e colocar em outras molduras analíticas aquilo que já conhecemos.

A experiência de mapear aquilo que foi sentido, vivenciado na pandemia permite indicar relevâncias, caminhos e percursos que podem (a critério do leitor) ampliar a rede de significados dos termos resistência, anúncios (no sentido de epifanias), assim como dos fazeres individuais e coletivos.

Segundo as organizadoras só uma re-sensibilização plena pode nos indicar os caminhos para a fruição do pensar in-novadoramente os cânones da educação tradicional quando se pensa ensino na saúde. (vide a secção/Parte IV- ANEXOS – igualmente importantes)

Por isso, as cartas, em vez de servir de orientação ou guia, precisam ser entendidas como interfaces de experiências-ação que expressam um discurso alternativo, no qual se sintetiza uma negação da lógica dominante no estado das coisas vigentes em educação e em nosso país.

Por isso, *Cartas: tempos de práticas educativas de Alegremia*, como poucas (neste ambiente das pseudodemocracias) lança o pensamento e o leitor numa busca consciente e sistemática do refletir sobre o momento (o contexto pandêmico), mas de modo próprio, sem perder os referentes da formação na saúde.

Sem desconsiderar o momento difícil da pandemia, diz o que é possível ser dito sobre a coisa naquele momento, as lacunas são preenchidas na aposta que cada um/uma fez sobre o futuro... o poeta já dizia: quando penso no futuro não esqueço do passado.

Atenção leitor! Nestes relatos, as cartas, mesmo que não tenham consciência disso, assumem uma posição: os epistolares (autores) apostam no futuro. No reler/rever seus momentos, se evidencia um exercício de não escamoteamento do aqui e agora.



As cartas dizem com todas as letras: é preciso abrir caminhos para a plena discussão do que é assunto público, pois a questão da saúde nos remete à propor uma definição radical do bem-viver, conceito fundamental daquilo que significa a vida em comunidade.

Nos convidam a uma constante revisão de pontos de vista, até porque não são apenas pontos de vista: são pontos de vida!

Pontos de vida que seguramente mostram que não vivemos uma situação normal... que os graus de ansiedade, apreensão, tristeza, sofrimento e medo não levou os epistolares a aceitar o mundo, a sociedade e a situação que vivenciamos com a Covid-19.

Que uma outra sociedade, mais justa e solidária, não pode ser o resultado de um projeto de alguns, minoria esclarecida que se pretende detentora de uma visão, mas resulta de um trabalho coletivo e aberto a todos, com mecanismos de participação plural. Para que essa sociedade participativa seja possível e outra ética solidária possa reger seus comportamentos, é necessário repensar outras modalidades de futuro.

Cartas: tempos de práticas educativas de Alegremia insinua que ensino na saúde quando presa não está presa nas malhas da burocracia, é um processo aberto, não linear, no qual se pode perceber possibilidades. São textos imersos em um “exercício sensível e libertário” ou que aspiram pensar os limites do saber e experimentar na adversidade o “não-sabido”.

Nas narrativas individuais se percebe a evidência de que as fronteiras estão sendo abertas; são manifestações que demonstram evidentemente que há outros fatores que não as estritas regras do jogo social que normatizam o dito pelas pessoas ou o que vai ser uma história de sucesso.

Paradoxalmente, por mais que se saiba que as relações sociais não são auto-explicadas, senão pluricausais, o ensino na saúde têm uma tendência a considerá-los a partir de uma perspectiva normativa que não percebe que muitas vezes a leitura dos espaços sociais (estratégias de sobrevivência na pandemia, por exemplo) não segue a racionalidade



hospitalocêntrica. Por esta razão, passa a ser fundamental buscar outros olhares e novas combinações de conhecimentos que, ao fim e ao cabo, podem fazer a diferença.

Mesmo sendo repetitivo, é importante dizer: este livro de cartas aponta, no mundo de hoje, aqueles que poderão construir novos paradigmas e oferecer novas propostas, novos conhecimentos quando se pensa o ensino na saúde.

Se o sistema capitalista esconde, demoniza ou captura todos aqueles que ousam enfrentá-lo, então estas epístolas na sua singularidade deixam claro que as mudanças de que o país precisa virão de baixo pela expressão de um imaginário coletivo.

Ao fim e ao cabo, este livro de cartas afirma que uma outra forma de pensar educação é possível e passa pela mutação filosófica da espécie humana. Ou seja, uma mudança radical de mentalidade, que depende de um processo elevado de conscientização. Novamente, estamos diante de um embate com os modos hegemônicos de ser no mundo,

Por isso, os autores estão acertados: escrever cartas não é anacrônico, porque se apresenta como a negação da burocracia dos textos acadêmicos. Trata-se de um processo de criação horizontal, igualitário.

Este não é um livro para qualquer leitor, ele foi feito para um leitor astucioso, que perceberá na leitura as revelações de uma realidade que ele não teria visto ou percebido, por naturalizada no olhar preconizado pelas mídias que não convidam a uma constante revisão de pontos de vista.

Bom proveito! Seja bem-vinda(o)!

Se inquiete, assim como os autores dessas cartas continuam inquietos.

Ainda bem que eles não foram silenciados.

Paulo P Albuquerque



Carta convite aos leitores e às leitoras

Começamos a escrever cartas que educam ao contar histórias, expor narrativas, cuidar das memórias e dos afetos, para além de comunicar práticas educativas. Agora estamos convidando aos leitores e às leitoras a se aventurarem nas trilhas e nos mapas. Os mapas de navegação como os do *Conto da Ilha Desconhecida* (onde o personagem de José Saramago pede ao rei um barco para realizar sua busca), ou as trilhas possíveis nas esteiras deixadas por outros pensadores, nas palavras de Marilena Chaui.

As cartas foram a forma de “pôr em movimento” a “alegremia” e o “bem viver”. Promover diálogos, construir e manter vínculos. Ensinar, aprender. Freireanamente ler a palavra para ler o mundo. Maneira como a curiosidade do aprendiz trabalha para apreender o ensinando, ensinando-se, sem o que não o aprende. O ensinante se ajuda. Descobre incertezas, acertos, equívocos.

A forma mais adequada para constituir em objeto esta primeira carta, a quem ousa ensinar o que sabe e o que não sabe, na crítica e autocrítica do ato, assim é a significação igualmente crítica de aprender – ensinar. Pois, não existe ensinar sem aprender e se o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende, mais quem ensina aprende.

Além de reconhecer ou identificar erros e acertos, o estar disponível para, com humildade e abertura ao diferente, curiosar, pensar e repensar, rever-se como ser consciente e sensível, como ser capaz de se emocionar e de criar. Reconhecer um conhecimento antes aprendido, e ainda, como escreveu Paulo Freire

– o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. (Carta de Paulo Freire aos professores. ESTUDOS AVANÇADOS, 15, (42), 2001. p.259.)

Esta atividade exige a preparação, capacitação, formação e, neste ano de 2021, mesmo que no mundo acadêmico estejamos vivendo o segundo semestre de 2020, a docência compartilhada nas fronteiras entre a educação e a saúde e com as Práticas Educativas em Saúde, são experiências que têm desafiado os nossos saberes e os não saberes. Anunciamos teorizações que as sustentam e praticamos enunciados teóricos em busca de coerências entre o dizer e o fazer, entre o discurso (falado/escrito) e a práxis (vivenciada/ensinada/aprendida), segundo um dado suporte teórico.

Por que usamos a primeira pessoa do plural? Não se trata do nós majestático que fala em nome de outros. Somos duas mulheres, mães, professoras, pesquisadoras do ensinar no Ensino Remoto Emergencial – ERE, em tempos de pandemia de SARS-COV-2 (provocada pelo Corona Vírus conhecida como covid-19, conforme VOLP, 2022), abertas ao criar, flexíveis aos processos grupais de construção/produção de conhecimentos, e, ainda dispostas a: descobrir possibilidades, trilhar ou navegar. Esclarecidos os pontos iniciais, seguimos. Juntas.

Juntas planejamos uma publicação, uma estrutura de texto, fundada no diálogo freireano, com três partes para organizar as cartas que pós graduandes, atuantes nos serviços de saúde e continuando sua formação (o que não permite a conformação), e, a cada temática enlaça escrituras, conceitos e vivências. Juntas escrevemos cartas sobre: I Anúncios de ensinagens alegrêmicas nos tempos de pandemia; II Narrativas de



memórias que comunicam os silenciamentos; III Reanúncios, o educar cura, e saúde se aprende: o bem viver. A primeira delas começa num bilhete mensagem e segue.

Querida Carmen,

Preparei esta pequena carta para compartilhar com os alunos.

Qual será a melhor forma?

Tu gostarias de ler em aula com eles?

Ou postar no Moodle?

Outra ideia?

Vamos pensando e esperançando juntas!

Bjs

Camila

Carta Aberta à Turma da noite aos

Queridos e queridas estudantes, parceiros e parceiras na caminhada de aprender e ensinar.

Ao me deparar com a necessidade de me ausentar das aulas síncronas no período da noite, pois se tornou incompatível com as necessidades familiares, para manter um bom nível de Alegremia e poder estar bem, inteira e dedicada, vem em mim uma vontade de me comunicar com vocês de alguma forma, como combinei com a Professora Carmen. E esta forma de comunicação também será um aprendizado para mim, para nós.

Então, pensando na proposta de diálogos para a próxima aula, a) “aprender ou ensinar na Universidade”, ou b) “o que necessito aprender sobre a universidade para nela ensinar” é que gostaria de compartilhar, com alegria, este texto intitulado “O legado permanente de Paulo Freire para a educação e a democracia”, publicado no Jornal da Universidade no dia 25 de março de 2021, de autoria de [Jacira Cabral da Silveira](#).

Podem acessar o texto aqui: <<https://www.ufrgs.br/jornal/o-legado-permanente-de-paulo-freire/>> Fica o convite para leitura.

Compartilho com vocês alguns trechos ou frases que chamaram a minha atenção e me convidaram à reflexão:

No Instituto Capibaribe, idealizado por Paulo Freire, “a simplicidade e o acolhimento relembram antigos quintais”. [Uma imagem linda me vem à mente!](#)



“A instituição privilegia a conversa, a discussão e a contradição.” *Uma proposta participativa e reflexiva, em muito me lembra os nossos encontros.*

“Celebrar Paulo Freire é lutar para democratizar a escola e educar para e pela cidadania.” *Uma frase curta, com sentidos tão profundos!*

“Refletir sobre qual é a proposta de uma educação transformadora para esse momento da história.” *Neste momento de crise, de pandemia, uma educação transformadora se torna ainda mais necessária.*

“Temos que construir uma esperança ativa com o nosso trabalho”, *citação de Óscar Jara. Que frase linda e profunda!*

“E trata de se ter claro que aprender na natureza humana não quer dizer que todos aprendam do mesmo jeito e que, no mínimo, poderíamos flexibilizar nosso método de aprendizagem e de ensinagem”, *citação de Alexandre Virgílio. Esta frase tem tudo a ver com a proposta para a próxima aula...*

“Precisamos nos formar para a sensibilidade, para a emoção e a imaginação, para além da ciência e do conhecimento”, *citação de Moacir Gadotti. Aqui me vem à mente a contribuição da Alegremia e do Buen Vivir para a nossa formação mais tradicional “baseada em evidências e números”.*

E fica a minha vontade de saber das partilhas que acontecerão hoje. Vamos aprendendo de que forma podemos ir interagindo na assincronia.

Um grande abraço, apertado e carinhoso

Camila

O conceito de Alegremia nos move em nossa caminhada de aprendizagens. Idealizado por Julio Monsalvo, a partir de uma criação coletiva com mulheres e crianças do campo na Argentina, instiga-nos a refletir sobre o conceito de saúde e sobre nossas necessidades básicas para sermos saudáveis.

Alegremia = a alegria que corre em nosso sangue.

Como podemos medi-la? Pelas estrelas que brilham em nossos olhos. Ora, glicemia, colesterolemia e tantos outros “ias” dão conta de medir a nossa saúde? É claro que não!

A Alegremia surgiu como uma brincadeira, mas traz uma reflexão profunda sobre o que é “normal” e o que é ser saudável. Os As da Alegremia, construídos pelo povo no campo,



indicam nossas necessidades básicas: Água, Alimento, Abrigo, Ar, Amor, Arte, Aprendizagem. Que outros “As” podemos ter nessa composição? (Referência: www.altaalegremia.com.ar) Enfim, a Alegremia é uma construção revolucionária!

Nossos sentipensares (outra palavra inventada, para dizer que sentimos e pensamos ao mesmo tempo e que nossos pensamentos não estão dissociados dos nossos sentimentos) fluem nas Cartas que se seguem!

Projeto de escritas iniciado, compartilhado com convidados.

O que participa de aula *on line*, Dr. Md. Paulo Ricardo Santos Nunes. Recebemos depois a carta em que fala de sua formação, curiosidade epistemológica e ancoragem junguiana, no diálogo entre e com a educação e a saúde.

Encontro virtual em diálogos e com esta partilha inspiramos a escrita de outras cartas. Uma delas como a de quem partilha suas memórias de tempos pandêmicos nas descobertas, aprendizados e homenagens a quem professa na área da saúde. Wagner partilha suas escrituras conosco. Escreve carta, o escritor, Md. Wagner Michael Pereira, problematizando as transformações impostas à área da saúde pela covid-19, no interior de uma unidade hospitalar.

E, cartas comunicam. Comunicam uma reflexão. Descrevem e refletem. Criam e expõem as responsabilidades consigo e com os outros, agora partilhadas. Convidamos quem leu até aqui a também tornar-se escrevinhador ou escrevinhadora. E, ao concluir a leitura, e se quiser, escreva a sua carta no espaço aberto de partilha. Pode entrar em contato com autores e autoras nos endereços de *e-mail*.

Compartilhamos cartas

Com carinho

Camila e Carmen



I— Anúncios de ensinagens alegrêmicas nos tempos de pandemia



**Cartas anunciam cuidados voltados a cada ser.
Contam histórias, navegam nos tempos.**

Navegam no ser – autogerido para o dizer de si. Dizer ou escrever os fragmentos dos pensares e das ensinagens, especialmente na saúde, nas vivências durante a situação pandêmica ou sindêmica.

I Anúncios de ensinagens alegrêmicas nos tempos de pandemia

Estimades educandes ingressantes na Universidade no ano de 2030. Camila e Carmen

Carta ao medo – ANA PAULA RADÜNZ VIEIRA

Para minha versão mais jovem – LUCIANE FERREIRA PAULETTI

Carta ao meu "jovem" eu – GABRIEL TESCHE ROMAN

Carta para mães em isolamento – GIOVANA QUINTANA PIRES FELDEN

Querido eu – HENRIQUE UMPIERRE PEDROSO

Cara meninazinha dos olhos verdes – VANESSA VICENZI

Carta ao Theodoro – ALICE LANG SILVA

Querido filhote – MARIANA MEDEIROS CARDOSO

Carta – BERNARDO DE LIMA

De Hugo Para A Dona Do Meu Espírito – HUGO MALLMANN DE MIRANDA JUNIOR

Carta aos isolados – CHRISTINA FIORINI TOSCA

Carta para aquela ue ainda não sabe ler – CHRISTY HANNAH SANINI BELIN

Distância – CIBELI OLIVEIRA DA CUNHA REGO

Carta II – NATHALIA PETER MUNOZ

Carta para o tempo... – LUCIAN DE SOUZA

Aos alunos e alunas de Práticas Educativas em Saúde – PAULO RICARDO SANTOS NUNES





Estimades educandes ingressantes na Universidade no ano de 2030.

Vou contar a vocês como foram estes tempos em que nossos encontros virtuais passaram a compor a rotina dos processos de ensino. Até 2019 as aulas eram presenciais e usavam alguma ferramenta digital em complemento ao vivido na sala da aula.

Problematizávamos o conceito econômico de “contrato didático”, que põe a educação como uma questão jurídica ou comercial, e servia para começarmos a estabelecer os acordos e humanas combinações do que iríamos praticar e teorizar durante o semestre.

O tempo do surgimento da pandemia inicialmente nos afastou das salas de aula. E, nos primeiros meses os afastamentos, a higienização, os cuidados com a vida foram priorizados.

Vivemos um tempo de muita lavação. Lava, lava, lava. *Lockdown*, hipoclorito nos objetos, máscaras respiratórias, modelos cirúrgicos, de tecido, duplas e triplas, *PPP-95* ou *92*, álcool gel *70°* nas mãos. *Isola, isola, isola*. Idosos e grupos de risco com comorbidades, crianças em casa e ambientes coletivos fechados até que se conhecesse, minimamente, formas de proteção.

Ficamos isolados. Educadores e educadoras.

Buscamos saídas para o isolamento.

Depois de 60 dias a Universidade (UFRGS) começou a regulamentar o Ensino Remoto Emergencial – ERE – e as plataformas digitais passaram a ser disponibilizadas, ainda que de modo precário e mesmo que grande parte de discentes não dispusessem de equipamentos, acessos e permanências, velocidades de circulação de dados na rede.



Aos docentes coube um sistemático estudo de procedimentos, metodologias, apropriação de ferramentas digitais, seleção e preparo de materiais atendendo a legislação e considerando a possibilidade, disponibilidade e o acesso aos mesmos. Direitos Autorais restringem possibilidades de acessos e partilhas.

Gostaria que soubessem dos desafios que passamos a vivenciar na intenção de promover na universidade a formação de educadores e educadoras na área da saúde, em particular. No primeiro semestre de 2020 fomos desafiados a conhecer e descobrir plataformas amigáveis, aplicativos funcionais, práticos e capazes de promover aprendizagens.

Se a pesquisa pode não necessariamente significar conhecimento com capacidade de reflexão e de crítica, pois pode representar a organização empresarial em uma estratégia de intervenção e controle para realizar seu objetivo (lucro) com cálculos de meios, e para problematizar e controlar resultados, educar é mais.

Entre o *Google*, *YouTube*, *Twitter*, *Instagram*, tivemos que escolher quais os aplicativos poderíamos utilizar o *MConf*, *Zoom*, *Team Link*, *Google Meet*.

O primeiro aplicativo permitia garantia de gravar eventos, mas acesso simultâneo a apenas 4 e depois 6 câmeras, e no máximo 75 equipamentos conectados, enquanto que o último assegura até 200 participantes e até 100 câmeras simultâneas. Enquanto o *MConf* exige matrícula na Universidade, todos os outros têm acesso pago e mesmo o *Google Meet* tem acesso gratuito e livre mediante o *link* da Universidade, para gravar qualquer evento requer pagamento.

Trabalho docente que quando apresentava qualquer material *on line*, não visualizava o *chat* da sala, não visualizava os participantes.

Brincando com os pós-graduandos e pós-graduandas dizíamos que mesmo sem gostar, estávamos aprendendo a ser radialista. Um microfone, uma



mensagem, uma voz, uma fala, eventualmente uma escuta ou leitura, um comentário.

Pesquisar o uso pedagógico e educativo vem sendo realizado ainda hoje, e a especialização típica da ciência passou a problematizar cada ínfimo ponto, desde então. Tanto os pontos que pareciam apenas ocupados com a relação custo-benefício como os que se ocupavam de propor a formação de todos os acadêmicos.

E, esclarecendo, agora que já incorporamos a linguagem não sexista e que considera não discriminar, mas sim acolher e reconhecer a diversidade nas questões LGBTQIA+ (LGB, diz respeito à orientação sexual do indivíduo – lésbicas, gays, bissexuais e TQIA+, diz respeito ao gênero – TQIA+, transsexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e o sinal de + que agrega a todas as formas de manifestações de sexualidade, gênero e autorreconhecimento), na época ainda era considerada uma questão de posicionamento político e, por vezes, uso incorreto linguisticamente.

Os pesquisadores ocupavam-se com a formação, a inclusão, o acesso e a permanência na universidade. E, por formação, não falávamos do acesso ao conhecimento raso ou a rápidos cursos. Falávamos de um processo histórico onde transitávamos no tempo que permite movimentos

do instituído ao instituinte,

trabalhando com o pensamento que analisa o que existe, o que já existiu, projeta o que é possível, indaga, critica, problematiza, pergunta e se pergunta acerca das dificuldades antevistas.

Mais do que recolher o passado para interrogar o presente e abrir possibilidades para o futuro, vivenciamos naquele tempo a indagação do futuro e do passado construindo o presente como porvir para quem está em formação e pesquisa e para quem viria depois de nós, tal como vocês agora vivenciam.



Agora podemos dizer que aquela formação permitiu o nascimento e o desenvolvimento de pesquisas que passaram a incorporar o uso de plataformas digitais nos processos educativos, em caráter permanente.

Sem que se tornassem meros modismos e inovações, surgiram temas, metodologias, reformulações dos saberes anteriores e frente aos conhecimentos vigentes e, sem prescindir de contatos presenciais, seguimos as trilhas deixadas por antecessores e demos continuidade às práticas conhecidas naquele momento e que até hoje dão sequência ao nosso trabalho e ao trabalho de outrens.

A possível continuidade daquelas pesquisas agora nos desafia a seguir pesquisando e com o pensar, as reflexões e as críticas e autocríticas, respeitando os trabalhos e as tradições de pensares de clássicos na área da educação.

Mais, as conexões e os paralelos com as descobertas daquele tempo, revolucionaram o pensar e o fazer.

Trouxeram impactos sociais, políticos, econômicos e culturais que significaram resistência, transgressões, transformações, não apenas no mundo acadêmico mas para o conjunto da população fora dos muros da universidade.

Lembro de um Projeto de Extensão da UFRGS, chamado Extra-muros, surgido na década de 80 e que permaneceu longo tempo, acolhendo, comunicando e impactando a relação da proponente com a comunidade onde estava inserida.

No primeiro ano da pandemia, pareceu que tudo ficou congelado.

As ações voltaram-se ao assistencialismo para impedir a fome.

A biológica/física e a fome de saber. E, defender a vida e não a morte.

Naquele tempo, a autonomia universitária foi tematizada e requerida como meta e fundamento. E, quando da pandemia, vimos o atropelar das posições acadêmicas e



científicas como, por exemplo, quando numa lista tríplice submetida à votação no Conselho Universitário – CONSUN – tendo recebido apenas 2 votos de um total de mais de 50 eleitores daquele colegiado, e o Professor aceitou dirigir a tradicional instituição.

Sem aceitação e reconhecimento dos pares, dos representantes de servidores ou representantes estudantis. Autonomia amordaçada.

Financiamentos submetidos. Universidade controlada por sugestões de uma empresa privada de comunicação social local, vinculada a uma rede nacional.

As exigências advindas das pesquisas e dos pesquisadores individuais ou organizados em grupos passaram a ser metrificadas.

A chamada *produtividade tóxica* com rígidos índices começou a ser questionada.

As lógicas científicas, seja a cartesiana ou a dialética, foram contrastadas com pensamentos baseados na chamada pós-verdade, em *fake-news*, opiniões religiosas, fundamentalismos.

Agora parece inacreditável.

Negacionismo à lógica. O que Marilena Chauí chama de ódio ao pensar.

Negacionismo da presença do Patrono da Educação brasileira, no ano do centenário de nascimento, Professor, Doutor Honoris Causa, Paulo Reglus Freire,

Estes enfrentamentos acadêmicos e também na sociedade produziram pensamentos e ações para e na universidade e também de outras instituições. A capacidade de enfrentar os problemas e dificuldades vividas naquele momento foi fundamental para buscar conhecimentos e pensares, menos perecíveis e mais significativos para a sociedade.

Capazes de permanência, de modo a que as descobertas, os achados, os pensares e os fazeres particulares passaram a ser universalizados e divulgados com reconhecimento nacional e internacional.



As reflexões e as críticas quando vinculadas exclusivamente aos interesses privados, expressando a ausência de saberes e as tensões que indagavam aos docentes o que fazer para promover a formação.

Partilhamos com vocês o breve relato de um dia de aula, num registro singelo de diálogos intraduzíveis. O encontro de 16 de 06 de 2021, marcado por leituras de cartas, e as imagens e o *chat* da sala de aula virtual, contam uma parte desta história e este relato é do segundo grupo consecutivo que enfrentou o ensino exclusivamente remoto. Fez e permitiu que o pensar criticamente tenha se tornado ação vivificada:

Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 08:03
Bom dia!
Alana Verza Signorini – 08:04
Bom dia pessoal
Giovana Pires – 08:05
Bom dia!
Pâmela Panassol – 08:05
Bom dia!!!
Christy Hannah Sanini Belin – 08:09
Lindo texto!
Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 08:10
Parabéns pelo texto
Nathália Peter Muñoz – 08:10
Lindo mesmo!
Alana Verza Signorini – 08:10
Ficou encantador mesmo! Obrigada
Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 08:17
Muito legal!
Felippe Da Silva Schirmer fschirmer – 08:19
achei bonito o que a Christy falou sobre que aprendemos somente sobre a pressa e não sobre o lento.. .
Alana Verza Signorini – 08:22
Carlo Rovelli?
Camila Giugliani cgiugliani – 08:22
Carl Honoré – Elogio à lentidão
Resenha: <https://seer.ufrgs.br/saberesplurais/article/view/105543>
Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 08:33
Muito bonito, Luciane
Alana Verza Signorini – 08:35
Que lindo Lú!
Luciane Pauletti – 08:37
Obrigada!
Luciane Pauletti – 08:40



Adorei Elisa!!!!

Christy Hannah Sanini Belin – 08:41

Amei Elisa!

Dra Claudia Schüür – 08:44

Representando os brasileiros....

Christy Hannah Sanini Belin – 08:51

Nossa! Amei Gi, representa o que muitas mães estão sentindo

Camila Giugliani cgiugliani – 09:02

Seu nome é hoje (Gabriela Mistral) Publicado em por Maria Teresa Pina

Somos culpados de muitos erros e faltas porém nosso pior crime é o abandono das crianças negando-lhes a fonte da vida

Muitas das coisas de que necessitamos podem esperar.

A criança não pode

Agora é o momento em que seus ossos estão se formando

seu sangue também o está e seus sentidos estão se

desenvolvendo

A ela não podemos responder “amanhã”

Seu nome é hoje.

(Tradução de Maria Teresa Almeida Pina)

Elisa Hypolito – 09:07

Eu também, Alana. Hehe

Giovana Pires – 09:13

Que lindo Alana!

Elisa Hypolito – 09:13

Que lindaa

Luciane Pauletti – 09:19

Lindo Alana!

Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 09:21

Não precisa pedir desculpas

Alana Verza Signorini – 09:22

Não tem culpa, né?!

Alana Verza Signorini – 09:24

Dra Claudia Schüür – 09:30

Admiro muito quem escreveu cartas para entes que já se foram...não fiz isso pq não conseguiria ler sem chorar....

Lindas cartas

Giovana Pires – 09:30

Cartas lindas!

Hugo Mallmann De Miranda Junior hjunior – 09:31

Realmente, muito bonitas

Alana Verza Signorini – 09:35

Verdade, só quando a gente merece é que ganhamos eles

Você – 09:35

Um Quociente apaixonou-se / Fez de sua / Uma vida / Paralela dela / Até que se encontraram / No infinito / Millôr Fenandes



Luciane Pauletti – 09:37
Demais!!!
Elisa Hypolito – 09:37
Meu deus Felipe, que coisa mais linda



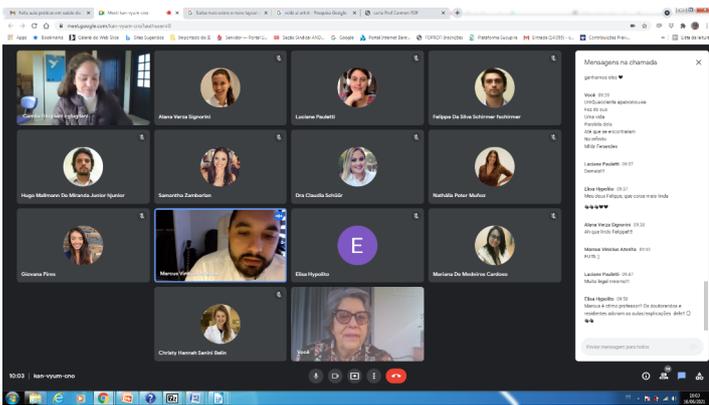
Alana Verza Signorini – 09:38
Ah que lindo Felipe!!!!
Marcus Vinicius Azenha – 09:43
EU tb ;)
Luciane Pauletti – 09:47
Muito legal mesmo!!!
Elisa Hypolito – 09:58
Marcus é ótimo professor!! Os doutorandos e residentes adoram



as aulas/explicações dele!!

Giovana Pires – 10:05
Colegas, parabéns pelas cartas!
Todas lindas e com muito
significado. Vou precisar sair da
aula. Bom dia a todos!

Luciane Pauletti – 10:08
Muito legal mesmo!
Marcus Vinicius Azenha – 10:09
Bondade sua Elisa!!
Felippe Da Silva Schirmer fschirmer –
10:13
acho ótimo
Marcus Vinicius Azenha – 10:13



Combinado
Dra Claudia Schüür – 10:13
Combinado!! :)
Samantha Zamberlan – 10:13
ótimo

Alana Verza Signorini – 10:13
Por mim, combinado também. Eu tenho
Luciane Pauletti – 10:14
Talvez eu não consiga participar, mas a
Alana Verza Signorini – 10:14
Ótima semana!!! Beijos
Dra Claudia Schüür – 10:15
beijos!



Depois dos registros acima, posso dizer para vocês que um horário previsto se estendia e expandia quando havia o envolvimento entre aprendentes e ensinantes.



Quando os sentimentos de tristeza e de alegria, o reconhecimento do envolvimento de quem falava e quando há confiança e coerência, há rupturas dos tempos previstos. O relógio para, para o grupo. Da dita ausência de saber de ingressantes nos programas de Pós-Graduação ao processo de desenvolvimento do trabalho intelectual, promotor de experiências que as modificaram, bem como à matéria em estudo, as descobertas de um tempo de muitos saberes.

Pela experiência imediata e transformadora e que desmentiu e segue desmentindo o senso comum e até agora nos obriga a pensar, a interpretar aquele presente, o originário, e o que existe agora, que passada a pandemia, reorganizadas as forças sociais, seguimos podendo fazer encontros presenciais, dialogando para construir saberes e conhecimentos de pontos complexos e de difícil compreensão que seguem convocando-nos a elaborar respostas e construir verdades para uma vida justa e digna.

Desculpem esse alongar. Estas questões exigem um retomar histórico que pretendemos apresentar de modo simples, sem ser simplista. Difícil sermos sintéticas.

Esperando ter contribuído para a formação de quem segue formando profissionais da saúde em diferentes subáreas e especialidades, seguimos à disposição, no que esteja ao alcance para seguirmos cuidando e curando; ensinando e aprendendo. Criando condições para uma humanidade que se reconheça capaz de ser mais.

Recebam o carinho e sigamos.

Com amor

Carmen e Camila



. Carta ao medo

Olá aqui é tua amiga Ana.

Sempre te vi como aquela coisa assustadora, esmagadora, sombria, que paralisa..., mas com o tempo fui te entendendo melhor, afinal, como ir adiante sem um passo de fé? Pode ser em direção a um abismo ou ao paraíso, mas sempre adiante.

Lembro que quando criança me fazias viajar, pensando no que encontraria atrás da porta, no sótão, no porão, o que é aquela sombra?

- Um monstro de outro planeta de olhos amarelos, pele verde e pelos laranjas?

- Talvez um ET amigo?

- Ah, é só um gato. Mesmo sendo um gato, melhor dormir com a luz acesa, afinal, nunca se sabe.

À medida que fui ficando mais velha, tu foste mudando. O medo de ser notada em contraste com querer ser vista. Medo de errar, de ir mal na



prova... Isso me faz uma filha ruim? Desculpa não lembrar os 26 estados e capitais do Brasil. Esse é o momento em que falhar virou meu maior receio.

Nessa idade desenvolvi minha melhora tática: Programar. Planejar o que esperar de todos e de tudo. E se algo desse errado? Já teria mais 5 passos pensados. Mas ser assim cansa! Embora tenha te reduzido a uma diminuta parcela do que já foste, a vida sem ti não era a mesma coisa.

A Vida fez questão de me mostrar que não se influenciava por meus planejamentos. Quando aquela amiga marcante e sem relutâncias teve a vida ceifada prematuramente por um descuido no trânsito, tu voltaste com tudo. Voltaste a ser gigante, e dessa vez com alguns amigos ainda mais sombrios. Por que tiraram alguém tão espontâneo daqui e não alguém como eu, inundada de medos, receios e seguranças?

A vida não é sobre não ter medo, mas sim sobre viver (ou sobreviver) apesar de ti. O medo nos move e nos tranca, mas se aprendi algo com essa amiga é “jogue-se”, “arrisque-se”, “faça o que tem vontade”, afinal, a vida é breve, os medos muitos, e as possibilidades infinitas.

Depois dessa breve divagação, venho te agradecer por me ensinar a não fugir de ti. Cada vez que o futuro parece incerto, que o próximo passo parece uma maratona, tudo o que queremos está do outro lado do Medo.

Obrigada por não ter fugido ou me sufocado, mas sim me ensinado a domá-lo.

Ana Paula Radünz Vieira





Para minha versão mais jovem

Porto Alegre, 02 de junho de 2021.

Querida Luciane,

Não estranhes o recebimento desta carta! Assim como tu, também me chamo Luciane, porém hoje não tenho mais 13 anos. O tempo passou e o mundo está bem diferente. Tu também estás diferente, mas acredito que a essência continua a mesma. Tenho uma porção de coisas pra te contar! Para começar, te digo: fica tranquila, vai ficar tudo bem.

Tu tens 13 anos, estudaste no Colégio São João, em Porto Alegre, cidade onde nasceste, cresceste e hoje vives com tua família. Não te assusta tanto com a adolescência. Ela acaba com a gente, mas uma hora ela acaba. E os frutos são mais bonitos do que toda dor que todo adolescente sente e, pasma, todo adolescente sofre. Não serás essa magrela por toda a vida. Os quilos um dia chegarão e, acredita, até vais querer te livrar de alguns deles mais adiante! Fica tranquila, vai ficar tudo bem.

Sabe as tuas amigas do colégio? Cultive bem essas amizades pois elas estarão contigo até hoje! Alguns anos mais distantes, outros mais presentes, mas tu podes contar com elas por toda tua caminhada até aqui. Teu desempenho escolar foi muito bom! Uma escorregadinha em física no último ano, mas acredite, nunca mais vais precisar dessa matéria que te fez pegar recuperação.



Depois do ensino médio vais fazer o vestibular. Terás algumas dúvidas no início... qual profissão seguir? Saberás bem o que não queres, mas precisarás de uma ajudinha para entender o que te fará feliz.

No final das contas vais escolher a Fonoaudiologia. Alguns não vão entender bem o que é essa profissão, mas com o passar dos anos não precisarás mais responder à pergunta “Fono o quê?” e vais desempenhar bem o teu papel na sociedade, como fonoaudióloga no SUS e também na clínica privada. Não te preocupes com teu futuro profissional, vais conseguir sustentar a tua família e terás prazer em trabalhar. Fica tranquila, vai ficar tudo bem.

O relacionamento com o pai vai continuar sempre bom. Ele segue teu herói, tu segues defendendo ele contra as reclamações da mãe. Ele tem boa saúde, mas passou por perrengues financeiros e hoje te preocupas com a aposentadoria dele pois já tem 75 anos e segue na luta.

Com a mãe o relacionamento vai melhorar, mas antes disso vai piorar um pouco mais. Depois que saíres de casa as coisas entre vocês acalmam. Hoje em dia ela pode contar contigo para os desabafos da vida e tu contas com ela para tudo que precisares. Ela virou teu porto seguro.

Eu sei que é difícil acreditar, mas a maturidade faz coisas impressionantes com a gente. Ela ainda insiste em controlar tudo, mas tu consegues impor os limites sem te incomodar tanto com isso. Com o teu irmão mais velho, aquele da relação de amor e ódio, vai sobrar só o amor. Vocês não convivem mais tanto juntos, mas sempre quando se encontram é uma festa!

Não estranha eu ter chamado ele de irmão mais velho... quando tu tiveres 18 anos a caçula vai chegar! Uma irmã do coração, do jeito que tu sonhavas. Chega pequeninha, com 1 mês de vida, e vira tua boneca tardia. Te experimenta um pouco mãe, determina tua vocação. Vais ter que dividir o quarto, mas fica tranquila, vai ficar tudo bem!



Perto dos 14 anos teus pais vão insistir para que entres em um grupo de jovens. Não resistes, só vai. É lá que vais entender e viver alguns conceitos que hoje ainda te são caros e essenciais: amizade, solidariedade, liderança, fé, comunidade. Vais perder o medo de viver, vais conseguir falar em público, vais encontrar teus melhores e mais verdadeiros amigos.

Mas o mais importante é que ali vais encontrar o amor da tua vida. Presta bem a atenção em um menino de cabelo comprido que vais conhecer e achar fofo. É ele! Vocês serão amigos por alguns anos, mas depois a amizade vira amor. Vocês passam por outras pessoas antes disso, mas fica tranquila, vai dar tudo certo!

Tu vais casar com esse amigo aos 24 anos. Alguns vão achar que eram muito jovens, tu segues acreditando que foi no tempo certo. Teu casamento já tem 18 anos, mas não pensa que vai ser tudo lindo o tempo todo. Virão tempos difíceis, diferenças, crises pessoais e financeiras, doenças e toda sorte de dificuldades. Vocês crescem juntos, amadurecem no amor. As turbulências vêm e vão como ondas, mas se a relação foi construída sobre rocha é mais difícil deixar ruir. Ele segue teu melhor amigo, segue te fazendo rir. Tu segue achando ele gato!

Assim como sempre desejaste, tu terás filhos. Dois filhos, Pedro e Davi. Lindos e saudáveis, com a graça de Deus. Como esperado, eles irão mudar tudo na tua vida. Mudarão a tua rotina, tuas noites sagradas de sono, teu tempo, tuas preocupações, mas também teu amor, tua entrega, tua dedicação, tu mesma. De tudo que fizeste na vida, tudo que sonhaste, de todos os dias mais importantes, nada se compara à chegada deles. Vê-los crescer faz o tempo parar. Apesar da correria da vida adulta, conseguiste ser uma boa mãe, pelo menos até agora.

Brincaste muito com eles. Contaste histórias, viram filmes, criaste músicas que os envergonham até hoje. Respondeste todas as perguntas respondíveis, e que sufoco! Hoje já são adolescentes. Pedro tem 15 e Davi 13. Passam por esta fase como tu e todos os outros adolescentes. Tem dúvidas sobre tudo, inclusive



sobre si mesmos. Sofrem, reclamam, brincam, brigam, mas tem abertura contigo, são muito carinhosos e te enchem de orgulho. Fica tranquila, vai ficar tudo bem.

Pra terminar, te conto uma última coisa com a intenção de que te prepares. Virá um tempo difícil pelo ano de 2020. Pior do que todos os outros anteriores. Aparecerá um vírus difícil de segurar e além de precisarmos usar máscaras e ficarmos distantes uns dos outros, para evitar maior contágio, ele também irá nos dividir. E essa divisão vai potencializar o vírus.

Será uma tragédia mundial, milhares de pessoas irão morrer, mas dói mais quando as nossas pessoas morrem. Tu vais perder uma das tuas mais amadas. Tua madrinha querida perderá a vida na pandemia, depois de uma dura batalha contra o vírus e contra o sistema de saúde, poucos dias antes de poder receber a vacina. Por isso te digo, aproveita ainda mais o tempo que terás com ela e com todos ao teu redor.

A vida passa no ritmo que impomos a ela mas a sensação de bem viver está diretamente ligada às relações que construímos e vivemos. Tu vais chorar, tu vais sofrer, mas te garanto que aos 43 anos, quando olhares para trás, verás que houveram muito mais gargalhadas altas, abraços apertados, beijos apaixonados, carinhos recebidos e objetivos alcançados.

Aos 43 anos tu vais finalmente resolver entrar no mestrado porque achas que agora é a hora, que ainda tens energia e porque acreditas que tens pelos menos uns 20 anos para contribuir com a ciência e a com sociedade.

Por isso, minha amiga, fica bem tranquila, não vai ser tudo fácil, mas vai ficar tudo bem.

Luciane Ferreira Pauletti





Carta ao meu "jovem" eu

Gabriel, no auge dos 20 anos, aqui é o Gabriel com 31. Parece que nunca ia chegar os 30, e tu vai sempre esquecer que já passou pros 31. Não é tão velho, mas muita coisa vai acontecer em 10 anos. Tanta que vai se surpreender.

A faculdade vai seguir, e tu vai ter altos e baixos. Vai pensar em trocar pra engenharia, mudar de ideia, se empolgar, ficar frustrado de novo. Isso vai se repetir nesses 10 anos várias vezes, mas cada vez menos – talvez seja indício de que a decisão de ficar foi certa. A faculdade vai te transformar, afinar teu pensamento crítico e ao mesmo tempo te deixar menos tolerante para ideias estapafúrdias. A semente de ciência vai crescer e guiar tuas decisões e jornadas, e ser tua maior aliada; mas tente lembrar que nem sempre é a ciência que está em discussão ou em jogo.

Mas essa certeza que a ciência traz – do sei o que sei e sei o que não sei (e que há coisas que não sabemos que não sabemos), bem como a maturidade das vivências, vai fazer a timidez que te definiu na adolescência aos poucos sumir, e a indecisão e dúvidas constantes mudarem de forma. Algumas coisas da nossa essência não nos deixam, só mudam. Vai confiar muito mais em ti mesmo, mas vai hesitar da escolha da janta, pra irritação de quem vive contigo e está com fome, às escolhas da vida, pra tua própria irritação. Mas quase sempre terás clareza para pensar e apoio da família e dessa pessoa sempre com fome do teu lado, e, pelo menos até o momento, não te arrependeste de nenhuma decisão importante que tomaste.



Falando nessa pessoa faminta, não vou dar nome para manter o mistério e a década *spoiler free*, mas achou alguém que te completa e te faz ser o melhor que podes, do mesmo jeito que fazer por ela. É maravilhoso, e já tornou a segunda metade dos 20 s melhor; imagino que só potencializará ainda mais os 30 s. Tem paciência pra todas as desavenças, porque valem a pena pro resto da vida. Só organize a janta sempre pras 19:30.

Alias, nunca teve tantos planos e ideias pro futuro. Vai estar, por incrível que pareça, no auge da tua forma física e mental. Tanto que sempre vai esquecer que já passou dos 30, a idade que parecia que nunca ia chegar e que nunca queria passar. Talvez se tivesse encontrado algumas atividades com 20 anos que fazes com 30, estaria muito mais avançado em alguns objetivos e muito mais satisfeito. Porém, é toda a diversidade de experiência, de pular de uma aula pra outra, transitar entre tantos grupos de amigos diferentes, ser esse camaleão que consegue ser e pegar o melhor de cada lugar, pessoa e atividade, que já fazes e só perceberá a importância depois, que vai te trazer até onde eu (tu) está hoje. Por isso não poderia ser diferente. Se fosse, talvez não estivesse escrevendo essa carta hoje.

Assim, enquanto vai seguir ouvindo que está no auge da idade – apesar dos anos passarem e tu sentir os efeitos da segunda puberdade aos 30 – saiba que a trilha seguiu te levando montanha acima, e que os próximos pacotes de 10 anos que tens pela frente são muito promissores. E seguindo o filme que te marcou ainda no colégio, foque no “carpe diem”, porque depois de ver “*The Good Place*” esses 31 anos vão parecer distância de um arremesso pros 80 e fim de tudo.

Mas se conseguir manter o caminho, vai ter aproveitado ao máximo e sido o melhor que poderia ser de ti e para os ao redor de ti.

Gabriel Tesche Roman





Carta para mães em isolamento

“Oi, tudo bem?” Uma pergunta tão simples, pequena, apenas 3 palavras. Porém carrega uma imensidão, que por vezes, não conseguimos nem mensurar. O caos da pandemia trouxe uma solidão / silêncio para muitos, mas para outros um barulho interminável.

Está tudo bem? Não sei!

É tanto caos que não temos tempo para fazer essa reflexão. A resposta vem automático “sim!” Afinal ninguém está fisicamente doente.

Mas no fundo, a resposta que grita é o NÃO!

As exigências da maternidade já são inúmeras, mas nesse contexto de isolamento, parece que se multiplicam em progressão exponencial! Socorro!

Ser inteira no trabalho online, não deixar cair o nível.

Ser inteira no cuidado e atenção ao pequeno ser que depende 100% de você. Ser inteira na função mãe/prof, sem muitas vezes nem saber como. E na hora de ser inteira para si, não tem mais nem o “eira” para contar história.



Eu vejo sua confusão, seu estresse, sua culpa, sua vontade de sair correndo como se não tivesse para onde voltar!

E saibam, está tudo bem não se doar 100%! Tudo bem o trabalho não estar justificado e ter algumas vírgulas faltando! Tudo bem seu filho almoçar vendo tv hoje para q vc coma a comida quente! Tudo bem não fazer a tarefa da escola e descobrir sobre cores e formas na brincadeira em família! Tudo bem não estar tudo bem! Tudo bem não estar inteira! Tudo bem assumir que em alguns momentos tudo estará ótimo, e em outros, péssimo – isso num intervalo de 1 h muitas vezes!

Ter todo o carinho e compaixão q temos com os outros, vale para nós tbm! Os níveis de alegremia são importantes na sua casa tbm, não apenas da porta para fora! Meu abraço a todas!

Exigir de seres tão pequenos, atitudes tão adultas só geram sofrimentos.

Exigir produtividade 24/7 gera a mesma intensidade de frustração nos adultos.

Que a gente não reproduza isso em nós

Nos nossos filhos, nos pacientes e nos alunos

Viva o processo no seu tempo.

Giovana Pires





Porto Alegre, 23 de junho de 2021.

. Querido eu,

Destino-te estas palavras para que não te percas de ti. Se, porventura, vier a parecer que a brevidade das minhas experiências (comparadas às tuas) me impede de fazê-lo, lembro-te que tua sofreguidão pode ter te desviado dos nossos intuitos, e, nesse ponto, a paciência, que ainda tenho, ampara-me. Ademais, se um dia fomos pueris, deste tempo estou mais próximo.

A esse propósito, leva contigo as memórias da nossa infância, pois de certo o que constitui nosso entender sobre si (ou sobre nós), ainda deve estar lá. A fantasia de não entender o que se passa diante da gente talvez seja o que faz parecer mágico ter sido criança – guardar um pouco disso pode ser que nos proteja; sei que é distante, mas ainda deve estar lá.

Desencorajo-te, contudo, a lamentar, em tom nostálgico, aquilo que não vivemos. Optar por não trilhar um caminho é distinto de não optar por trilhá-lo, e essa distinção reside na convicção que tivemos (até então) do que fizemos – e também do que não fizemos. Guarda teu lamento para as frustrações que tivemos, pois delas vale a pena lamentar.

Nos tempos em que eu vivo, a expectativa sobre o indivíduo é algoz: somos nosso próprio carrasco, que nos cobra mais felicidade com mais intensidade em mais experiências e maior produção, que culminam em melhores resultados em menos



tempo com menos esforço e mais merecimento: estamos imunes. Desde agora tu já sabes te proteger e prezar (um pouco) por nós.

Nos tempos vindouros, caberá a ti não esquecer quem sou. Se serás bem sucedido, se atenderás expectativas, se cumprirás as minhas promessas, não sei. Dei-te a permissão para negar a mim – e talvez isso me motive a te escrever. Caberá ao mesmo indivíduo a capacidade de formar e ser formado, de criar e ser criado, de ser herdado e de herdar? Deixo-te a herança do que eu sou.

Nas restantes coisas, não te preocupa. O senhor bem sabe que a existência, ainda que digna de louro, ao cabo, é miséria. Por isso, se não somos quem eu quis, também essa vontade provavelmente não mais há. O senhor saberá qual caminho lhe é próprio, pois lhe acompanho não mais como um indivíduo volitivo, mas sim como o que poderia ter sido – e foi.

Carinhosamente,

Nós.

Henrique Umpierre Pedroso





Cara meninazinha dos olhos verdes,

Te escrevo hoje para dizer que preciso que lances voo. Sinto que todas as sirenes, buzinas e reco-recos atingiram um som ensurdecedor a todos os ouvidos hoje vivos. Precisamos, em conjunto, novamente de ti criança.

Certa vez, ainda quando na faculdade, um professor refletiu sobre os nossos “bebês que morrem”. Os bebês que morrem representam nosso imaginário antecipado de uma situação que vem ou pode vir a acontecer, tangenciando a realidade, revelando nossos desejos e pensamentos mais otimistas – e que morrem quando a realidade chega. E aí temos dupla batalha: encarar a realidade inesperada e enterrar o bebê que nos enluta.

Apesar da tua presença própria da alma, sinto que nesse momento precisamos ouvir novamente teu nome. Precisamos poder continuar concebendo bebês que morrem gordos e bonitos, porque é isso que nos motiva a buscar um propósito, um sonho, um objetivo. Mesmo que tenhamos que lidar com o luto. O teu voo é o que nos ampara.

Te aguardamos na calçada.

Vanessa Vicenzi



Carta ao Theodoro

Filhote,

Sempre achei que quando tu nascesse o mundo nunca mais ia ser o mesmo pra mim, mas nunca imaginei que para o resto do mundo também. Claro que teu nascimento foi um marco importante (o maior da minha vida), mas estou falando sobre o marco da pandemia. Acho que a marca dela ainda está chamuscando, como marca de ferro em brasa, em todos nós, nas mais diversas partes (cabeça, pulmão, coração..).

Ainda não sabemos como essas marcas vão cicatrizar – para alguns talvez fiquem quase imperceptíveis, mas para outros, vai formar queloide. Acredito que essa reação depende da vivência de cada um, e isso me faz pensar em algo que eu tenho percebido nos últimos tempos que é: no meio dessa guerra contra o vírus, paralelamente voltamos a travar uma guerra de trincheiras – cada um na sua tela.

Pensei nisso enquanto assistia, nesse último final de semana, o filme "Feliz Natal", que fala sobre o dia 25 de dezembro em 1914 quando soldados da Escócia, França e Alemanha decidiram confraternizar e deixar as diferenças de lado por uma noite.

Pode parecer só um relato histórico à primeira vista, mas algumas coisas me parecem muito atuais.

Uma das reflexões que me causou, foi sobre como a distância – de uma trincheira para outra ou de uma tela para outra – borra nossas memórias, nossos limites. Acho que a distância faz parecer que somos mais diferentes do que realmente



somos, e que os "lados" que decidimos apoiar, nem sempre são tão opostos como parecem.

Tanto as telas quanto as trincheiras nos tiram a perspectiva da situação real, de como as pessoas do outro lado realmente são e como estão.

Quando pudermos chegar mais perto uns dos outros de novo (e não necessariamente isso precise ser fisicamente), tenho a esperança de que as coisas fiquem mais simples e mais claras.

Te escrevo isso por dois motivos: tu nasceu num mundo digital e vai viver com pessoas com muitas cicatrizes.

Assim como numa guerra, a proximidade com a morte dificilmente passa tão perto sem deixar cicatrizes e sequelas.

Não foi diferente comigo nem com muitas pessoas que te amam.

Espero que tu aprenda desde cedo a sempre te aproximar das pessoas o suficiente para entender que as cicatrizes de cada um explicam muito sobre elas.

E quando não puder te aproximar, não esquece que só porque não vemos, não significam que não estão lá.

Um beijo enorme e um abraço apertado da mamãe.

Alice, 23 de junho de 2021

Alice Lang Silva





Querido filhote,

Uma nova era está se formando na frente dos nossos olhos, vivenciamos novos tempos, novos hábitos e uma nova vida. Estamos sendo “obrigados” a reaprender a trabalhar, nos divertir e estudar, enfim, reaprendendo a viver. Porém, nem toda essa mudança é positiva, pois com ela vem a restrição da nossa liberdade de ir e vir ou mesmo a perda de quem amamos. Fomos obrigados a evitar beijos, abraços e visitas, para demonstrar cuidado e amor. Sei que tu sentes muita saudade de brincar com teus amigos e ir aproveitar o dia na casa dos teus avós.

Ainda que o novo assuste, percebo que há um lado menos obscuro nesse processo, é possível encontrar prazer em pequenos momentos do cotidiano que passavam despercebidos. Aproveitamos mais cada minuto com a minha família, finalmente tenho acompanhado o teu crescimento, ser uma mãe moderna muitas vezes nos cerceia de algumas pequenas dádivas maternas. Hoje brincamos mais juntos de várias formas, andando de bicicleta, jogando jogos de tabuleiros e no vídeo-game e assim venho aprendendo mais sobre os teus gostos e detalhes da tua personalidade. Acredito que este “isolamento forçado” que estamos enfrentando, nos faz criar boas memórias para uma vida futura.



Atualmente conversamos sobre nossos medos, angústias e planejamos um futuro, um novo normal, pós pandemia. Tentamos, teu pai e eu, nos dividir em mil para dar conta de tantas tarefas que surgiram com o isolamento social, passamos a exercer o papel de professores, recreacionistas, faxineiros, cozinheiros, estudantes, profissionais, marido/esposa, pai/mãe, filhos e ainda temos que deixar espaço para ser nós mesmos. Sei que quando tudo isso passar, vamos ter uma visão diferente do que é felicidade e realização.

Com carinho, Mamis

MARIANA DE MEDEIROS CARDOSO





Carta

Porto Alegre, 23 de junho de 2021.

Lembro da última vez que escrevi uma carta. Isso foi em 2012. Deixei-a embaixo do travesseiro dos meus pais e voltei para a cidade onde eu fazia faculdade de medicina. Na carta, eu contava a eles sobre como era difícil eu aceitar o fato de eu ser homossexual e como isso afetava minha vida como um todo; questionava minha capacidade de autocontrole e de como eu tinha receio de eles sentirem vergonha de mim e eu do resto do mundo. Falava dos amores não correspondidos, das incertezas e do medo de ficar sozinho. Logo eu, que sempre sonhei com filhos e família grande.

Uma carta bem redigida sempre deixa uma única interpretação, sem chance para dubiedades. E assim o fiz: direta. Eu sabia que contar a eles daquela forma não era o ideal, mas meus pais, que sempre incentivaram a escrita e a leitura, sabiam ler, interpretar, absorver e serem suporte sempre. Lembro de eu ter feito um pedido de que eles nunca tocassem no assunto por telefone e, respeitosamente, assim o fizeram. Quando retornei para casa, num período de férias, meu pai me chamou para uma conversa junto com minha mãe; falaram do conteúdo e fizeram duras críticas ao fato de eu ter escrito uma frase em discordância com as regras gramaticais da língua portuguesa e que ficaram mais



chateados por eu ter escrito aquilo de forma errônea do que com o fato de eu ter assumido, a eles, algo tão íntimo. As sensações que aquela situação toda me trouxe não poderiam ser mais incríveis. Depois disso, achei que todos os problemas da vida iriam terminar. Mas tive experiências dolorosas, afastei-me da universidade por 16 meses e, quando retornei, sabia exatamente o que queria, onde queria e por que queria. Ao prestar prova para o mestrado, eu sabia que um desafio enorme estaria comigo: eu tinha pouca experiência em pesquisa, quase não havia publicado, pouco conhecia sobre normas da ABNT e o principal: tinha uma ideia e não tinha noção de como pô-la em prática. Como sempre fui movido a desafios, encarei e a seleção me deu a oportunidade que estou vivendo atualmente. Hoje, não conheço quase nenhum dos meus colegas pessoalmente. A maioria, são fotografias no *Google Meet*. Outros, são sorrisos nos locais de trabalho ou no aconchego dos seus lares. Paro para pensar no quanto a experiência da pandemia pode ser transformadora. Vivemos em uma sociedade doente, com valores que não consigo enxergar como aceitáveis. A sociedade tem acesso a muita informação, fácil de identificar se verdadeira ou não. E mesmo assim propaga essas informações de forma vergonhosa, mentirosa e tendenciosa. Estar neste programa, com os colegas que eu tenho, proporciona-me um suspiro de esperança, felicidade, conhecimento, vida. Esses suspiros fazem eu acreditar em um mundo onde a educação é, de fato, transformadora. Estar aqui é muito mais do que aprender sobre ABNT, normas, regras, publicações, últimas tendências nos estudos. Estar aqui é conviver, é viver, é tomar uma taça de vinho e confraternizar. É aprender que um cafezinho pode ser bem simples, mas pode ser a bebida mais fina, se assim o quisermos. É meditar e buscar a paz que merecemos. É recitarmos poesias e até compormos versos. É sobre perdas e



ganhos, chegadas e partidas. É sobre falar de saudade, do nosso íntimo, das nossas dores e dos motivos que nos fazem felizes. Viver essa experiência me faz ter vontade de deixar um recado para cada um, poderia ser por mensagem de *WhatsApp*, *sms*, *e-mail*. Mas quando nos sentamos para escrever uma carta, até o formato da nossa letra pode dizer muito sobre o que estamos escrevendo e sobre o que desejamos transmitir a quem escrevemos. Quando propõem que escrevamos uma carta, não tem como não pensar em abrir um vinho ou passarmos um cafezinho ou, mesmo, tomarmos um copo de água. Esse ritual compõe o ato de escrever e faz com que nossos sentimentos sejam mais bem traduzidos. Hoje, nos despedimos dessa parte da jornada e eu tenho certeza de que, mesmo com a pandemia, aprendemos diariamente sobre viver, conviver, aprender, trocar, conhecer, compreender. Saímos dessa parte da experiência com o sentimento de dever cumprido, de termos evoluído, de não termos sido negacionistas, de termos sido coesos e, principalmente, de termos sido suporte um ao outro. Que a gente possa conviver mais, viver mais e que, em breve, não precisemos mais viver de cartas e, sim, de abraços, de sorrisos sem máscara e de liberdade.

Grato pela experiência até aqui e por ter sido, mesmo em pouco tempo, enriquecido e transformado por cada um de vocês.

Bernardo.

Bernardo De Lima





DE HUGO PARA A DONA DO MEU ESPÍRITO

Oi, querida!

Eu sou o Hugo (existem alguns, mas eu me apresento assim, acompanhado de um dos meus sobrenomes – Mallmann). Sou provinciano, de uma parte longe demais das capitais, no Sul do Brasil. Alguém que teve as imagens da vida criadas a partir da perspectiva da janela do apartamento onde cresci (com vista para a Avenida 24 de Outubro).

Uma vista bem legal! Bem movimentada, às vezes. Para muitas pessoas pode parecer enfadonho e monótono. Mas para mim não era. Porque eu tinha a tua companhia. O teu abraço. O teu embalo. O teu ritmo. A tua entonação. Enfim sempre estiveste ao meu lado. Por isso, escrevo esta carta para ti, Música.

Eu sempre digo que meu primeiro amor e meu primeiro casamento foi com meu Grêmio. Porque é algo concreto, em que posso colocar uma aliança e sair por aí mostrando. No entanto, meu espírito sempre foi teu. Certamente, minha mãe já te mostrava para mim,



enquanto eu morava no ventre dela (som do velho rei do *rock and roll*, ou do rei Roberto). Só que depois que eu nasci, parece que nossa união ficou inabalável.

Primeiro vindo pela voz do meu pai, quando ele cantava o Acalanto para eu dormir (podes acreditar que até hoje me faz dormir em paz). O pai nunca foi muito afinado, algo que eu descobri depois, mas o amor dele por ti era tão grande, que nem precisava cantar bem.

Lembro quando te apresentavas para mim, a medida que eu crescia, com as mais diversas roupas, como em um desfile de moda. As cantigas de roda, as músicas do palhaço Carequinha, as músicas das histórias / estórias infantis: eu ouvia todas, eu vivia todas, eu respirava todas. Então, me apaixonei por ti e tomaste conta do meu espírito.

Fui crescendo em estatura e largura. E tu estavas lá. Mas de roupa nova! Aliás, uma das bandas tinha esse nome, como outras do rock nacional, que explodia, assim como os meus hormônios. E não era somente o ritmo acelerado da Vida Bandida do Lobão. Tinha que ter o espaço para tua versão mais sutil, mais lenta, que, apesar disso fazia o coração acelerar, paradoxalmente, quando ia em direção das gurias.

O mais interessante é que me acompanhaste em tudo. No sentimento de desobediência civil, de inadequação com as normas, com meu corpo, com minha voz, com minha vida e com a vida de quem me rodeava. Trouxeste a roupa preta e a escuridão para que eu pudesse ver o lado obscuro das coisas. Trouxeste a distorção das guitarras, que era a visão que eu passei a ter da vida. Não da minha. Mas do mundo. Um mundo distorcido pela mentira, pela indiferença, pela dureza dos sentimentos, pela violência. E cada música do *Metallica* que eu ouvia, mais eu explodia internamente (às vezes externamente).



Mas na hora certa sabias me acalmar. Quando o limite tinha sido passado, tu me fazia desacelerar. Aparecia montada de *Pink Floyd* e me fazia pensar, viajar, ultrapassar as barreiras da mente e do corpo. Igualmente com o velho *Sargent Peppers*.



Neste meio tempo, decidi prestar a minha homenagem a ti. Por toda a tua dedicação. Te materializei com seis cordas e em formato de curvas. Desta vez, tocando no meu corpo. E mais uma vez a simbiose se fez. E até hoje, quando nos encontramos de forma material, é como se fosse a primeira. A paixão, o amor, a minha voz te chamando (quando eu acerto a



afinação, é melhor claro). Não pude depender somente de ti para viver. Mas ficaste com a minha melhor parte. Ficaste sempre com meu coração.

E foram vários momentos juntos: festas (às vezes não estavas tão bonita, mas, enfim...), bebedeiras, pós-bebedeiras, outras químicas, namoradas (nunca tivemos ciúmes um do outro), Carnaval, formatura, casamento...

Momentos felizes e momentos tristes... Sempre lembro da tua forma, da roupa que usavas em cada momento marcante. E sempre estavas e estás comigo. Sempre pronta. Sempre me abraçando. Sempre me consolando. Sempre me alegrando.

São apenas algumas palavras. Nunca conseguirão traduzir o tamanho do meu sentimento por ti. Pobre da alma que não te valoriza. Que não te conhece. Que te despreza.

Certo que há vida sem a Música. Mas que vida seria?

Obrigado por tudo,

Hugo Mallmann

Hugo Mallmann De Miranda Junior





Carta aos isolados

Meu caro amigo, sou uma isolada, como você. Tempo estranho esse em que vivemos. Momento no qual negar um abraço ou um beijo é um ato de cuidado. Em que andamos sós e sem rosto. Em que vivemos mais de experiências e interações virtuais do que reais, e nos contentamos; estamos sem opção.

Nenhum homem é uma ilha, como já disse John Donne. Essa metáfora traduz o homem como ser social, que se alimenta de estímulos, que aprende observando o outro e que necessita dessa interação para dar sentido à sua existência. Sem o outro, nossa integridade mental se esvai. Isto porque pertencemos à humanidade, e ela nos pertence. A separação dói.

Considerando nossa natureza gregária, como pode o homem sair intacto de um período extenso de isolamento social? Não podemos. Sair ileso desse *déficit* de contato é incompatível com a realidade, pois estamos prisioneiros da nossa própria individualidade. Privados do contato em massa, alguns de nós tem a sorte de se refugiar em suas casas, restringir as relações de afeto ao núcleo familiar e, assim, sentirem-se seguros do vírus.



Outros, no entanto, não têm a opção de serem isolados, como nós. Nunca puderam parar de trabalhar fora, nunca deixaram de utilizar meios coletivos, de servir ao outro. Sem condições de N95, álcool gel, ou até mesmo sabão e água encanada. Comida, agora também falta. Ao lançar um olhar mais atento à realidade do outro, da maioria, é impossível que nós não nos sintamos privilegiados em nossa condição de isolados.

Refletindo sobre nossa situação, que é coletiva e desigual, em que saídas podemos pensar? Escuto alguns conhecidos falarem em fuga, seja ela geográfica ou de consciência, em que atitudes para burlar as medidas sanitárias se justificam a favor da sanidade mental; há também aqueles que se entregaram cegamente à fé de que nenhum mal dura para sempre ou à resignação sobre destinos predeterminados. Assim, tentam seguir com a vida normal.

Penso que nosso destino não está predeterminado. Ao contrário, temos a liberdade para pesar as consequências das nossas decisões, e isto se mostra muito mais duro do que deixar a sorte decidir. Demanda que sigamos em frente, mesmo que às cegas. Mesmo que sem saber se colheremos os frutos dos nossos esforços ou se perderemos coisas pelo caminho. Mesmo assim, sigamos, fazendo o bem. O que nos salva de uma vida medíocre é o apreço pela coletividade e o cuidado com o outro.

Christina Fiorini Tosca





Carta para aquela que ainda não sabe ler.

Porto Alegre, 10 de maio de 2021

Minha querida sobrinha Isabella,

Ou qualquer outra pessoa leitora destas minhas palavras, que porventura possa compreender a razão pela qual escrevo. Primeiramente, preciso registrar que o ano de 2020 não foi dócil e gentil como era esperado, muito pelo contrário, chegou trazendo más notícias, desespero e tristeza para muitas famílias. Tivemos que procurar coisas boas para sermos gratos e alegria em ter o necessário. Isso já é outra história.

Chegastes em nossas vidas de forma tão rápida e inesperada. Através de uma ligação descobrimos que estavas a caminho. Minha irmã nem sabia que te esperava e sonhava contigo há tanto tempo, afinal, foram longos anos de espera na fila de adoção. Em meio ao caos de uma pandemia, tu trouxe emoção, alegria e esperança.

Ainda não sei como conversar com você, como ser ouvida por você, nem sei tampouco o que você, em sua infância, está me dizendo. Mal te conheço, pois há um distanciamento obrigatório entre nós. Mas, quero falar contigo sobre três coisas importantes, para levas pra vida.

A primeira é que é preciso ter paciência para entender o tempo das coisas. Paciência para discernir, para exercitar a intuição desde sempre. A paciência gera experiência e a experiência gera esperança. E nesse mundo que vivemos precisamos de muita esperança.



A segunda é não lute contra o tempo, encare ele como um aliado e não como um inimigo. Nosso tempo nunca tem tempo; parece que vivemos de correria, de pressa, de pensar continuamente no amanhã, no depois de amanhã, no futuro que nunca chega, porque nosso movimento é sempre de falta, de ausência, de subtração.

Aprendemos, desde cedo, sobre a pressa e muito pouco sobre o lento. Mas use o tempo a seu favor, aproveite cada segundo da tua vida com as pessoas que ama e que te fazem bem.

A terceira é que crianças não são ignorantes. Alguns adultos tentarão afirmar isso e te convencer que é verdade, mas não se engane.

Na nossa sociedade atual, crianças e idosos são colocados em lados opostos, divididos pelos adultos que detêm todo o conhecimento e poder. São adultos preocupados com metas, como se o futuro fosse um plano a ser realizado. Tu estás próxima de fazer história, apenas é considerada como se não estivesse pronta.

Será que não está? Imagina se todas as gerações, crianças, adultos e idosos, pudessem estar juntas e vivenciar diversas trocas, conversas, aprender as habilidades uns dos outros, experimentando-as por si próprias.

Penso numa sociedade que em vez de excluir as crianças da tarefa de fazer história, pudéssemos todos se unir e forjar um mundo para todos, unindo a curiosidade com a sabedoria.

Minha pequena, com isso tudo quero dizer: tenha paciência, viva cada momento, não deixe ninguém te menosprezar e expresse seus sentimentos.

Espero te acompanhar por muitos anos e ser tua amiga e confidente.

Com todo meu amor, Christy.

CHRISTY HANNAH SANINI BELIN





.Distância

Em meio às adversidades que surgiram em um ano atípico de tudo aquilo que havíamos vivenciado até então, antes falávamos sobre união e mais aproximação, agora, o distanciamento tem sido a anunciado.

Agora, de norte a sul e em tantos outros lugares, como fica a saudade de todos os nossos pares? Família, amigos, colegas... Agora, a saudade, de todos os nossos lares, o lar não só da família, mas de todos aqueles lares que nos acolhe e nos ensina.

Tem lar que nos ensina a cuidar, amar e se colocar no lugar do outro. E assim, em meio a um distanciamento, nos aproximamos. O cuidado nos aproxima, a empatia também. Quando nos distanciamos, aprendemos a cuidar e zelar a cada vida que merece ser vivida.

Escrevo para aqueles que estão longe, família, lar. Saudades de lá... daqueles que me ensinaram a cuidar, hoje, daqui, escrevo porque essa é a melhor forma de expressar todo o zelar.

E nessa saudade, espero, em breve, que todo cuidado que agora aprendemos se transforme em muitos abraços e retorno para os lares que nos fazem aprender, compreender... e ser.

Dedico a todos que estão longe das suas famílias.

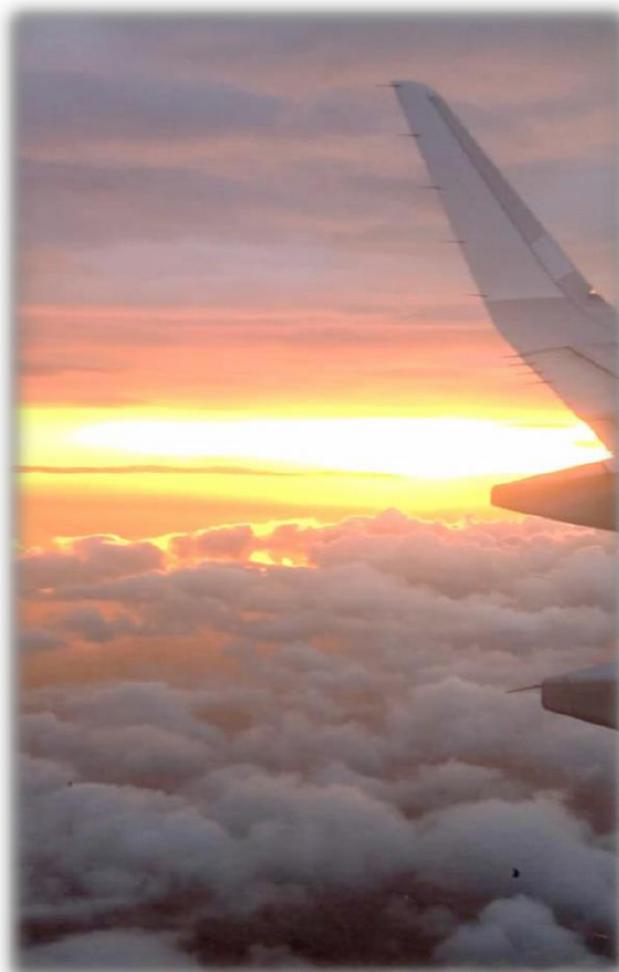


“Mesmo quando tudo
pede um pouco mais
de calma
Até quando o corpo
pede um pouco mais
de alma
A vida não para.

Enquanto o tempo
acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço
hora, vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
espera a cura do mal
E a loucura finge que
isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando
cada vez mais veloz
A gente espera do
mundo e o mundo
espera de nós
Um pouco mais de
paciência”



Novembro, 2019

Foto autoral.

Paciência – Lenine

Carta apresentada à disciplina ENS14
Mestranda:

Cibeli Oliveira da Cunha Rego





Carta II

Me chamo Nathália Peter Muñoz, escrevo do ano de 2021, dia 1 de julho. Um outono frio em Satolep (Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil). Pandemia do Coronavírus assombrando o nosso país, escassez de vacinas, pessoas lidando com as dificuldades e manter a sanidade mental em meio a tudo isso.

Escrevo essa carta para minha avó materna, Iari Marli Peter, falecida no ano de 2012, com apenas 54 anos de idade. Deixando uma saudade imensa entre nós.

Oi vó, que saudades!

Escrevo pra poder colocar em palavras o que não consigo te dizer olhando nos teus olhos.

Queria que soubesse que sempre foste e sempre serás um orgulho pra mim, uma avó guerreira e determinada. A minha infância foi muito mais feliz por te ter por perto, obrigada por ter sido tão carinhosa comigo o tempo que estivemos juntas, tua única neta enquanto estivesse vivendo nesse plano conosco.

Hoje, o Victor, teu filho, te deu mais uma netinha, a nossa Manuela, que com apenas 1 aninho já trouxe tanta alegria e felicidade pra todos nós. Sei que só ela é capaz de amenizar a dor que ele sente por ter te perdido com apenas 18 anos.



Tua partida foi tão precoce e tão repentina. Faltou você em tantos momentos da minha vida, ninguém entendeu porque isso precisava acontecer, logo contigo. Do fundo do meu coração espero que tenhas encontrado paz e que estejas nos acompanhando e dando força em todos os momentos, inclusive nesse momento tão difícil que estamos passando.

Por aqui, sigo ao lado da mãe, do Victor e da dinda Claudia. Nossa família já não é mais a mesma sem você, mas, seguimos e estamos firmes. Te amarei eternamente, vivo esperando pelo momento que iremos nos encontrar novamente e poderei te dar aquele “upa”, abraço bem apertado que eu queria tanto ter de dado mais milhares de vezes.

Gostaria de compartilhar que avós são uma das melhores coisas da vida, e que todos que ainda têm a sorte de terem os seus, que aproveitem. Eles vão embora, e muitas vezes nós temos vergonha de dizer um simples “eu te amo”, uma hora essa chance acaba.

Digam, amem, aproveitem! ♥

Nathalia Peter Munoz





. Carta para o tempo...

Vai devagar que eu não consigo te acompanhar. Estou tentando, mas você anda muito acelerado e não consigo te acompanhar.

Percebi que enquanto eu estava correndo atrás de ti, deixei cair algumas coisas pelo caminho. Caíram algumas risadas com amigos, caíram algumas olhadas na paisagem, caíram alguns momentos que nem percebi por que eu estava correndo. Percebi também que correr tanto às vezes me deixa cansado, sinto dor no corpo, sono e muitas vezes fico irritado.

Já me perguntaram o motivo de eu estar sempre correndo, o que eu estou procurando, onde eu quero chegar, o que eu quero acumular, se vale a pena correr tanto. A verdade é que eu não consigo responder a maioria dessas perguntas. Então eu continuo correndo.

Recentemente, percebi talvez uma das piores consequências de correr assim. Algumas pessoas passam pela nossa vida e alguns momentos são perdidos simplesmente porque não parei. A consequência foi que o tempo passou, o momento passou e, algumas vezes, as pessoas passam e não voltam mais.



Então, tempo, eu só posso dizer que ainda estou aprendendo a lidar contigo, tentando ainda achar o equilíbrio entre correr e parar. Infelizmente, às vezes, é necessário acontecer algo inesperado para que repensemos alguns aspectos de nossa vida.

Vou começar com um dia de cada vez, tentar reduzir um pouco a velocidade, e ver como vai ser.

Lucian de Souza



Então, esse foi um momento de aprendizagem com esta turma. Foi um momento de felicidade estar contigo, poder falar com eles. E, foi um momento de questionar o que já estávamos discutindo: algumas possibilidades de sequências de pesquisa.

Estou meio parado. Um tempo de pensar só trabalhando e a gente esquece de pesquisar outros temas. Agora que eu me aposentei de uma área que eu trabalhava (ANVISA), mas esta é uma das histórias de minha vida como médico, nesse momento continuo só com o consultório.

Assim, tem surgido muita vontade de voltar a estudar. E, naquele momento, da aula, foi um momento muito feliz porque, no meio do processo, mostrando o interesse, mostrando o desejo de poder fazer e fazer bem feito, o estudar, o aprender, o pesquisar. Então, foi um momento de muita, muita felicidade mesmo.

Já tive oportunidade de fazer muitas coisas nesses 40 anos de profissão. Criar. Porque, fiz Psiquiatria social e tive a oportunidade de trabalhar com excelentes profissionais como o Professor Jorge Alberto Costa e Silva, que era o presidente da Associação Mundial de Psiquiatria Social, com quem trabalhei 10 anos no Rio de Janeiro.

Fiz formação em Psicologia Analítica, Psicologia Junguiana, onde tive como orientadora a Doutora Nise da Silveira e como analista didata o Doutor Geraldo Morteau.



Na época não existia nem a Associação Junguiana Brasileira (AJB). Sempre me mantive fazendo psiquiatria, e meu interesse pelo social sempre foi muito grande, desde estudante.

Desde a época de estudante ginásial já tinha um envolvimento com a política estudantil. Mais tarde, com a política, porque nós somos seres políticos. Política, se vocês quiserem, na minha tese, "A FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO DOS SUJEITOS SENTIR – PENSANTES: UM LUGAR DE DISPUTA E MEDIAÇÃO" tem uma descrição de porque é que nós somos seres políticos (pag. 45), desde o momento da nossa concepção, nós nos transformamos em agentes, em seres políticos.

Imaginem, nós psiquiatras. não sei se com todos, mas no caso na Colônia Juliana Moreira, que na época era uma resistência as políticas autoritárias do governo Color de Mello fomos retirados desse hospital, e fomos colocados a disposição para trabalhar no Circo Nacional, naquele momento de decepção muito grande já estava com uma ideia de sair do Rio e também pedir a minha transferência para o RS. Foi negado.

Pedi licenciamento para tratamento de interesse. Abri consultório e espaços para a luta antimanicomial.

Na minha cidade, fui chamado por um colega, aquele professor de Urologia a quem eu queria homenagear como melhor didata, para assumir um cargo no Hospital Psiquiátrico de Rio Grande. A intenção era, assim como já tinha sido fechado o hospital de Santos e vários outros hospitais psiquiátricos que maltratavam pessoas, que não tratavam pessoas.

No Hospital Psiquiátrico, em qualquer lugar do mundo, é pior do que cadeia, porque na cadeia a pessoa sabe o que esperar, sabe que vai para lá e, no Hospital Psiquiátrico, tem o nome de hospital, o que para o imaginário social é um lugar de cuidado. Fui trabalhar no hospital e consegui ficar um ano.

Nesse meio tempo, porque o pedido de transferência foi negado, e, o chefe do posto da Delegacia Federal de Saúde, que era em Rio Grande, estava pedindo médicos, e, como era concursado do Ministério da Saúde, fui indicado para ir na Delegacia Federal de Saúde, que fazia o controle sanitário do porto de Rio Grande. Então, imaginem a salada de fruta que era minha vida profissional. Meio-dia ocioso, neguei inicialmente.

Depois, acabei aceitando e fui trabalhar na vigilância sanitária, onde permaneci durante muitos anos. Junto com o grupo que estava no Ministério, na antiga Secretaria de Vigilância Sanitária ajudamos a criar a vigilância sanitária – Anvisa, nesse período. Na Vigilância Sanitária segui até o cargo de Diretor da Vigilância Sanitária da ANVISA. Me aposentei pela vigilância sanitária, durante muitos anos de trabalho em saúde pública.

Muita gente me cobrava de que eu fazia alguma coisa e não era especialista. O que está fazendo? E, eu sempre me perguntei porque eu não posso escrever uma poesia se eu não tenho título de poeta? Porque só poeta pode escrever poesia? Qualquer um de nós pode escrever poesia. E, assim eu pensava na minha profissão.

Mas, não começou às vezes dizer que hoje quem não tem residência não consegue entrar nem no corpo clínico de nenhum hospital de trabalho em lugar nenhum eu quando me formei nós nos formamos trabalhavam se vocês trabalhar porque não tinha exigência a minha faculdade que era Faculdade de Medicina de Rio Grande nem se falava em estágio mestrado doutorado residência não nós temos que formar e trabalhar ganhar dinheiro que o negócio para ganhar dinheiro e se ela nossa formação e eu no meu pensamento é diferente eu tinha uma ação diferente mas eu era cobrado.

Por isso, acabei fazendo especialização em saúde pública né só conheci uma colega Historiadora que estava dando aulas que disse: – “o que é que estás fazendo aqui? Tu é que tens que dar aulas” sobre este assunto, por que ela fazia o mestrado.

E, foi aí que eu conheci a Carmen e conversei com ela durante uma tarde inteira. Acabei ficando aluno especial do curso. Nos primeiros meses me achei um burro. Porque eu não entendi nada do que eles falavam na sala de aula. Imaginem. Falavam sobre Espinosa. Na época estavam estudando o livro A nervura do Real, da Marilena Chaui sobre Espinosa, o filósofo holandês do século XVII.

Nos primeiros dias eu chegava em casa e falava para minha esposa, vou sair, não vou continuar nesse negócio. Ela disse que não desistisse. Achei muito boa essa ideia, se passou um tempo e eu consegui fazer uma linha de conexões e a partir de uma fala, e começar a entender um pouco, comecei a gostar. Fiz a prova para mestrado e acabei entrando na área de pesquisa da Carmen, Formação de Professores nas Linhas Pesquisa: Trabalho, movimentos sociais e educação, no PPGEDU. Educação e saúde.

Apresentei o projeto do mestrado e ele foi para qualificação. Foi indicado para passagem direta para o doutorado. E foi que eu fiz. Sou Doutor em Educação.

<http://jungcurrents.com/wp-content/uploads/2011/03/jung-mandala-ten-quotations-jungcurrents.jp>

Muita gente me cobrava de que eu fazia alguma coisa e não era especialista. O que está fazendo? E, eu sempre me perguntei porque eu não posso escrever uma poesia se eu não tenho título de poeta? Porque só poeta pode escrever poesia? Qualquer um de nós pode escrever poesia. E, assim eu pensava na minha profissão.

Mas, não começou às vezes dizer que hoje quem não tem residência não consegue entrar nem no corpo clínico de nenhum hospital de trabalho em lugar nenhum eu quando me formei nós nos formamos trabalhavam se vocês trabalhar porque não tinha exigência a minha faculdade que era Faculdade de Medicina de Rio Grande nem se falava em estágio mestrado doutorado residência não nós temos que formar e trabalhar ganhar dinheiro que o negócio para ganhar dinheiro e se ela nossa formação e eu no meu pensamento é diferente eu tinha uma ação diferente mas eu era cobrado.

Por isso, acabei fazendo especialização em saúde pública né só conheci uma colega Historiadora que estava dando aulas que disse: – “o que é que estás fazendo aqui? Tu é que tens que dar aulas” sobre este assunto, por que ela fazia o mestrado.

E, foi aí que eu conheci a Carmen e conversei com ela durante uma tarde inteira. Acabei ficando aluno especial do curso. Nos primeiros meses me achei um burro. Porque eu não entendi nada do que eles falavam na sala de aula. Imaginem. Falavam sobre Espinosa. Na época estavam estudando o livro A nervura do Real, da Marilena Chauí sobre Espinosa, o filósofo holandês do século XVII.

Nos primeiros dias eu chegava em casa e falava para minha esposa, vou sair, não vou continuar nesse negócio. Ela disse que não desistisse. Achei muito boa essa ideia, se passou um tempo e eu consegui fazer uma linha de conexões e a partir de uma fala, e começar a entender um pouco, comecei a gostar. Fiz a prova para mestrado e acabei entrando na área de pesquisa da Carmen, Formação de Professores nas Linhas Pesquisa: Trabalho, movimentos sociais e educação, no PPGEDU. Educação e saúde.

Apresentei o projeto do mestrado e ele foi para qualificação. Foi indicado para passagem direta para o doutorado. E foi que eu fiz. Sou Doutor em Educação.

Neste período, na vigilância sanitária realizei meu trabalho de tese. É sobre a vigilância sanitária no Brasil. A Vigilância Sanitária de portos aeroportos e fronteiras, que é muito específica. Pesquisamos com gente de todos os lugares do país.

Atuando na VISA, tinha médicos e enfermeiros, tinha professor educação física, fisioterapeuta, tinha profissionais de todas as áreas e para que todos tenham o mesmo conhecimento, possam ter/desempenhar as mesmas ações. Por que todos nós fazemos a mesma ação – a fiscalização de portos aeroportos e fronteiras, independente da formação de origem.

Das Flores em de formação e até a minha tese que até sugestão de um outro Professor da FAGED, sugeriu trocar o título. Tem o conceito de sujeito sentir pensante e foi assim que eu me tornei Doutor. Continuei mais um tempo em Brasília 2007, e vim para cá, voltei para o Rio Grande do Sul.

Segui estudando.

Fui aluno do conhecido médico, Yoko Moriguchi quando fiz o Curso de Geriatria e Gerontologia.

Ter feito o Doutorado em Educação me ajudou a me entender muito mais. O porque que eu fazia e o que eu estava fazendo, o quê na verdade eu sempre fiz, desde que me formei, e, até hoje faço.

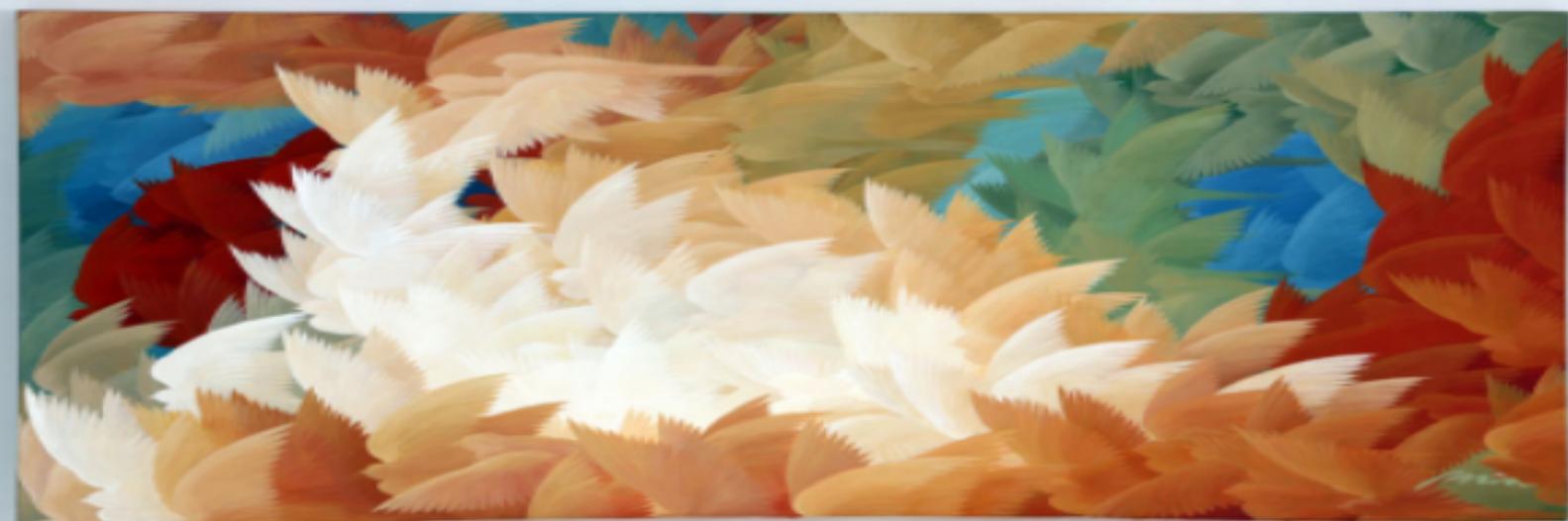
Escrevendo essa carta eu continuo fazendo o que discuto desde o ano 1970: a educação e saúde.

Paulo Ricardo Santos Nunes

<http://jungcurrents.com/wp-content/uploads/2011/03/jung-mandala-ten-quotations-jungcurrents.jpg>

systema munditotius.

II – Narrativas de memórias que comunicam os silenciamentos



Cartas narram e ao narrar silenciam. Entre o que é escrito e o que o quem lê precisa intuir, refletir, imaginar, inspirar, co-criar. Cartas são oportunidades de explorar os sentidos e significados das escolhas teóricas e metodológicas. Contações de histórias e silenciamento de vidas.



II – Narrativas de memórias que comunicam os silenciamentos

As portas do nono andar – WAGNER MICHAEL PEREIRA

Querido universo – MARINA PICOLO MENEGOLA

Aos meus colegas do PPGSCA – ANA PAULA MARTINEZ JACOBS

Carta à Larissa – BERNARDO DE LIMA

Carta para Larissa – EDUARDO MONTAGNER DIAS

À Larissa – JESSICA NEUENFELD PANIZ

Queridas professoras e colegas – JOANA MATTIONI OURIQUE

Boa noite a todos os queridos colegas e professores dessa disciplina – MARIANA C M CORSO

Aos colegas e professoras da turma de 2021 – CAROLINE HENDGES KLEIN

Boa tarde, colegas – NICOLE ELEN LIRA

Essa carta é para os que ficaram... – NATHALIA FLORES OLIVEIRA

Para Nathália – Carmen

Carta para quem se forma em tempos de aprendizados das perdas – Carmen e Camila



.As portas do nono andar

Sou um Hospital grande de uma grande cidade. Sinto cada tijolo do meu corpo, cada vergalhão de aço que me sustenta, sinto os encanamentos que levam e trazem a vida, minha vida. Sou protegido por portas, fechaduras, travas, ando pelos corredores onde as luzes se acendem com o meu passar.

Tenho olhos por todos os cantos, em todos os andares que vigiam, espreitam, que procuram. Tenho catracas, tenho pisos, tenho tetos, elevadores. E tenho seres humanos que entram e saem do meu corpo como se fossem seus próprios corpos. Acho que eles não sabem que eu vivo.

Tomaram posse de mim, há décadas, sem pedir, foram entrando, me transformando segundo suas necessidades. Tenho uma certa dificuldade em marcar o tempo, mas acho que foi no ano passado que tudo começou. Convivo com muitas doenças desde que nasci, aliás, esta foi minha missão desde as fundações.

Abrigo pessoas com ataques cardíacos, com doenças cerebrais, acolho fumantes, diabéticos, hipertensos, aqueles que andam com dificuldade e os que nem andam. Vejo a dor e o sentimento, vejo a súplica e a revolta, vejo jovens, velhos e bem velhos.

Tenho lágrimas com os que entram chorando mas também sorrio quando os vejo contentes, um tempo depois, embarcarem em seus carros, pela minha porta da frente, para uma vida a



reconstruir. Sinto uma tristeza profunda, insone, pelos que saem pela porta dos fundos, solitários na sua última e fria jornada.

Ela chegou um dia. Um dia qualquer daquele verão. Primeiro pelo rádio com notícias em terras distantes, depois pela televisão com cenas chocantes que nos deixaram perplexos. Uma nova doença, uma nova praga, uma peste negra numerada chamada covid-19. Pessoas caindo nas ruas, gente desacordada nas calçadas, hospitais lotados, mortes muitas. Entreei-me atônito. Imediatamente as pessoas que me habitam reagiram, isolaram andares, construíram UTIs, compraram roupas de proteção, luvas, ensinaram a lavar as mãos, juntos passavam cada conhecimento novo a todos.

O treinamento para usarem corretamente o material, a ajuda mútua, o companheirismo, os vídeos feitos por eles mesmos, a princípio, amadores, o que importava era estar preparado. Mas meu sentimento era paradoxal, sentia-me despido como uma árvore no inverno.



E esperamos, esperamos. Um mês, dois, dois e meio, e nada. Ela chegou numa quarta-feira, dia 26 de fevereiro de um ano sem luz. Veio vindo, rápida pelos aviões, célere pelas fronteiras, lenta como o rodar das hélices das embarcações nos portos. Chegou afinal. Lembro-me dos primeiros casos, dos seus rostos, dos olhos angustiados, da retração intercostal, do azulado dos seus lábios, de suas mãos encrespadas e dos medos. Lembro bem dos medos. Jamais esquecerei os medos.

Aos borbotões começaram a chegar os doentes, fila separada para os sintomáticos, ficavam na emergência até a tomografia dar o veredito. Fiquei triste ao saber que 30% do pulmão com aspecto em vidro fosco era um comprometimento comum. E muito abalado quando a doença atacava mais de 50% do órgão. Vi quando internavam os positivos em quartos com isolamento total. Proibi visitas, separei famílias, intimidei psicologicamente a todos. Era a guerra à minha porta. Vi destruir em pouco tempo todo sistema tradicional de saúde, as relações sociais, familiares, o comércio, o turismo e as nossas certezas. Sim, vi o mundo das incertezas e do medo afogarem os naufragos desesperados.

Tive um andar inteiro contaminado em um único dia. Perdi médicos, enfermeiros, técnicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, colaboradores da limpeza, todos daquele andar foram para o isolamento e testagem. Inimaginável. Naquela época os testes demoravam mais de dez dias para definirem o resultado.

O nono andar foi ficando lotado. Eram para lá que levavam os casos com mais cuidados. Necessitavam de oxigênio, aspiração de secreções, medicamentos, muita fisioterapia, e carinho. Não sabíamos muito, na verdade. Quando a porta larga de um quarto do nono andar fechava, o doente deixava para trás todos os seus vínculos e sonhos. Estava só sentado perante a angústia. Era a porta de entrada de um mar infinito, profundo e aterrador, e esperançoso ao mesmo tempo, de não ir para a UTI, sigla que significava morte certa em suas mentes. Era o que diziam na mídia.



A médica responsável pela chefia da emergência e do nono andar era a Dra. Anna. Logo viu que precisava de ajuda, aquilo não era tarefa para individualistas, reuniu um time de resposta rápida, chamou colegas de todas as especialidades no enfrentamento da crise. O tratamento era multidisciplinar. As portas de madeira de lei foram cortadas no seu lenho e imensas janelas de vidros instaladas. E as portas do nono andar ficaram diferentes.

Ao contrário do que pensei no início, os vidros não devassavam as pessoas nos seus pudores mais íntimos, não tiravam a privacidade dos ocupantes daqueles quartos marcados.

Os vidros resgatavam almas perdidas para o convívio, dissipavam os olhares de tristeza, incluíam em vez de afastar. Pequenos sorrisos de um canto de boca eram significantes progressos. Os médicos e enfermeiros poderiam vê-los, cada um, do corredor, olhar os monitores com eletrocardiogramas, as pressões arteriais e venosas, as arritmias, os infartos, o volume urinário, o estado anímico do ser, o sorriso e a dor. As portas reuniam famílias pelo olhar, por sinais, por afetos, por um tremor de pálpebras. Primeiro foram quatro portas, depois quase todas foram transformadas na minha estrutura. Confesso que senti uma discreta felicidade, era como se espiassem a minha alma através daqueles vidros.

Foi por eles que se beijaram pela primeira vez, a professora de português, dona Clair, com 79 anos e seu marido Juca, depois de 47 dias que ela ficou entubada no respirador. Foi um beijo trôpego, mas foi o primeiro do resto de suas vidas.

Foi na porta do nono andar que a Dra. Anna viu o seu Carlos, homem do campo, com 82 anos, ir espaçando sua respiração e seus batimentos depois de 40 minutos de massagem, até sua última inspiração antes de partir. Seus olhos se fecharam e



entraram na tenebrosa noite. E fez a balança diminuir 21 gramas. Eu Implorei que ele abrisse os olhos mas ele não obedeceu.



Foram as portas do nono andar que salvaram vidas, dos nossos avós, pais, tios, de aposentados e professores. Foram elas que viram os aplausos para os que resistiram, foram elas que ficaram marcadas pelas mortes de nossos colegas, amigos do dia a dia.

Sou um Hospital grande de uma grande cidade e jamais os esquecerei. As minhas portas...

Ao meu sobrinho Sebastião que tenha luz...

Wagner Michael Pereira.



Querido universo,

Antes de tudo, já vou pedir desculpas, o momento não é bom e as emoções estão exacerbadas.

Não sei o que está acontecendo, sinto que estamos perdendo o rumo. Tempos difíceis onde a gente não pode estar perto de quem amamos, sei que não é sua culpa, mas precisamos mudar isso.

Saudades é um sentimento tão difícil de explicar que existe em poucos idiomas em uma única palavra. Sensação que dá é que cada vez ficamos mais sozinhos. Confesso que já chorei sozinha e implorei por explicações tuas, afinal, onde já se viu fazer a gente passar por tudo isso? Não consigo entender a brevidade dos momentos, o susto de uma tragédia, a falta de empatia.

Talvez o problema de ser empático esteja no fato de a saudades doer mais, de querer sempre achar uma explicação para o acontecido. E não, não me conformo com os últimos acontecimentos!

Precisamos que tu nos ajude, queremos um colo, uma mão amiga em meio ao caos! Por favor, nos ajude a superar as adversidades, e não me venha com mais notícias ruins, a gente não vai aguentar, faltam lágrimas.

Desculpa o desabafo, mas precisamos de ajuda, de notícias boas, de abraços!!

Marina Picolo Menegolla



.Aos meus colegas do PPGSCA,

Nasci em uma família com muitos professores e acompanhava de perto o cotidiano de um professor e, por isso mesmo, não cogitava a hipótese de me tornar uma. Por outro lado, tive o privilégio de ter excelentes e inesquecíveis professores durante a vida, mas também, é claro, alguns não tão bons assim, que, felizmente, foram poucos. Porém, foi na graduação em medicina que conheci os meus grandes mestres e, então, a ideia de tentar me tornar algum dia um pouco semelhante a eles e representar para alguém um pouco do que eles representavam para mim começou a me encantar.

Após a graduação, iniciei a residência médica de pediatria e foi nessa etapa que essa ideia ganhou mais força. Ao acompanhar os internos / doutorandos e compartilhar um pouco do meu conhecimento, percebi uma mudança neles, tanto como profissionais quanto pessoas. Junto a isso, ao ver boa parte desses internos concluindo a graduação em meio a uma pandemia, tendo a tão sonhada formatura na tela de um computador, iniciando a vida profissional praticamente em um cenário de guerra e lidando com tudo isso com muita resiliência, senti um orgulho gigante deles! No mesmo período, vi as minhas “R1” (residentes que eram do primeiro ano quando eu era residente do segundo ano) se tornarem pediatras excepcionais e, por mais que não tivesse sido diretamente professora delas, senti, mais uma vez, o orgulho gigante.

No mesmo período, vi muitos casos de pacientes que foram mal manejados tecnicamente e que foram tratados de uma forma desprezível por muitos “colegas”. Vi, também, muitos “colegas” sem preparo técnico, mas principalmente, sem condição nenhuma de cuidar, de amparar e de acalantar a dor de outra pessoa. Afinal, não é para evitar isso que lemos e escutamos tantas vezes a citação do psiquiatra Carl Jung *“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”?*



Então, para sentir esse orgulho gigante e para tentar mudar a forma de cuidado dos profissionais de saúde, a tal ideia lá do início ganhou força total e se tornou um sonho, um objetivo: conseguir compartilhar o jeito que eu considero o jeito certo de se fazer pediatria e o jeito certo de se cuidar de gente e, assim, talvez conseguir fazer diferença, por menor que seja. E foi nesse momento que vocês, queridos colegas, entraram nessa história. Iniciar essa jornada em meio a uma pandemia, de forma online, parecia que iria prejudicar nossa aproximação. Obviamente, se fosse presencial, seria melhor, mas, mesmo de forma virtual, nosso contato foi melhor do que o esperado. Já conhecemos as casas, já recebemos fotos dos pets e já percebemos um pouco da personalidade de cada um, o que faz com que a gente se sinta mais próximo um dos outros. Se online já tivemos essa ligação, imaginem se fosse presencial?

Mas, por algum motivo, esse grupo tão querido foi abalado na última semana. A triste notícia da partida precoce da Larissa nos impactou. O nosso maior meio de contato, o nosso grupo do *WhatsApp*, silenciou. Eu conheci a Lari em 2017 através de amigos em comum, enquanto fazia estágios em POA. Apesar do contato ter sido breve, o que me marcou desde o início foi a voz dela. Eis que na nossa primeira aula dessa disciplina aquela mesma voz forte e de timbre único se pronunciou e vi que seria colega dela no mestrado. Não tive muito contato com a Lari, mas pelo pouco que a conheci e pela forma com que amigos em comum a descrevem, ela era uma pessoa certa dos seus objetivos, fiel com seus princípios, buscava o conhecimento incansavelmente e entregava o seu melhor em tudo que fizesse.

Essa voz única e forte dela clamava por ciência e pela verdade e essa mesma voz que busca o que é certo, que busca o melhor e que quer fazer diferença é o motivo de todos nós estarmos aqui, no mundo acadêmico. Então, meus queridos colegas, espero que essa nossa voz de quem quer aprender, de quem quer mudar e ensinar nunca seja calada. Espero que essa nossa voz sempre consiga acolher ao próximo, estimular e impulsionar àqueles cujos nossos caminhos se cruzarem e, principalmente, aprender e ensinar.

Com carinho,



Ana Paula Martinez Jacobs

. Carta à Larissa.

Sempre me disseram que nunca devemos deixar a chance de dizer “obrigado”, “eu te amo”, “tu mudaste a minha vida”, porque talvez pode ser tarde demais. Mas como a vida é um sopro, há alguns dias te perdemos e eu não pude agradecer do jeito que tu merecias o grande impulso que me destes há 2 anos, quando nesse mesmo período, estava eu, um sextanista, passando no estágio de emergência pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre contigo.

Lembro da risada marcante e de como tua alegria contagiava, além de um conhecimento infinito e de não se importar em ensinar o que sabia para mim.

Lembro de me impulsionar a fazer prova no HCPA, pois dizia que eu era a cara do programa.

Lembro da janta de despedida do estágio na casa do Prof. Joca e tu contando do teu internato, do que vinha pela frente e do que tu desejas fazer da tua vida. Era inspirador escutar alguém tão cheia de vida.



Lembro que guardei teu nome e sempre que eu podia lembrava da residente de pediatria, do sorriso largo, da fala alta e da risada marcante e que me deu aquele impulso para fazer o que sempre quis.

Na última sexta, estava de plantão e meu companheiro – que foi teu colega de curso – me contou o que havia acontecido: a vida, verdadeiramente, passou como um sopro e eu havia perdido a oportunidade de te agradecer por ter sido tão bacana.

Percebi que, além de mim, muitas outras pessoas tinham a mesma certeza: a Larissa fez toda a diferença. Eu só preciso dizer obrigado por ter passado por aqui e deixado marcas tão importantes na vida de quem pode ter a felicidade de conviver contigo.

Outros, ainda completariam dizendo “eu te amo” e, no fim, tu podes ter certeza, Lari, tu mudaste a vida de todos o que puderam te ver, te ouvir, te abraçar e ter tu por perto sempre.

Descanse e olhe por todos nós.

Um abraço fraterno.

Bernardo



Carta para Larissa

Eu queria, inicialmente, escrever esta carta para a minha bisavó Luiza. Eu não tive a oportunidade de conhecê-la, mas soube que ela tinha uma *joie de vivre* invejável a qualquer pessimista em potencial. Tenho certeza que teria aprendido muitas coisas com ela. A gente sempre aprende muito com as pessoas.

Mas a carta de hoje eu escrevo pra ti, Larissa. Tu que tinhas sonhos provavelmente iguais aos meus, ou pelo menos, muito parecidos. Tu que estavas sempre alerta nas aulas em que tive o prazer de participar contigo.

Tu que tinhas um tom de voz tão peculiar, que eu não precisava nem te ver para saber que eras tu. Tu que cruzaste por mim no único encontro presencial que tivemos antes de iniciar-se esta pandemia, e sorriu. Tu que estavas tão cansada após um plantão e ao mesmo tempo tão ansiosa para ver teus pais no interior, que acabaste ficando no carro, cansada e ansiosa, sem dispositivo de segurança.

Mas por que partiste? E como vai ser daqui para frente? Temos muitas crenças, sobre a finitude da vida e sobre a vida eterna; sobre a materialidade do corpo e a espiritualidade da alma; sobre a despedida definitiva ou sobre um reencontro em outro plano. Dúvidas se passaremos pelo purgatório ou se ascenderemos diretamente aos céus! Há cultos, velórios, missas, e há até quem faça uma festa bem linda, para celebrar os momentos felizes daqueles que passaram por aqui e deixaram seu legado.

Tua partida me deixou arrasado. Mas queria te dizer que tenho, mais uma vez, repensado na vida que levo, no tempo que dedico à minha família, meus amigos e meus amores. Momentos assim me fazem refletir sobre as coisas que realmente gosto: curtir o sol e o



vento no rosto, a caminhada no bairro, o café quente, o passeio de bicicleta no parque, os latidos, miados, cantos e cantigas, um passante rindo sozinho ou o sorriso de um desconhecido.

Se a vida é sobre aprender e ensinar, digo que sou um aluno dedicado, e que também tenho os melhores professores. Mesmo em momentos tristes como este, eu quero aprender tudo. Mesmo na dor e no luto, também quero ensinar. Não tenho clareza absoluta sobre minhas crenças. Se seguimos ou ficamos. Se ascendemos ou fazemos uma pausa para penitência. Se é o fim, ou só o começo. A única certeza que eu tenho hoje é que eu estou triste. Só isso.

Obrigado por tudo,

Eduardo Montagner Dias



Porto Alegre, 22 de Junho de 2021.

.À Larissa

Foste tu a primeira pessoa a falar comigo, foi contigo o meu primeiro estágio, era na tua casa que os encontros aconteciam.

Agregadora, era só ouvir um *toc toctoc* e sabíamos que eras tu.

A voz presente, inegável de ser tua.

Decidida, dedicada, autêntica.

Uma mistura boa.

Claramente tu.

Encasquetava com algo e conseguia.

Decidiu que teríamos fotos... e temos as mais lindas de todas.

Foste humana, gente que gosta de gente.

Gente que sabia se divertir.

Tua vida foi linda, intensa, útil, ímpar.

E tua partida também nos ensina.

Tua partida precoce nos ensina a apreciarmos os momentos únicos, simples e singelos.

Tua partida nos relembra que a vida é um sopro,



ou um vendaval,

como foi a tua...

ensina que passamos

e deixamos marcas em cada pessoa...

e sabemos que tu deixaste várias marcas em várias pessoas.

Fica bem, nós ficaremos também.

Jessica Neuenfeld Paniz



. Queridas professoras e colegas.

Porto Alegre, 23 de junho de 2021

Eu hoje escrevo essa carta com o coração partido. Acredito que nós como médicos em geral trabalhamos em busca do controle, tentamos estabilizar pacientes e controlar fatores de riscos que podem tirar a vida dos pacientes. Quando esse poder de controle foge da mão, a sensação de impotência é muito grande e nos questionamos o porquê e como chegamos a isso.

Neste semestre de mestrado discutimos muito sobre formas de *buen vivir*, alegria e ensinar. Creio que ensinamos as vezes sem nem mesmo nos dar conta. Diante da situação que aconteceu com a nossa querida colega Larissa, reflito sobre a nossa amizade e o quanto que eu aprendi com ela com pequenas atitudes do dia a dia. A Larissa, tinha uma alta alegria, vivia irradiando a sua luz e energia, dona de uma opinião forte e sabia o que queria, tinha um coração enorme. Quanta atitude, quanta vida! Podemos compartilhar bons momentos durante essa matéria, quem não teve o privilégio de conviver com a Larissa, pode nessa matéria, sentir o quanto só uma aparição em aula ou em uma apresentação ela tinha esse poder de marcar todos quando passava.

Compartilhar bons momentos e leveza, foi o que tivemos nesse semestre com as discussões e trocas de receitas ou conhecimentos gourmets. Gostaria de terminar nossas trocas de maneira diferente, com a Larissa aqui, mas a vida novamente quis ensinar outra lição. Como estamos construindo nossa jornada? O que deixaríamos se a vida se encerrasse



hoje? Acredito que a vida envia pessoas como a Larissa para nos mostrar que devemos olhar para nós e refletirmos o que somos e o que vamos aprender com quedas como essa.

Termino minha carta com um *link* (<https://mmediacao.com.br/a-vida-de-bert-hellinger>) com as palavras de Bert Hellinger, um psicoterapeuta e escritor alemão, um texto forte e marcante, chamado “A Vida”, onde ele conclui que tudo o que passamos na vida é que para que o nosso melhor se manifeste até que só o amor permaneça.

É isso que desejo a todos nós e para a Lari onde ela está: Amor.

Espero que ela esteja sentindo todo o amor e carinho que tínhamos por ela.

Nós estaremos bem aqui, com saudade, mas sempre lembrando dela de maneira carinhosa e com muito amor.

Uma carta escrita com o coração apertado e saudosa, mas com muita gratidão por partilhar bons momentos com todos vocês.

Com carinho,

Joana Mattioni Ourique



Boa noite a todos os queridos colegas e professores dessa disciplina,

Espero que todos estejam bem!

Encerra-se hoje essa disciplina e com ela encontros leves de muito aprendizado e trocas.

Apesar de muitas vezes apenas ouvindo, a conclusão com uma visão ampliada sobre o significado de ensinar.

Me foi transmitido muito mais do que conhecimentos didáticos, mas como o acolhimento das diferenças se faz necessário, principalmente num momento tão delicado como o da pandemia.

A compreensão das diferentes realidades, não impondo situações de exposição, é um exemplo perfeito.

O envolvimento da turma nas tarefas é outra amostra de como a disciplina agregou no conhecimento.

A leitura de textos como alegria, a exposição de diferentes trabalhos e a confecção de um mural carinhoso para a Camila que, por exigências da maternidade, não pôde se fazer presente nas aulas, são outros exemplos de como os encontros foram produtivos.



E, por fim, infelizmente o assunto mais marcante, a despedida da nossa querida colega, Larissa.

Presença marcante que sempre permanecerá presente no coração e na saudade de sua família, amigos, colegas e pacientes!

Esteja em paz!!!

Assim encerro essa carta com um poema para refletirmos:

Um forte e carinhosos abraço a todos.

Mariana

“Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante do que a velocidade”.

Clarisse Lispector

Mariana Cristina Moraes Corso



Aos colegas e professoras da turma de **2021**

Acho que é consenso que este último ano foi e tem sido muito desafiador para todos nós.

Este turbilhão pandêmico veio para mudar completamente nossa rotina, fazendo com que nos reinventássemos e tivéssemos que nos adaptar a esta nova realidade imposta.

Muitas pessoas queridas que nos deixaram, muitos empregos que desapareceram e muitos abraços que não puderam ser dados.

No meio de tudo isso, terminei minha formação como gastro pediatra e iniciei minha vida profissional.

Acho que não sabia muito bem o que esperar deste ano e ainda não sei, mas percebo o quanto já mudei desde o início do mestrado.

Além de todo o conhecimento técnico, houve uma clareza maior em relação aos meus objetivos de vida e minha alegria.

O que me deixa feliz?

O que eu quero para minha vida?



Sim, nem sempre os caminhos são os mais fáceis ou claros aos nossos olhos, mas dessa forma vamos construindo a nossa trajetória.

Neste caminho vamos nos apoiando na nossa família e amigos. Infelizmente, neste último ano, uma prima muito querida foi brilhar lá em cima, assim como nossa querida Lari.

Espero que estejam felizes e alegrando a todos lá de cima.

Por fim, gostaria de agradecer a companhia de todos os colegas e professora nas noites de quarta, seja tomando um cafezinho ou um bom vinho, comendo uma massa, ou fazendo uma massagem.

Com certeza contribuíram para o meu *buen vivir!*

Caroline Hendges Klein

Porto Alegre, 23 de junho de 2021.



Porto Alegre, 22 de Junho de 2021

Boa tarde colegas,

Essa semana estive pensando, em decorrência de acontecimentos recentes no trabalho e na vida pessoal, como a vida é frágil. Acredito que muitos de nós pensamos nisso no último ano, devido essa pandemia que estamos enfrentando, e qualquer novo acontecimento nos coloca ainda mais a refletir.

Estamos nessa vida de passagem, enquanto estivermos aqui nada nos impede de aproveitarmos ao máximo essa viagem.

Aproveitar ao lado das pessoas que amamos, sorrir, abraçar, fazer e ser feliz.

Estamos muito acostumados a pensar no passado e fazer planos pro futuro, muitas vezes deixando de aproveitar o principal, o “hoje”. Já dizia José Saramago:

“A vida é breve, mas cabe nela, muito mais só que somos capazes de viver”,

assim, fico inclinada a vivermos o máximo no curto tempo que temos.

Hoje, quando acordei de manhã havia um e-mail na minha caixa de entrada do banco de sangue do HCPA, falando sobre os níveis críticos e a necessidade com urgência de todos os tipos de sangue, resolvi agendar minha doação, fazer



com que essa reflexão dos últimos dias se transforme em oportunidade de vida para alguém.

Desejo que possamos aproveitar cada segundo do melhor jeito que nos é permitido. Além disso, quero agradecer a todos vocês por esse semestre e a chance de termos nos conhecido.

Obrigada a todos,

Um abraço com carinho,

Nicole.

Nicole Elen Lira



.Essa carta é para os que ficaram...

A vida é um sopro. Confesso que a incerteza da morte me assusta. Fomos ensinados a acreditar que existe uma vida após a morte (algo feito para que não percamos a esperança de que a morte é só mais um “acontecimento” e que há uma continuação).

Fomos ensinados a não pensar muito nela. A seguir a vida como se ela não existisse, o que fez com que ela se tornasse um tabu. Falar da morte é desconfortável, né? Nada otimista, nada alegre... mas ela existe! E está sempre muito perto de acontecer. Seja conosco, seja com algum ente querido.

Temos que aprender a viver contando com a possibilidade de morrer a qualquer momento. Isso implica em não deixarmos pra amanhã aquela demonstração de carinho, aquele momento em família, aquela comida gostosa da mãe. Isso implica em não adiar sonhos, não reprimir vontades. Isso implica em não aceitar pouco quando se quer muito. Isso implica em aprender a descansar e não a desistir.

Durante essa disciplina perdemos uma colega. Uma jovem médica que muito nos ensinou sobre vinhos em uma das aulas. Uma voz e uma personalidade muito marcante. Inacreditável que em uma sexta-feira qualquer, indo para o aniversário do pai, ela perderia a vida.

Essa carta é para os que ficaram... nunca se sabe como será, quando será, por que será. Só sabemos que um dia irá acontecer.

Viva!

Nathalia Flores Oliveira



.Para Nathália,

Agora que li tua carta, preciso agradecer.

Tua sensibilidade e tuas memórias são muito semelhantes às que guardo comigo da presença da Larissa.

Ela segue viva em nós.

Nós que contamos histórias, desfrutamos de vinhos e não podemos deixar para depois e ao mesmo tempo viver com calma e tranquilidade as pressões que chegam, seja do mundo do trabalho ou de quem defende a meritocracia como se todos partissem de um patamar mínimo que assegure o básico para todes.

Se autorizares gostaria de ler para os colegas da turma da noite.

Há braços para abraços, mesmo que virtuais.

Carmen



. Carta para quem se forma em tempos de aprendizados das perdas,

Para vocês.

Viver.

Viver e aprender.

Aprender a perder.

Aprender a conviver com as perdas.

Hoje, convido a quem vive nos tempos de Pandemia, e, lê, a fazer três movimentos, seguidos de partilhas acerca de escrito-leituras (Escri-leituras, conceito formulado pela colega-amiga, Professora de Filosofia, Sandra Mara Corazza, produzido em livros, divulgado na rede informatizada ou nos encontros).

O primeiro movimento, um pedido de abrir uma câmera e registrar numa imagem o que está disposto a compartilhar com outros. A presença. Por vezes, não se está disposto a mostrar, “abrir a câmera”, deixar-se ver. Se estivermos uns com os outros e umas com as outras, ou uns com os outros, o mostrar de si é sempre uma escolha.

E que ninguém se sinta constrangido ou na obrigação de, mas que, quem queira, possa abrir a câmera, saber que serão “fotografados” e fotografar.



Num segundo movimento, pensar junto sobre a questão da avaliação. Avaliação não como medição. Não como uma forma classificatória. Avaliação como o que fazemos corriqueiramente ao julgarmos. Ao tomarmos uma posição / decisão sobre o que vemos, ouvimos, lemos.

Corriqueiramente não costumamos refletir sobre. Simplesmente se olha para alguém que passa e julga. Seja pela altura, volume, gênero, tipo de roupa, poder aquisitivo. Enquadramos qualquer pessoa que passa pela nossa frente. Falar em avaliação de pessoas, mesmo sem dizer nada.

A comunicação é outro passo desse movimento de refletirmos sobre o como usamos a observação no processo de avaliação.

Ao falarmos de avaliação e o como se dá na escola ou na universidade, de imediato vem à mente os trabalhos e as provas. Por vezes nada provam, posto serem apenas alguns dos instrumentos que se pode usar para avaliar. Pretendem saber se o outro aprendeu, o que aprendeu, num único momento.

Aqui falamos de avaliação no sentido mais aprofundado do termo. Por exemplo: preciso escolher o meu melhor cálice para podemos fazer um brinde. Escolher a flor mais bela para entregar a quem aniversaria. O mais íntegro sorriso. O digno reconhecimento a quem escreve.

E, um terceiro movimento, brindar ao sorriso, às escritas, às falas. Aqui, e neste momento dedicando à Larissa. Aquela que compartilhou com essa turma, era sempre a primeira a chegar e em todas as quartas-feiras a noite deste semestre, em que esteve presente, ela ensinou a ser reconhecida, a degustar um bom vinho, independente de valor monetário. Beber deste vinho. Homenagear a ela é uma forma de pensar a avaliação. E, como esse processo é muito mais do que um gole de vinho. Poder falar sobre a dor e a perda.



Por que não há como fazer de conta que não nos afeta a sua falta. Sempre começávamos a aula, e ela entrava com a câmera aberta, um sorriso e junto recebia a quem ia ingressando na sala virtual. Conversando com ela, mesmo nunca tendo encontrado fisicamente, no virtual pude aprender a reconhecer a voz. Mesmo sem ver a imagem, sabia quando Larissa falava.

A voz era inconfundível. Esse é um processo educativo que, para quem costuma encontrar presencialmente na sala de aula, agora aprendendo a ensinar à distância ou de modo remoto, permitiu o marcar ter dito para Larissa: – já reconheço a tua voz, sei que és tu quem fala. Te reconheço na fala.

Ao conhecer e reconhecer valorizamos o compromisso que temos conosco mesmas e com as pessoas que estão em nosso entorno. Com certeza, o conjunto dos alunos participaram desta vivência com a Larissa, não só nessa disciplina, mas compartilhando juntos várias outras atividades, locais, ambiente de trabalho, hospitalar, ou no curso de Mestrado.

Muitos dos movimentos planejados se deparam com outras coisas, outras condições, e, por vezes, a vida vai trazendo outras possibilidades. A flexibilidade de planejamento não é discurso e ao se concretizar pode ser exemplificada com o ocorrido na aula da noite do dia 09/06/2021.

A aula programada se deparou com a presença física de uma visita em minha residência mesclando espaços públicos e privados.

Um ex-orientando e ex-aluno dessa mesma disciplina, hoje amigo e em recuperação da covid-19. Como não aproveitar essa experiência vivida por ele, tanto como aluno, como mestrando, como doutorando, como médico, como psiquiatra, como alguém que passou 45 dias, inconsciente, em uma UTI–covid, em



Porto Alegre. Depois, mais de 30 dias, recuperando as forças, os efeitos colaterais e as sequelas nele deixadas pela covid-19, no ano de 2020.

Por que rejeitar uma carta que surgiu do convite feito aos presentes virtualmente naquele dia? Como não aproveitar toda essa experiência de vida e compartilhar isso com vocês? Como avaliar uma situação dessas? Situação que mexe com a vida e a morte?

E agora? Seja no exemplo vivido por Paulo. Sobrevivente. Seja na situação da perda da Larissa. Por acidente. Seja na experiência do ensinar o viver o sofrimento, a dor e transformá-los não apenas em conceitos ou no preenchimento de formulários como quando se faz uma avaliação (atribuindo notas), mas, no que vivenciamos como humanos e humanas que somos.

E, ao acolher as cartas que vocês foram escrevendo nesse período de um semestre, o que quero e declaro aqui é a inteireza de ser o que sou.

A inteireza de ensinar o que, sei e muito mais vezes o que não sei, tal como escreveu Roland Barthes no livro *Aula* (São Paulo: Cultrix, 1978. Texto proferido na aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária, no Colégio de França em 1977). A brevidade do volume, se confunde com a intensidade e radicalidade do autor.

A linguagem acadêmica polida não é capaz de esconder o que se sente como constância e latência, em velada ironia com que Barthes denuncia a pluralidade do poder, o discurso da arrogância, não assumida, mas presente nos porta-vozes do Sistema, e inscritas no inerradicável, no astucioso mecanismo da linguagem, no mundo da vida.

As várias cartas para Larissa não são apenas para Larissa. São função e pulsão de vida. Quaisquer que sejam as cartas, movimentam os afetos, explicitam as



relações que Larissa estabeleceu com os colegas e também comigo e com Camila. Conviver mais ou menos, nessa disciplina, possibilita o partilhar com outras pessoas e o levar adiante.

A possibilidade de fugir ou de divulgar, de fazer presente essa vida, essa exuberância, força, determinação e bem querer que Larissa era capaz de pôr em movimento no convívio com os humanos que somos. Escrever cartas para Larissa é mais do que isso. É trazer palavras, se quiserem, e se julgarem conveniente estamos abertos para podermos ouvir, partilhar estas escritas e relatos das escutas e comentários que as acompanharam. meu neto Antonio conversava com ela no início das aulas e escreve: *"Aprendi a dizer ADEUS, a usar o código binário."*

A carta do Mauro aparece como uma forma de mudar de assunto, para lidar com a emoção. Assumir cada um dos seres que chegam com lindas cartas rompendo os silêncios. Cartas que foram lidas em voz alta. Por vezes embargada, por vezes aos prantos. Lidas com ou sem os rostos de quem as escreveu. Rompeu o silêncio. E com esta ruptura do silêncio se passa. Passa e mostra que alguém faz um trabalho, especialmente o trabalho de ensinar, quem ensina pensa que ensina algo. E, quem aprende, aprende não só o que está sendo ensinado, mas, no que está sendo ensinado, aprende outras coisas. Aprende aquilo que cada aprendiz descobre em quem ensina. Levam a outras descobertas.

Outras possibilidades. Outros caminhos. Traz uma potência do aprender que independente de quem ensina, faz com que quem aprende, descubra quem é o outro. Quem está do outro lado. Descubra que outras coisas podem ser pensadas, propostas, refletidas, imaginadas. A partir daquela presença o que fez e faz sentido no ensinamento, o que toca cada um. Como disse a Camila, a postura da professora vai trazendo outras formas e outras relações, porque quem ensina pensa, muitas vezes, que é capaz de controlar aquilo que o outro aprende. Mas em



uma dada situação, como na leitura desta carta, cada um aprende coisas diferentes a partir do referencial teórico que já conhece, da experiência de vida, de um conjunto de elementos teórico-políticos que estão consolidados no seu fazer e nas suas possibilidades.

Exatamente por isso o aprendizado é único. Permite sempre o novo.

Esta descoberta põe em movimento a vida e Fernanda lê a sua carta, escrita com e para as mãos. Na beleza presente no singelo, no aparentemente simples, promove pensares, sentires. Promove formas de relações, de contatos entre os seres humanos naquilo que, de cuidado trabalhado para com o outro ou a outra, mas também pode se expressar como autocuidado. Mãos que são sábias e naquilo que é próprio ao saber de cada tipo de atividade de quem cuida da vida, não pode ser deixado de lado.

Mãos capazes de promover coisas melhores, coisas de bem querer, de bem viver.

Assim como as mãos cuidam, as mães também o fazem. Mas, estando em sincera sintonia a carta que fala dos bebês que morrem se revelam aos nossos olhos. A carta da Vanessa falando da menininha de olhos verdes é uma carta tocante. Impactante. Forte. Uma carta que convoca a pensar sobre as tarefas que vivemos no cotidiano como parte da vida.

E a Cláudia se propõe a ler sua carta na sequência. Já te amei demais, diz a melodia e desde o meu conhecer as manhas e as maçãs, a pressão nos sentimentos nos afeta. A carta convoca a memória do livro da Renè Weber que aproxima ciência e espiritualidade. Nessa aproximação a cientista que tem uma formação religiosa protestante se desenvolve como cientista da filosofia da ciência, busca o diálogo com o conhecimento que a ciência cria e aquele que a espiritualidade promove. O livro de entrevistas inclui tanto o Dalai-Lama quanto



representantes de diferentes formas de manifestação de espiritualidade. Caminhos diferentes de espiritualidade. Objetivo comum: desenvolver a própria humanidade como potência. A caminhada da autora da carta permite fazer essa aproximação.

A leitura solitária e silenciosa feita antes e a escuta na voz da própria autora, tonaliza a autoria. A intervenção vocal promove lembranças, memórias. Faz buscar outros autores. Ouvindo a carta da Cláudia e, portanto, tendo um segundo contato, faço essa ligação.

Aquele que usa, usava barba curta, e agora traz a sua barba mais longa, reconstrói a identidade roubada na presença da pandemia que provocou até o corte da barba. Exigências de higienização e eliminação de riscos, agora retomando o crescimento da barba, compartilha sua carta. É a carta escrita para si mesmo – Henrique Umpierre. Retomando a sua barba crescida e mais feliz com ela, revela o quanto de culpa e cobranças, a sociedade carrega e sobrecarrega aos seus integrantes. Nós as vamos depositando, criando um sobrepeso.

Olhar com generosidade, refletir sobre isso, e livrar-se deste peso. Podemos refletir sobre o humano que somos. Sem citar nominalmente, e citando sem dizer, mas reclamando a possibilidade, a forma pausada na leitura, lenta, com serenidade. Recria no seu tempo para que cada palavra mergulhe e ecoe lenta e profundamente em cada ouvinte.

Como então enviar cartas pelo Moodle, pela rede, pelo e-mail, ou mesmo pelo correio? Diferem os modos da escuta ou da leitura? A fala ilumina, tonaliza, confere sonoridade. Traz o como ir adiante sem dar um passo.

Seguindo ouvimos a carta da Ana Paula Radünz Vieira, com o nome completo pois a da Martinez Jacobs está comentada noutro momento. Fala de afetos – sentimentos. Faz pensar sobre quais são as importâncias que o conhecimento vai



trazendo. Qual o planejamento da emoção? E de pedidos de desculpas? Por que a emoção que se manifesta por meio das lágrimas? O medo? E entre a culpa e o medo como suporte?

Viver sem culpa. Por que nosso sentimento não pode provocar a culpa. Um sentimento é parte da vida. É parte do humano. E os medos podem nos proteger dos riscos desnecessários. Podem servir para nos cuidar e cuidarmos, naquilo que nos preserva de riscos. Mas o medo que mobiliza destrói a possibilidade e as humanas potências.

Nem sempre aquilo que se escreve se consegue ler. E, aquilo que se escreve pode ir além do ponto em que se está. O ponto desta carta não é um ponto final. É um ponto que está em aberto pode ser : ou um ; e nos permite levar adiante a vida. Não é estanque. Não está encerrado.

O que é preciso – necessário? O fim da linha, o ponto final?

É sempre necessidade de aprendizado? “Porque é sempre a primeira vez.” E dessa frase, ouvida há muitos anos por mim, quando aluna na vida, escutando quem me ensinou: “não estou pronto. Tenho e temos que aprender”.

Agora faz outro sentido. Mas, é algo que faz parte, para falar do medo. É preciso coragem, disse a colega Camila. Sem coragem e sem ousadia não saímos do limite que o medo impõe. Nomear o medo. Lidar com ele. Visualizar o medo no meio dos rios de coragem. Exige ousadia. É corajoso enfrentar o medo. Corajoso nomear. Corajoso retomar toda a possibilidade de Natália que preferiu ler o texto sem mostrar o rosto, porque não se sente em condições de partilhar a imagem com o público. E, esta decisão nos faz pensar sobre a necessidade de respeitar a condição em que nós humanos vivemos, especialmente neste tempo da pandemia.



Esta carta traz à memória as escritas de Phelippe Ariès (1914-1984) que escreveu sobre a “*Invenção da infância*”, e posteriormente encaminha suas pesquisas e escritas sobre “*O homem frente a morte*” (no ocidente entre as navegações e a escravidão, em dois volumes), e porque não se sabe quando ou como, mas nestes tempos deslizantes, escorregadios, e de morte selvagem, remete ao aqui do que é a certeza da Morte que nos habita. Ariès neste interessante livro, e nessa trajetória de investigação vinculada à chamada *Escole de los Annales*, motor de leituras dos cotidianos que transita entre a infância e a morte, pesquisou o que do humano sempre nos acompanha. Apresenta ferramentas para podermos, não só entender do ponto de vista lógico e racional a morte, mas, podermos pela apropriação dessas ferramentas racionais, viver a vida, lidar com os sentimentos de formas dignas. Transmutar o medo da morte em ousadia para a vida.

Uma carta lida no rascunho, depois passada a limpo. Inicialmente endereçada à avó passa a ser endereçada a Larissa. E a carta para Larissa escrita pela Jéssica comentada pela Camila como a que foi capaz de fazer de uma forma leve e alegre o adentrar em um tema como a morte, que poderia ser encarado como algo pesado e fazer sofrer. Ser só sofrimento. Tratar de um tema difícil e, ao mesmo tempo, encadeando suavidade. Lembrando que Larissa foi um verdadeiro vendaval por onde passou. Deixou marcas.

Marcas em Bernardo. O leitor, expressa a escrita de duas cartas: uma aos colegas e outra especial para a Larissa. Lê na sequência inversa. Vai contando história Bernardo e Larissa e depois partilha as vivências e as problematizações da questão LGBTQIA+. Afirma: *Ler primeiro a carta para Larissa depois a minha carta é ler em fazer uma escolha*. Sim, a ordem da leitura é uma escolha. Partilhar aquilo que é da vida da própria pessoa, também o é. Algo que é parte da vida e também um agradecimento a todos, a todas e a todes que aqui estão. Não se trata de figura de linguagem. Não é apenas um discurso.



As cartas expõem nossas vidas. “Expôr de si”. Tudo o que estamos aqui, compartilhamos. Assim como tudo sobre o que silenciamos.

A carta da Ana Paula Jacob permitiu o ouvir uma leitura feita com um sorriso nos lábios e na voz, transborda afeto pelo sorriso. Ao falar desses tempos de distanciamento faz pensar estratégias e formas de fazer uma aula que na distância seja capaz de nos humanizar. Os que não usavam a tecnologia estão a aprender o que agora permita o nos reconhecermos co

mo humanos. Produzirá outros sentimentos em quem está do outro lado da tela, à distância.

Uma recente descoberta na área de pesquisa da física quântica, e que certamente vai impactar na área da saúde, noticiado em 10/06/2021, o Microscópio quântico, equipamento capaz de mostrar detalhes inusitados de células vivas, vendo o que até agora era invisível.

(Redação do Site Inovação Tecnológica” –

<https://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=microscopio-quantico-mostra-detalhes-nunca-vistos-celulas-vivas#.YTDJVbBKlUk>);

Cientista brasileira é responsável por microscópio quântico que “vê o impossível”, Karol Albuquerque, editado por Layse Ventura 24/08/2021 22h38, atualizada em 27/08/2021, 11h31:

<https://olhardigital.com.br/2021/08/24/ciencia-e-espaco/cientista-brasileira-e-responsavel-por-microscopio-quantico-que-ve-o-impossivel/>>)

As imagens acessadas em 02/09/2021 estão disponíveis em vários endereços:



<<https://cdn.universoracionalista.org/wp-content/uploads/2021/06/microscopio-quantico-696x282.png>> ,

<<https://i1.wp.com/gizmodo.uol.com.br/wp-content/blogs.dir/8/files/2021/06/289114df1920eb438028ce6b209c93c0.jpg?resize=800%2C529&ssl=1>>

<<https://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/imagens/010165210610-microscopio-quantico-entrelacamento.jpg>> ,

<<https://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/imagens/010165210610-microscopio-quantico-entrelacamento.jpg>> .

Ao tornar possível formas de produzir não apenas imagens planas, mas imagens tridimensionais de células vivas, também e não apenas de outros objetos inanimados, o que agora está sendo testado, a ciência com suas descobertas promove avanços, por vezes sequenciais, em movimentos constantes e, por vezes, aos saltos gigantescos.

A equipe de pesquisadores sediada na Austrália, com participação de uma brasileira (Catxere Casacio, formada em física na Universidade de São Paulo – USP), tende a mudar a possibilidade do relacionamento humano, com e do conhecimento sobre o humano estão oportunizados.

O entrelaçamento quântico em nosso microscópio fornece 35% mais limpidez sem destruir a célula, permitindo que vejamos estruturas biológicas minúsculas que de outra forma seriam invisíveis. Os benefícios são óbvios – desde uma melhor compreensão dos sistemas vivos, até tecnologias de diagnóstico médico aprimoradas...



Afirma o professor Warwick Bowen, da Universidade de Queensland, que vem trabalhando com sensores quânticos. (Catxere A. Casacio, Lars S. Madsen, Alex Terrasson, Muhammad Waleed, Kai Barnscheidt, Boris Hage, Michael A. Taylor, Warwick P. Bowen. Quantum-enhanced nonlinear microscopy, Revista: Nature Physics, Vol.: 594, pages 201-206. DOI: 10.1038/s41586-021-03528-w.)

O entrelaçamento ou emaranhamento quântico mostra como duas partículas podem se tornar intrinsecamente unidas, o que demonstra que tudo o que acontecer em uma afetará imediatamente a outra partícula, independente da distância que as separe. Os impactos na microscopia e na biotecnologia, com a técnica empregada, poderá desencadear outras descobertas e serem usadas em diferentes áreas, e especificamente nos exames médicos.

Na área da saúde, no uso para com o cuidado com os corpos, não apenas aquele corpo cartesiano de que falou Humboldt ou do corpo branco representado no desenho de Rembrandt. Possibilidade de contatos, de ligações, de transformações.

A representação do que se cria no humano ser. Na pandemia as consultas a distância realizadas tenderão a seguir comuns. As que são possíveis. Mesmo que, ainda hoje, não saiba muito bem como isso vai se dar ou mesmo que ainda hoje não sejamos capazes de antever esta possibilidade. Agora, neste momento, não dá para imaginar que um encontro presencial possa ser substituído por mais máquinas que sejam capazes de recriar encontros ensinantes, por maiores e melhores que sejam as máquinas e os contatos virtuais.

Estas conquistas ao permitirem demonstrar que os sensores utilizados podem substituir a tecnologia existente e utilizada atualmente, na concepção do emaranhamento remete ao conceito de complexidade do real. Entre os limites do existente, visível, e a natureza aleatória dos fatos como acontecimentos, que chegam aos borbotões em qualquer amostra das relações humanas a ser



observada, de onde são espalhados, em todas as direções, e que podem introduzir fortes ruídos, que restringem a sensibilidade, a resolução e a velocidade de obtenção das imagens do corpo que coletivamente estão em movimento.

O mesmo movimento criado na sequência da aula e com a imagem aberta na leitura da carta de Alice ao filho para ensinar a lidar com as situações vivenciadas na adolescência. Quanta freireana boniteza.

Este convívio com a proximidade com a morte deixa cicatrizes. Quanta boniteza, delicadeza e profundidade nessas palavras que Alice escreveu e leu. Liga os tempos difíceis e as perdas. Têm sido muitas. Em cada família, ambiente, trabalho e vizinhança. E para todos nós essa lida com as perdas faz parte.

Não estamos tendo tempo de viver os lutos. O luto de cada pessoa que vem e vai. O luto de cada grupo. As crianças, em particular, estão sendo excluídas dessa vivência. No entanto, sofrem as consequências das perdas. Não acompanham o processo. Não tem ferramentas pessoais para entender o processo da vida de morte certa.

Como disse a colega Camila o medo vai permanecendo em nós. Neste tempo pandêmico para além dos filhos de filhos. Tenho virado avó de várias crianças. As que passam pela minha casa por conta dos avós que não estão, dos que se foram, dos que vivos seguem distantes. As crianças precisam encontrar um representante para esses afetos e para com a ancestralidade.

Me faz lembrar as memórias contadas sobre os tempos de pandemia, em que meu pai era criança, passando a viver num lugar isolado em que aparentemente estava protegido da chamada “gripe espanhola”, que fez com que as pessoas se isolassem ainda mais. E, eu sabia da pandemia nas histórias que ele contava do seu tempo de adolescência. Do sair e se deslocar de uma cidade fronteiriça e ir



para o campo para ficar mais protegido. E, não é a história de um indivíduo, mas a do conjunto da população buscando formas de viver com tranquilidade e enfrentar uma pandemia no início do século 20.

Agora, nestes anos de 2020 e 2021, mais de 100 anos depois, vivendo a covid-19, estou a aprender a lidar com essa situação, a trabalhar nesta situação, e a procurar lidar com essas marcas que a pandemia vai deixando em nós. Mais ainda nas crianças que estão crescendo isoladas.

O coração não aguenta essas cartas que lidam com os nossos afetos, com nossas memórias e com os desafios que a vida tem oportunizado e quando cada uma destas cartas é retomada, permite retomar o conceito de bem viver. Cibele que fala da distância e de como se transforma aquilo que era desejável no humano naquilo que agora é produzido como distanciamento. Nos silêncios que se fazem nas leituras de uma carta e de outra. Por vezes nenhuma palavra.

Demasiado silêncio das vozes que fica preenchido pelos sons dos entornos e pelas imagens, choros e sorrisos. Pedidos de desculpas e perdões. E não há culpa em manifestar a emoção e o afeto. Não basta lembrar racionalmente.

A leitura da Mariana que falta. Prefere não ler e enviar a carta. O tempo de escrita como processo catártico. E reconheço a escrita da Mariana que pede para não ler justificando com a sua timidez. Reconhecida publicamente. Prefere fazer da escrita uma forma de contato e de comunicação.

Então segue a carta da Mariana trazendo as suas memórias. Li. Alguns trechos, pensando nessa autoria, lembro de um autor. Artista, poeta e pintor de quadros que se chama Moacir Moreira, Môa. Há mais de 30 anos pinta quadros usando pássaros. Sempre em movimento. Da direita para a esquerda. Cor e movimento. Vai contando as suas histórias. No tríptico pintado entre maio e junho, me fez



imaginar os pássaros levando nossas cartas para o mundo. E, nessa partilha que é feita oralmente em aula se recria a possibilidade de construção de imagens para posterior publicação.

A carta da Camila, querida, partilha numa janela de trechos de cartas para que sigamos problematizando os pontos, os movimentos, as linhas. Nos limites pessoais e coletivos emergem as potências e as possibilidades alegrêmicas de bem viver.

Carinhos a cada ser e a todes que lêem. Amorosidades,

Carmen com as falas transcritas da **Camila**



III Reanúncios, o educar cura, e saúde se aprende: o bem viver.



Cartas inadiáveis. Reanúncios, conectam o educar que cura, a saúde que se aprende, a possibilidade do bem viver como aprendizagens e ensinagens no tempo da pandemia. Potência de pensares e partilhas educativas com suas exigências.

III Reanúncios, o educar cura, e saúde se aprende: o bem viver.

Para: Celina - ALANA VERZA SIGNORINI

Carta para hoje – qua., 14 de abr. 11:45 – CAMILA GIUGLIANI

Para: A humanidade no ano de 2020 - CLAUDIA SCHÜÜR

Carta para os espirituais ou sonhadores - CLÁUDIA OLIVEIRA

Carta aos meus pequenos guerreiros - **DANIELA DIAS MORALES**

Ao futuro presidente do Brasil - **ELISA GIRARDI HYPOLITO**

Sonhar, viver e cantar. - FABIANA FERREIRA DOS SANTOS

De: FELIPPE SCHIRMER a um querido paciente

Carta a você, Fisioterapeuta - FERNANDA ROMBALDI BERNARDI

Aprendendo com Larissa – CARMEN E CAMILA

A quem interessar - MAURO CESAR DUFROYER

Carta ao Papai Noel – PÂMELA DA SILVA PANASSOL

Olá profas Carmen e Camila, boa noite! - SABRINA NUNES GONCALVES

Para todas as pessoas que estão perdidas em meio ao caos - SAMANTHA ZAMBERLAN

Amadas, amados e amades – CARMEN E CAMILA



De: Alana

.Para: Celina

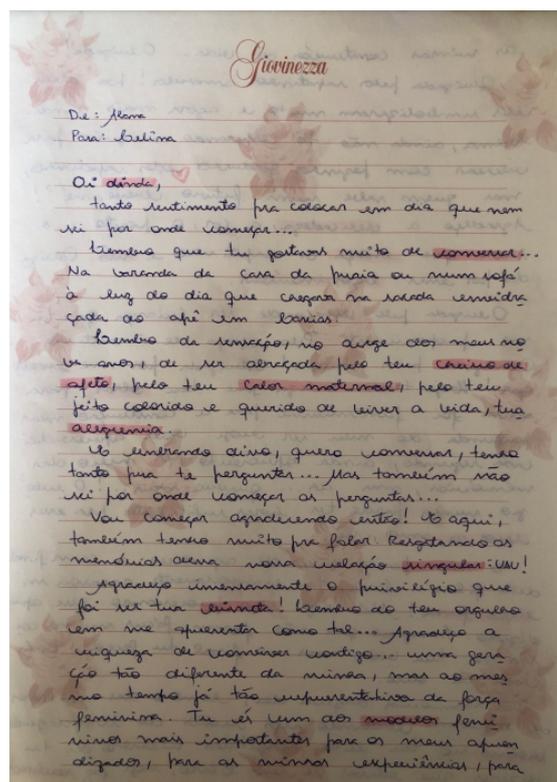
Oi dinda,

Tanto sentimento para colocar em dia que nem sei por onde começar...

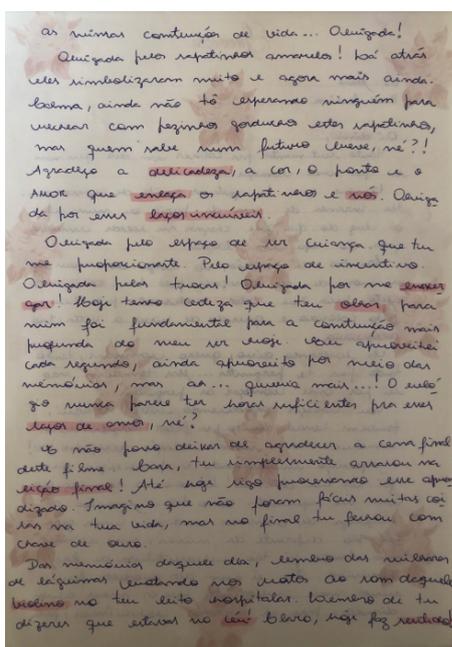
Lembro que tu gostavas muito de conversar... Na varanda da casa da praia ou num sofá à luz do dia que chegava na sacada envidraçada do apê em Caxias.

Lembro da sensação, no auge dos meus nove anos, de ser abraçada pelo teu cheiro de afeto, pelo teu calor maternal, pelo teu jeito colorido e querido de viver a vida, tua alegremia. E lembrando disso, quero conversar, tenho tanto para te perguntar... Mas também não sei por onde começar as perguntas... Vou começar agradecendo então! E aqui, também tenho muito pra falar.

Resgatando as memórias dessa nossa relação singular: UAU!



Agradeço imensamente o privilégio que foi ser tua bisneta! Lembro do teu orgulho em me apresentar como tal.. Agradecer a riqueza de conviver contigo... uma geração tão diferente da minha, mas ao mesmo tempo já tão representativa da força feminina. Tu és um dos modelos femininos mais importantes para os meus aprendizados, para as minhas experiências, para as minhas construções de vida... Obrigada!



Obrigada pelos sapatinhos amarelos! Lá atrás eles simbolizaram muito e agora mais ainda. Calma, ainda não tô esperando ninguém para rechear com pezinhos gorduchos estes sapatinhos, mas quem sabe num futuro breve, né? Agradeço a delicadeza, a cor, o ponto e o AMOR que enlaça os sapatinhos e nós. Obrigada por esses laços incríveis.

Obrigada pelo espaço de ser criança que tu me proporcionaste. Pelo espaço de incentivo. Obrigada pelas trocas!

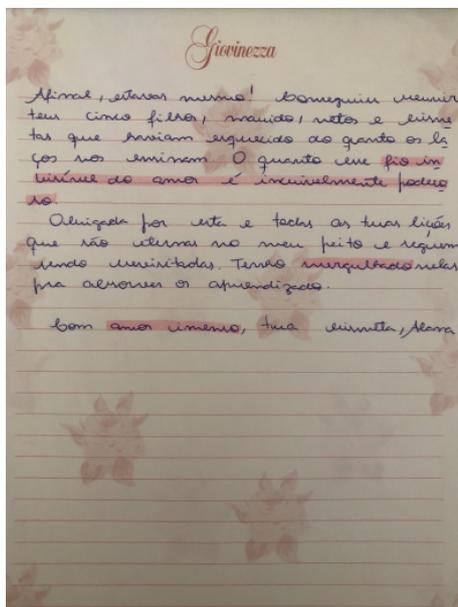
Obrigada por me enxergar! Hoje tenho certeza que teu olhar para mim foram fundamentais para a construção mais profunda do meu ser hoje.

Eu aproveitei cada segundo, ainda aproveito por meio das memórias, mas ah... Queria mais...! O relógio nunca parece ter horas suficientes para esses laços de amor, né?

E não posso deixar de agradecer a cena final deste filme. Cara, tu simplesmente arrasou na lição final!



Até hoje sigo processando esse aprendizado. Imagino que não foram fáceis muitas coisas na tua vida, mas no final tu fechou com chave de ouro.



Das memórias, daquele dia, lembro das milhares de lágrimas brotando nos rostos ao som daquele violino no teu leito hospitalar. Lembro de tu dizeres que estavas no céu! Claro, hoje faz sentido!

Afinal, estavas mesmo! Conseguiu reunir teus cinco filhos, marido, netos e bisnetas que haviam esquecido do quanto os laços nos ensinam.

O quanto esse fi invisível do amor é incrivelmente poderoso.

Obrigada por esta e todas as tuas lições que são eternas no meu peito e seguem sendo revisitadas. Tenho mergulhado nelas para absorver os aprendizados.

Com amor imenso, tua bisneta,

Alana.

Alana Verza Signorini



Carta para hoje – [qua., 14 de abr. 11:45](#)

Carmen, querida

Eis a pequena carta.

Vou postar no Moodle com acesso liberado a partir das 20h, como sugeriste.

Beijos, desejo um ótimo encontro, que seja afetivo e prazeroso.

Camila

Porto Alegre, 14 de abril de 2021

Queridas e queridos estudantes da turma da noite,

Espero que todos e todas estejam bem em suas novas formas de viver no contexto da pandemia. Seguindo e refletindo sobre o cuidado com a vida – a sua, a dos outros, a do planeta, lembrando das nossas aprendizagens com Alegremia e Bem viver.

E, como foi combinado, refletindo sobre o aprender e o ensinar na universidade.

Nestas duas semanas que se passaram, veio à tona, de forma pública, um pequeno texto que eu havia escrito para um projeto que os nossos residentes de Medicina de Família e Comunidade do HCPA desenvolvem com muito amor. O projeto se chama Ligados pelo Afeto e busca incentivar a arte através de experiências clínicas com a



telessaúde. Novas formas de viver e incentivar o cuidado no contexto da pandemia. Neste link, tem mais sobre o projeto:

<https://www.ufrgs.br/telessauders/noticias/ligados-pelo-afeto-busca-incentivar-arte-atraves-de-experiencias-clinicas-com-telessaude/>

O convite de hoje é para lerem este pequeno texto, intitulado “Juntas”. Vocês podem acessá-lo aqui:

<https://www.ufrgs.br/telessauders/documentos/ligadospeloafeto/produ%C3%A7%C3%B5es.pdf>

E ao lerem o texto, reflitirem sobre o cuidado em saúde mediado pelo afeto. E por aí, vamos levar nossa reflexão para a educação mediada pelo afeto. Qual a importância do afeto no processo educativo? No ensinar, no aprender: no ensino em serviço de saúde e/ou na universidade?

Éis uma pequena contribuição para o encontro de hoje, espero que gostem.

Abraços, com o pensamento em vocês, desejando que estejam bem e podendo se cuidar.

Camila

Camila Giugliani



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E
DO ADOLESCENTE (PPGSCA)**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Faculdade de Medicina**

Disciplina: Práticas em Educação e Saúde

Discente: Claudia T. Schüür

Docentes: Camila Giugliani e Carmen Lúcia Bezerra Machado

De: Claudia Schüür, médica, brasileira – Ano: 2030

.Para: A humanidade no ano de 2020

Olá! Como você está hoje?

Como está sua rotina? Quais são os seus planos para o futuro?

Perguntas estranhas para você que está começando a ler essa carta de forma tão despretensiosa, não é?

Vou explicar: de acordo com o físico-teórico Albert Einstein, “a distinção entre passado, presente e futuro é só uma ilusão, ainda que persistente.”

Infelizmente o McFly, o Dr. Emmett Brown e o DeLorean movido a plutônio são fictícios, por isso essa carta é um desabafo e não uma advertência enviada de 2030 para 2020. Quem dera fosse possível viajar no tempo....

Escrevo pois gostaria muito que você que vive há 10 anos atrás esteja preparado para o desafio que está por vir. Logo após o nosso querido feriado de Carnaval, o primeiro caso de Coronavírus será confirmado no Brasil.



Até agora, nada atípico ou apavorante, certo? Você está muito enganado, infelizmente. A palavra *lockdown* será repetida sem parar em todos os noticiários e mídias sociais.

Nos isolaremos em nossas casas, teremos receio de encontrar pessoas que amamos muito, adotaremos acessórios como a máscara e álcool gel como uma extensão de nós mesmos. Para complementar, criaremos um perímetro de distanciamento ao nosso redor, como um escudo defletor tipo *Star Trek*.

Mais de um ano depois da nossa vida mudar, a vacina chegará no Brasil e, como esperado, esse processo será muito mais lento do que gostaríamos ou do que deveria ser. A frustração vai nos dominar, as notícias irão gerar ansiedade....tudo porque a luz no fim do túnel manteve-se invisível por tanto tempo....

Por que estou escrevendo essa carta, afinal? Com certeza você está aí intrigado, caro anônimo, lendo e lutando para absorver tantas informações desconcertantes enquanto trabalha até o *burnout*, assiste Netflix ou está no celular há tanto tempo que nem percebeu que não está mais sozinho. Nada de academia, ir naquele show inesquecível, viajar, aprender a tocar um instrumento, sair para jantar com os amigos. Muitas vezes parece incontestável que o dia deveria ter mais de 24 horas.

A pandemia será um momento crítico para a humanidade: o *Home Office* será rotineiro em muitas empresas, as aulas e os congressos serão online, todos ficarão alerta em caso de sinais sugestivos de covid-19. Todos esses fatores terão consequências econômicas, emocionais, físicas e tantas outras que somente agora são diagnosticadas.



Resumindo: o ano de 2020 é, indubitavelmente, um *Wake Up Call* para a humanidade.

Citando Renato Russo: “Todos os dias antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia. Sempre em frente. Não temos tempo a perder.”

Sinceramente,

Claudia Schüür

Porto Alegre, 16 de Junho de 2030.



ANDANDO DEVAGAR PORQUE JÁ TIVE PRESSA...

Carta para os espirituais ou sonhadores



Essa música foi lida pelo paraninfo da minha formatura em farmácia, em 2016, e sempre relembro ela com muito carinho – na verdade ele quebrou o protocolo e colocou para tocar no meio do seu discurso!

Quando recordo este momento, as fotos – penso que ninguém poderia imaginar que meses antes da minha formatura estava tendo crises de ansiedade. Na época nenhuma amiga próxima minha sabia.

Antes de me formar já estava trabalhando em farmácia comercial e comecei a notar que não era só eu. A quantidade de jovens utilizando medicamentos para depressão e ansiedade não é normal. É absurdo.

Talvez tenha algo de errado ou algo dando muito certo...



Eu já estava desde que retornei do meu intercâmbio questionando tudo... Encontrei em mim uma pessoa muito curiosa e querendo aprender sobre novos conceitos, novas formas de entender o ser humano – o corpo físico, a mente, o espírito.

Cai de cabeça em um mundo que hoje é chamado de holístico e espiritual porque muitas vezes transcende os conhecimentos científicos.

A espiritualidade nada mais é que uma recusa que a vida ocorra apenas nessa materialidade que vivemos.

O autoconhecimento é o caminho que buscamos esse Divino, o lado espiritual que pensamos que está fora mas que está dentro de nós.

É por isso que não existe espiritualidade se a pessoa não está disposta a se autoconhecer.

Ainda me questiono- será que existe mesmo algo além de nós?

Entendi que o caminho é constante – várias pecinhas desse quebra-cabeça que é realmente nos entendermos, conhecermos a nossa história vão surgindo.

O que posso observar, nos meus meros 29 anos – é que cada pessoa é um universo em si e esse encontro da essência, de um significado – é muito individual.

E se, espiritualidade é o caminho de encontro ao interior, a pressa não facilita as coisas.

Por isso aprendi a andar devagar... como disse meu sábio Professor! Seja o que você quer colher ou mudar na sua vida o tempo dos processos precisa ser respeitado.

Espiritualidade hoje para mim, não é sobre um lugar a chegar, mas sobre a forma como você conduz o seu caminho.



Ou talvez espiritualidade seja o lugar dos sonhadores que insistem em acreditar – que existe algo maior por trás de tantas barbaridades que seguimos vivemos!

Como se fosse uma grande escola que espero que possamos sair melhores do que já chegamos.

No meio de momentos que já me peguei pensando tanto – hoje eu aprendi a confiar e apreciar mais este caminho!

Talvez não seja sobre espiritualidade, talvez não seja sobre autoconhecimento – talvez não seja sobre o EU e sim sobre o NÓS!

Nesses questionamentos, são os pequenos detalhes que fazem da vida mais significativa – as experiências, as amizades, os olhares e sorrisos genuínos! Tão simples quanto.

Por isso – para qualquer ansiedade! Hoje aprendi a andar devagar! E compartilho com coração aberto essa música que meu paraninfo lembrou e que para sempre vou recordar – nos momentos em que demasiadamente quis acelerar!

*Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza*

*De que muito pouco sei
Ou nada sei*

*Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs*



*É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

*Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente*

*Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou*

OBRIGADA

COM AMOR,

CLÁUDIA OLIVEIRA



. Carta aos meus pequenos guerreiros

Querido paciente, ou melhor, querido pequeno guerreiro:

Nossos caminhos agora se cruzaram e me foi concedido o privilégio de poder cuidar de ti neste que provavelmente vai ser o período mais difícil da tua caminhada.

Sabe, quero contar um pouco de como cheguei até ti. Desde que eu consegui pensar por mim mesma, eu sabia que queria ser médica. Por um tempo eu tentei fugir, pois eu sabia que o caminho seria difícil.

Foram 4 anos fazendo cursinho pré vestibular e muitos momentos em que eu achei que nunca conseguiria realizar meu maior sonho. Até que um dia chegou o tão almejado nome no listão, mas isso significaria morar longe da minha família.

Foi difícil abrir mão da convivência diária com as pessoas que mais amo, mas eu precisava disso para poder realizar o meu grande sonho.

Ao final da faculdade, me encantei pela magia da infância.

Fiquei fascinada ao conhecer o dom de iluminar que tem o sorriso de uma criança e o quanto cada paciente tem o dom de ensinar o verdadeiro significado da palavra resiliência.

Fiz residência em pediatria e, ao ter contato com pequenos pacientes com câncer, eu entendi que ali estavam os seres de mais luz que eu já cruzei em minha jornada por este planeta.

Entendi que meu caminho era trabalhar com estas crianças.



E assim eu cheguei até ti. Sabe que, muitas vezes, eu me senti consolada pelo teu sorriso. Muitas vezes tive a sensação de que o processo do tratamento da tua doença é mais dolorido para teus pais e para mim do que para ti.

Se te caem os cabelinhos ou se te nascem feridinhas na boca, mesmo assim tu me recebes com sorriso todos os dias e me faz entender o quão injusta eu sou ao reclamar das coisas mais banais que às vezes nos acontecem.

Quantas vezes mesmo com alguma dor ou mal estar eu te encontrei ouvindo música ou dançando, me ensinando que, quando estamos sofrendo, de nada adianta nos abatermos pois o sofrimento estará ali de qualquer forma?

Quem sabe a melhor maneira de passar por este período turbulento não é mesmo com sorriso, música e brincadeira, não é mesmo?

Tu me ensinaste que existe um tipo de amor que parece ser diferente de qualquer outro amor desse mundo: o amor que teus pais sentem por ti. Teus pais me dizem com frequência que gostariam de ter o dom de tirar todo o teu sofrimento, nem que para isto o sofrimento fosse, então, deles. Teus pais te esperam dormir para poderem chorar, pois sabem o quanto o choro deles pode ser angustiante e preocupante para ti e entendem que tu já tens sofrido bastante, então querem te poupar de toda dor que puderem.

Desde o teu diagnóstico, teus pais sentem um medo que eles nunca sentiram antes na vida e, mesmo que eu tente dizer para eles que eles não são culpados por tua doença, eles são corroídos pela culpa. Eu tento dizer aos teus pais o quão boas são tuas chances de cura e sempre digo para eles que, com frequência, o sofrimento do tratamento é maior para eles do que para ti. Tu és tão jovem, tem tanta vida no teu caminho daqui pra frente.

Sabe, uma vez conversei com um menino que, assim como tu, fez tratamento para leucemia quando tinha apenas 6 anos de idade e hoje ele está curado. Eu perguntei a ele qual era a principal lembrança dos tempos do hospital. Sabe o que ele me respondeu? Que lembrava da enfermeira que dançava com ele, da sala de recreação e suas inúmeras possibilidades de jogos e brincadeiras e das mágicas que o médico fazia para ele. Nenhuma febre, dor, agulha ou tristeza foi lembrada.



Teu corpo agora está tão fragilizado pela doença, mas a tua alma está se fortalecendo dia após dia do teu tratamento. Tua luz se torna cada dia mais intensa. Há quem me pergunte como tenho coragem de trabalhar com “tanto sofrimento”. Eu me pergunto como alguém só consegue enxergar sofrimento onde há tanta fé, coragem e resiliência.

Confesso que eu já chorei por te ver passar por coisas ruins e dolorosas. Eu também me sinto impotente de não conseguir te eximir de tudo aquilo que te gera desconforto. Confesso que rezo por ti com muita frequência. E rezo pedindo que eu seja capaz de ser a melhor médica que tu precisas neste momento. Rezo para que Deus dê forças para os teus familiares que tanto te amam passem por este longo período de tratamento. Quero que saiba que sinto amor e admiração por ti e que te oferecer o melhor de mim é o que me motiva todos os dias.

Agora, meu pequeno guerreiro, quero que descanse o teu corpo em recuperação para que, daqui alguns anos, quando essa tempestade terminar, tu possas me contar todas as coisas boas que guardaste deste período tão difícil.

Quero que tu me contes sobre teus sonhos e que, quando isso tudo passar, tu consigas guardar para sempre dentro de ti essa coragem que estás tendo agora.

Eu seguirei segurando tua mão durante todo o caminho,
combinados?

Com carinho e admiração,

Daniela

Daniela Dias Morales



.Ao futuro presidente do Brasil

Meu caro amigo, é com pesar que lhe escrevo. Sinto lhe dizer que vivemos tempos sombrios. Nos últimos anos vivenciamos um retrocesso social, político e econômico em nosso país. Vidas foram ceifadas, almas perseguidas, a ciência desacreditada, e a ignorância impera.

Estamos sentindo dor. A dor da solidão, da saudade, da perda de pessoas que amamos e das que não conhecíamos. Vimos da pior maneira que a ignorância mata. E não pouco! Pode dizimar 500.000 vidas, 500.000 histórias, 500.000 amores. Caro amigo, se prepare! Agora te contarei o pior, além dessas, somam-se outras mortes, vindas da intolerância e do preconceito.

Nosso país já tem histórico. Mata mulheres, gays, pretos, sem dó, e os pequenos avanços que havíamos conquistado na última década, sinto que os estamos perdendo, e a nós, cabe pedir, rogar, sofrer, não se calar e lutar. Para isso peço tua ajuda, pois por influência de um certo alguém que hoje tem poder, os intolerantes estão se sentindo mais poderosos. Precisamos de alguém como você.

Eu sinto muito, mas essas são as notícias que tenho. Então estou aqui, humildemente te pedindo para trazer um olhar humanitário e solidário ao nosso país. Cuida da tua gente! Traz saúde, ciência, vida, respeito e fé para o teu povo.



Precisamos disso. Precisamos de ti. Precisamos de dias melhores. Temos esperança.

E aos truculentos que espero ver só no passado, peço licença ao compositor Chico Buarque e lhes digo:

***“Apesar de você amanhã há de ser outro dia.
Inda pago pra ver o jardim florescer tal você não queria.
Você vai se amargar vendo o dia raiar sem lhe pedir
licença,
e eu vou morrer de rir que esse dia há de vir
ANTES DO QUE VOCÊ PENSA.
Apesar de você...”***

Esse grito de ajuda estava trancado dentro do peito, e agora compartilho contigo.

Te aguardo caro amigo, com fé em dias melhores.

Elisa Girardi Hypolito

16/06/2021



. Sonhar, viver e cantar.

Ao concentrar-me para a composição desta carta, passou-me um filme pela cabeça.

Nossa! Mesmo passado algum tempo de atuação e experiência profissional, ainda lembro daquela criança, a Fabiana (sim, eu) cheia de sonhos, projetos e idealizações então evidentes em suas brincadeiras, onde viajava de avião, criava cenários com utensílios da casa, cuidava e dava aulas para as bonecas, casava-se (vestida com um véu estilizado com uma colcha branca de chenile). Tão bom poder controlar os finais felizes! Pensando bem, exploradas estas imagens mentais, identifico o sentido de todas as minhas buscas, até o presente momento.

Sinto-me realmente feliz com o caminho percorrido, por melhor compreender minhas escolhas (porque sim, tive muitas dúvidas nos processos), por ter aproveitado as oportunidades de aprendizado, crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional. Se tive frustrações? Claro, afinal, na vida real, de adulto, nem tudo é tão lindo, né?! Principalmente, nos momentos onde não pude controlar as situações. Mas aprendi, na corrida contra o tempo, parar, respirar, refletir... Perder, ganhar, me indignar, chorar, ponderar, zerar e seguir com determinação.

E para quem seria esta carta mesmo? Ah... Para todos aqueles que se identificaram, que um dia sonharam, ou ainda ousam sonhar! Se os sonhos se realizaram, se por algum motivo foram interrompidos, se seguiram outros novos rumos?... Realmente não importa! Mas sim o que foi agregado e construído nesse caminho, as pessoas e afetos envolvidos. E se em alguns momentos foi possível sentir aquela felicidade incontrolável, aquela alegria que não cabe no peito, aquela impressão de que tudo é possível, como numa brincadeira de infância, valeu sim, valeu muito a pena e continuará valendo!



Por fim, uma música que sempre me emociona e cabe perfeitamente nesta breve reflexão:

O que é, o que é?

Gonzaguinha

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita

E é bonita

E a vida

E a vida o que é?

Diga lá, meu irmão

Ela é a batida de um coração

Ela é uma doce ilusão

Êh! Ôh!

E a vida

Ela é maravilha ou é
sofrimento?

Ela é alegria ou lamento?

O que é? O que é?

Meu irmão

Há quem fale

Que a vida da gente

É um nada no mundo

É uma gota, é um tempo

Que nem dá um segundo

Há quem fale

Que é um divino

Mistério profundo

É o sopro do criador

Numa atitude repleta de
amor

Você diz que é luta e prazer

Ele diz que a vida é viver

Ela diz que melhor é morrer

Pois amada não é

E o verbo é sofrer



Eu só sei que confio na
moça
E na moça eu ponho a força
da fé
Somos nós que fazemos a
vida
Como der, ou puder, ou
quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/463845/>>

É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

FABIANA FERREIRA DOS SANTOS



.De: Felipe Schirmer a um querido paciente

Porto Alegre, 16 de junho de 2021

Querido paciente

Me tornei pediatra pois acredito que as crianças devem ser bem cuidadas.

Sempre tive a impressão de que o meu lugar na medicina era ao lado dos pequenos seres, indefesos, que precisavam de ajuda e muitas vezes não conseguiam expressar o que sentiam. Ao longo dos anos, me deparei com os mais variados pacientes – e suas famílias – e pude notar que muitos pacientes sabiam sim expressar muito bem o que sentiam e foi aí que te conheci.

No início estavas muito acuado, teu pai estava começando a ter ressalvas com a equipe, uma vez que a tua internação estava prolongada em meses e sem grandes respostas do que estava acontecendo, e tua mãe sempre muito preocupada mas mantendo sempre o sorriso no rosto e se precisava chorar ia para fora do quarto para te poupar de mais aborrecimento.

Logo que iniciei no teu caso, veio o temido diagnóstico : a doença tinha voltado e o quadro era mais grave do que no início do tratamento. Eu que era aprendiz na especialidade médica, e também na vida, tomei uma atitude por instinto e conversei longamente com teu receoso pai numa pequena sala no hospital e contei tudo que estava acontecendo sem rodeios e de forma bem sincera e direta.



Eu tinha medo de como seria a reação dele, mas o que aconteceu na verdade foi a formação do nosso vínculo. Teu pai me abraçou, agradeceu pela sinceridade e disse que queria lutar pela tua cura ao meu lado, que confiava em mim para isso.

Já pensou o quão intenso é um pai te olhar nos olhos e dizer: confio a ti o meu filho? Essa é uma das experiências que não se pode explicar e sim apenas vivenciar para entender, a potência de sentimentos envolvida e a carga emocional que acompanham essas poucas palavras é absurda.

Após a nossa conversa, minha e do teu pai, nós decidimos lutar por ti e contigo.

Foram meses de internação, de muitos dias que eu chegava no quarto e tu me recebias com cara fechada e sem querer falar sobre o que estava acontecendo, a despeito das tentativas dos teus pais a te dissuadir a “virar meu amigo”. Ai que está a beleza de interagir com crianças, elas somente se entregam a uma amizade contigo se tu realmente merecer e isso não envolve o quão inteligente, poderoso ou rico tu sejas e sim o quanto de entrega tu aplica para com eles.

Ali pelo segundo ou terceiro mês de internação as coisas começaram a mudar, acho que tu viu que eu não era mais um daqueles médicos que ficava acompanhando o caso por uns dias e depois sumia, tu vistes que eu seguia ali e a nossa relação começou a mudar.

Eu era recebido com sorriso no quarto e com alegria mesmo nos dias que as tuas dores eram fortes, que as náuseas eram constantes ou que a febre não queria ceder. Eu sempre era bem recebido.

O tempo passou mas a doença não nos deu trégua. Decidimos tentar uma alta do hospital e seguir monitorando a tua evolução mais de longe, assim poderias ficar mais perto da tua mãe, pai e irmã (que sentia tanto tua falta em casa).

Nos víamos toda semana e eu SEMPRE era recebido com um sorriso e um grande abraço por ti, havia vezes que tu me vias e vinha correndo para dar “oi “ e contar como estavas, tinhas confiança em mim.



As coisas não estavam melhorando em termos da doença, e eu ia me sentindo mal pois eu não estava conseguindo a cura e tu seguias sendo a criança mais incrível e amorosa comigo, não sentia que eu era merecedor desse carinho pois afinal de contas a minha função primeira era a cura e ela não estava sendo atingida.

Pois bem, perto do teu aniversário de 8 anos, tu internou e as coisas não estavam muito boas. A doença progrediu e uma infecção descontrolada te levou para a UTI. A nossa luta seguiu, sempre nos falávamos até o dia que tu necessitou ser sedado e não estavas mais consciente para o sorriso de todo dia. Foram dias de muita apreensão ao lado de teu pai e tua mãe e o quadro piorando.

Até que um dia as esperanças estavam baixas na tua melhora, eu visivelmente destruído e teu pai veio conversar comigo após a visita diária na UTI. Teu pai me disse :

“Dr, sei que tu fizestes tudo pelo meu filho, mas acredito que agora temos que deixá-lo partir, não quero mais que ele sofra.”

Sabe que essas palavras, esses poucos segundos, me ensinaram o que anos de medicina não foram capazes. Nessa frase eu finalmente entendi que o sentido do que eu faço não é curar e sim cuidar, se o paciente tiver um desfecho ruim mas se ele for bem cuidado até o final eu – sim – fiz o meu trabalho.

Quão interessante são relações humanas a ponto de um pai falar para o médico : “deu, fizemos o nosso melhor”. Quão grande é o amor de pais e filhos ? Quão heroico pode ser o amor verdadeiro, amor incondicional ? Pois quem ama de verdade não tem posse, quem ama liberta.

Tu neste momento está em algum lugar melhor, isso eu tenho certeza, pois se existem anjos nesse mundo tu definitivamente é um deles.

Obrigado por me ensinar a ser melhor
médico e melhor pessoa, obrigado por



confiar a mim o teu cuidado, obrigado
por me ensinar o que é o amor.

Tu sempre serás lembrado.

Um grande abraço, do teu sempre amigo.

Felippe Da Silva Schirmer



.Carta a você, Fisioterapeuta.

MÃOS

Qual o significado das mãos para um fisioterapeuta? As mãos são o contato direto dele, fisioterapeuta, com o outro, o paciente. Mas não são simplesmente mãos. Aquelas das quais utilizamos todos os dias e nem nos damos por conta. Mãos que ficam esquecidas pela comodidade do dia a dia, pela rotina de ser utilizada sem uma atividade específica.

Mãos que acabamos não percebendo o quanto são perceptíveis ao toque, às sensações, às superfícies.

Mãos que podem ser macias ou ásperas, de acordo com a utilização dada a elas. Podem apresentar um toque suave, bruto ou firme.

Podem ser delicadas assim como grotescas. As mãos nos passam sentimentos, sensações, desejos, certezas ou dúvidas. As mãos organizam fora o que não conseguimos organizar dentro.

As mãos têm muitas funções.

Mãos de bailarinas, delicadas que se movimentam ao ritmo de uma melodia.

Mãos de mães, seguras, firmes e, ao mesmo tempo, atenciosas ao segurar seu filho.

Mãos de apaixonados, juntas, unidas por uma promessa de amor, ansiosas, trêmulas.

Mãos de um vestibulando, a incerteza de estar fazendo a opção certa, a dúvida de um possível erro.



Mãos de um pianista, ágeis e ao mesmo tempo suaves.

Mãos de um cirurgião, precisas, firmes, sem erros.

Mãos de avôs, maduras, com experiência de vida desejada pelos netos.

Mãos nem sempre utilizadas para o bem, agressões, contusões, fraturas.

Afinal, e as mãos de um fisioterapeuta, o que as diferencia das demais?

As mãos que tocam, pressionam, corrigem, alinham, deslizam, massageiam, apertam. As mesmas mãos que passam conforto, segurança, bem-estar.

As mãos de um fisioterapeuta são essenciais, únicas, preciosas. Sem elas um fisioterapeuta não pode ser considerado como tal, sem elas não há a certeza do paciente de que tudo ficará bem.

É preciso cuidá-las, notá-las, priorizá-las, afinal, elas são externamente o que sentimos internamente.



Fernanda Rombaldi Bernardi

.Aprendendo com Larissa

A primeira a chegar na sala de aula.

Voz inconfundível. Nunca silenciou. Presença sempre. Escritas poucas e falas muitas. Sentimos tua falta, tua perda.

Escreveste no dia 20 de março:

Sobre o Alegremia

Sobre esse texto é possível observar que existem necessidades básicas que são comuns a todos os seres vivos, mas que a depender do lugar/comunidade em que vivemos vamos adquirindo outras necessidades básicas (não vitais), porém que dão sentido a vida dessas famílias.

Sobre Bon Vivant

Reflieto sobre a necessidade de mudança sobre a nossa relação humana com a natureza, uma vez que a atual situação nos levará ao colapso. Precisamos entender que fazemos parte da natureza, como qualquer outro ser, e ter uma relação de cooperação e não de exploração com a mesma.

Larissa



Foto de painel no Aeroporto de Madrid – Espanha – 2019 – Professora Rosane Caneiro Sarturi

19 de junho de 2021.



Sempre que alguém
Daqui vai embora
Dói bastante
Mas depois melhora
E com o tempo
Vira um sentimento
Que nem sempre aflora

Mas que fica na memória
Depois vira um sofrimento
Que corrói tudo por dentro
Que penetra no organismo
Que devora
Mas depois também melhora

Sempre que alguém
Daqui vai embora
Dói bastante
Mas depois melhora
E com o tempo
Torna-se um tormento
Que castiga, deteriora
Feito ave predatória
Depois vira um instrumento
De martírio duro e lento
Uma queda num abismo
Que apavora
Mas depois também melhora

Enfim
Às vezes dói bastante
Mas melhora

Enfim
É só feliz cidade
Aqui agora
É bom

É bom não falar muito
Que piora
Enfim
É só felicidade

Composição: Felicidade de Luiz Tatit

<https://www.lettras.mus.br/luiz-tatit/164823/>

E vira então
Uma força inexplicável
Que deixa todo mundo
Mais amável

Um pouco é consequência
Da saudade
Um pouco é que voltou
A felicidade

Um pouco é que também
Já era hora
Um pouco é pra ninguém
Mais ir embora

Vira uma esperança
Cresce de um jeito
Que a gente até balança



A quem interessar

Durante o início da graduação nós, alunos, ficamos meio perdidos, né? Ansiosos em começar a ter contato com pacientes, mesmo não sabendo o mínimo de medicina. Comigo não foi diferente.

Lembro que, na formação básica, tive uma aula espetacular sobre transplante de células tronco. Me apaixonei. Pensei, quero fazer isso na minha vida. Após a aula fui conversar com a professora pedindo pra entrar em algum projeto de pesquisa relacionado ao assunto. Ela, contaminada pelo meu entusiasmo e não querendo me frustrar, me disse que não tinha nenhum projeto aberto atualmente, mas que eu poderia acompanhar uma médica hematologista, chamada Dra Cláudia, que tinha um ambulatório de transplante de medula óssea em pacientes com leucemia. Fui lá eu acompanhar o ambulatório dela, como sombra, meio sem grandes pretensões. Fui muito bem recebido por ela. Me tratou como filho e se dispôs a tirar todas as minhas dúvidas.

À medida que aconteciam as consultas com os pacientes, uma situação começou a chamar a minha atenção: o comportamento camaleônico da Dra Claudia. Era completamente mutável dependendo de qual paciente estava na nossa frente. Algumas vezes ela falava muito pouco, em outras falava muito. Algumas vezes tinha comportamento maternal, em outras era mandona, quase agressiva. Poderia ficar horas descrevendo os vários tipos de humor e comportamento que testemunhei durante meu estágio lá. Demorei a entender o porquê dela ser assim. Achei que era algo da personalidade dela, variação de humor, humor ciclotímico, sei lá.

Parei de observá-la e passei a prestar atenção no comportamento de seus pacientes e rapidamente identifiquei o quanto eles tinham adesão ao tratamento. Todos tinham uma confiança plena nela, falavam dos seus medos mais íntimos, das suas dificuldades com relação ao tratamento, compartilhavam suas tristezas, suas alegrias, suas vitórias... testemunhei muitos choros de peito aberto.

Entendi que ela agia assim para se conectar com as individualidades de cada paciente. Cada ser humano tem uma personalidade, uma história particular e uma



vivência única, não é? Por que então deveríamos homogeneizar nosso atendimento atendendo a todos da mesma maneira?

Fiquei absolutamente encantado que, naquele espaço, ela e sua personalidade eram o que menos importava. Me chamava atenção o quanto ela se anulava para eles. Ficava confuso se era um teatro, algum método de comunicação próprio, só sei que era efetivo. Estavam todos lá, seguindo o que tinha que ser seguido e estimulados a caminhar por essa jornada tão dolorosa que é o tratamento de uma leucemia e um transplante.

Claro que eu sei que esse comportamento não era automático e não se estabelecia no momento em que o paciente entrava em consulta pela primeira vez. Era fruto de muita observação, análise e escuta. E um pouquinho de inteligência emocional também.

Entender o que o paciente quer e necessita enquanto indivíduo não é rápido ou fácil.

Rapidamente o meu interesse por transplante virou secundário e a relação médico-paciente virou minha nova obsessão. Aquilo era o mais importante, todo o resto era passível de correr atrás, contanto que antes dominasse a arte de me relacionar com o paciente.

Desde então ela tem sido meu modelo, minha referência, meu objetivo de como médico deve ser e se comportar na frente de um paciente e, assim, tento também ser um modelo para os residentes e doutorandos que me acompanham.

Mauro Cesar Dufrayer



DESTINATÁRIO

Papai
Noel



Querido Papai Noel,

Não sei se depois de tanto tempo você ainda irá lembrar de mim... Meu nome é Pâmela e, hoje, tenho 30 anos. O tempo passou, a vida acabou sofrendo modificações e com isso, os envios anuais das cartas direcionadas a você foram se perdendo. Lhe peço desculpas por isso. Nos últimos meses, estamos vivendo dias difíceis em todo o mundo e junto com ele novas reflexões surgiram e é por isso, que depois de tanto tempo, volto a lhe escrever.

Na infância, lembro de lhe escrever cartas lhe dizendo o quanto me comportei durante o ano e o quanto merecia ser recompensada por isso. Hoje, lhe escrevo apenas para agradecer...





Agradecer por sempre ter me mostrado a direção do bem, me guiado para que eu seguisse os melhores caminhos, por ter me dado colo e carinho quando mais precisei, por ter vibrado junto as minhas conquistas e, mesmo longe, nunca ter soltado a minha mão. Obrigada por me ensinar que os verdadeiros e mais valiosos presentes vão além do material: humildade, honestidade, respeito, amor e empatia. Infelizmente, valores tão escassos nos dias de hoje. Mas graças ao seu exemplo e aos seus ensinamentos, minha essência se mantém forte.

Papai Noel, durante anos você esteve disfarçado dentro de sua roupa vermelha e sua longa barba branca, mas o que você não conseguia disfarçar era o seu olhar materno que nunca escondeu teu propósito: me fazer feliz e me ver sorrindo.

E é por isso que meu coração é só gratidão e que nossa conexão não tem explicação. Obrigada por ser minha maior fortaleza e meu porto seguro.





"Quem dera se por um descuido, Deus te fizesse eterna."

Obrigada por ser a responsável pela construção da mulher que sou hoje!

Com amor,

Pâmela

Carta de 22 de junho de 2021,
Porto Alegre – RS

Olá profas Carmen e Camila, boa noite!

Quero começar agradecendo por este ciclo que está se encerrando, esta disciplina me fez repensar muito sobre os caminhos que percorri e para onde quero ir. Em uma das aulas um colega comentou que nunca havia refletido sobre o processo de ensinar ao ingressar no mestrado, que o seu foco sempre foi aprender.

Confesso que esta era minha realidade, não por não gostar de passar a diante o que sei, mas por ter tido a compreensão de que o processo educacional na academia se dá estritamente de forma vertical. Sei que avançamos muito no ensino superior, mas ainda, na área da saúde acabamos vivenciando este formato (não ideal) de ensino na prática.

Ao me debruçar junto com os colegas sobre temas diversos para ensinar e aprender, entendi que uma boa aula não depende somente de anos de estudos, o que pesa no processo de aprendizagem são as trocas estabelecidas, entender o perfil de quem escuta e dialoga naquela aula e, principalmente, que a aula pode ser preparada de forma solitária, mas quando executada precisará ser em conjunto.

Percebi um fenômeno curioso sobre nossos grupos, as apresentações pares tinham elementos em comum mesmo sem combinar: meu grupo trouxe a receita do tiramissu, enquanto o grupo seguinte falou sobre café, ingrediente da nossa receita. Na outra semana um grupo propôs a história do vinho, seu caráter relaxante, o grupo seguinte propôs autocuidado e relaxamento. Este fenômeno pode ser produto das nossas interações e da mudança de olhar sobre a ensinagem.



Bell Hooks (https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks), autora que tenho me debruçado, fala em seu livro que não adianta ofertar os materiais aos alunos, é necessário ainda “[...] *saber o estado de humor, da classe, a estação do ano, o clima da sala e perguntar sempre se está bem, ou está acontecendo algo*[...]. Esta fala me parecia tão utópica, mesmo conseguindo me imaginar fazendo isso, pelos modelos que tive, achava tão difícil colocar em prática. Consegui visualizar como é simples e construtivo ganhar um tempo (pois este tempo não é perdido) com estes pontos para o ensino.

Então finalizo novamente agradecendo a experiência.

Com carinho,

Sabrina Nuñez Goncalves



. Para todas as pessoas que estão perdidas em meio ao caos,

A vida é movimento e transformação. (Monja Coen)

Aquí quem vos fala é uma mulher que trabalha em um hospital de referência para o tratamento da covid-19. Tudo começou no final de 2019. Escutávamos rumores sobre o início de um período conturbado. Não sabíamos muito sobre esse vírus que vinha assombrando alguns lugares, a população não acreditava no que ia surgir em seguida. Em março de 2020, medo e incerteza eram os sentimentos que acometiam muitas. No decorrer do ano, muitas pessoas perderam o seu emprego e ficaram sem saber o que fazer, pois o mundo havia parado. Casamentos, aniversários e outras datas festivas foram canceladas. Algumas pessoas retornaram para a casa dos pais, alguns se isolaram de tudo e de todos com medo. E assim, algumas pessoas nos deixaram, sentimentos de impotência, ausência de despedidas... uma saudade avassaladora sem direito a abraços e beijos que nos confortam. Como lidar com tudo isso? Uma mistura de emoções. No meio desse caos instalado, a pesquisa abriu caminho para a esperança, para que acreditássemos que dias melhores viriam e virão. A pesquisa, por vezes, esquecida, dessa vez tornou-se foco para que a descoberta da vacina pudesse desacelerar esta doença. Nossos corações encheram-se de esperança. Diante disso, pensamos em tudo que já passamos, o quanto aprendemos com tudo isso e quais lições tiramos. A vida realmente é curta e estamos aqui de passagem. Que tempos difíceis possamos nos trazer mais empatia, menos egoísmo, mais amor, menos ódio, mais construção e menos destruição. Pensando nisso, trago um relato da minha antiga moradia que irei me referir como casulo. Esta casa onde eu habitava era repleta de medo, inseguranças, dúvidas, e muita proteção. Quando alguém se aproximava, a "casa" protegia com sua armadura. A vizinhança gostava do casulo, se aproximava, por vezes queria entrar no casulo. Mas esta mulher não permitia. A barreira estava firmada. Ao passar do tempo, veio a transformação. Uma borboleta procurando ser livre, permitindo-se ser vulnerável. Muitas vezes estamos tristes, pensando que a vida não tem sentido e que nascemos para uma determinada função semente. Na verdade, nascemos para exercer a que quisermos. Se não estivermos felizes, podemos escolher outro caminho, e talvez, outro e outro. Importante é não desistirmos dos nossos sonhos e de buscar aquilo que faz sentido para nós. Que cada um que esteja lendo esta carta, pense na que tem buscado para si. Muitas vezes pegamos-nos pensando na outra. Por que a outra fez aquilo? Por que a outra escolheu aquele caminho? E a "eu" se perde na distância da outra. Além disso para nós e depois ao redor. O poder da transformação está dentro de cada um. É preciso olhar para dentro de nós, para não transbordar e entrar na casula da outra.

PARA TODAS AS PESSOAS QUE ESTÃO PERDIDAS EM MEIO AO CAOS,

 A vida é movimento e transformação. (Monja Coen)

Aquí quem vos fala é uma mulher que trabalha em um hospital de referência para o tratamento da covid-19. Tudo começou no final de 2019. Escutávamos rumores sobre o início de um período conturbado. Não sabíamos muito sobre esse vírus que vinha assombrando alguns lugares, a população não acreditava no que ia surgir em seguida. Em março de 2020, medo e incerteza eram os sentimentos que acometiam muitas. No decorrer do ano, muitas pessoas perderam o seu emprego e ficaram sem saber o que fazer, pois o mundo havia parado. Casamentos, aniversários e outras datas festivas foram canceladas. Algumas pessoas retornaram para a casa dos pais, alguns se isolaram de tudo e de todos com medo. E assim, algumas pessoas nos deixaram, sentimentos de impotência, ausência de despedidas... uma saudade avassaladora sem direito a abraços e beijos que nos confortam. Como lidar com tudo isso? Uma mistura de emoções. No meio desse caos instalado, a pesquisa abriu caminho para a esperança, para que acreditássemos que dias melhores viriam e virão. A pesquisa, por vezes, esquecida, dessa vez tornou-se foco para que a descoberta da vacina pudesse desacelerar esta doença. Nossos corações encheram-se de esperança. Diante disso, pensamos em tudo que já passamos, o quanto aprendemos com tudo isso e quais lições tiramos. A vida realmente é curta e estamos aqui de passagem. Que tempos difíceis possamos nos trazer mais empatia, menos egoísmo, mais amor, menos ódio, mais construção e menos destruição. Pensando nisso, trago um relato da minha antiga moradia que irei me referir como casulo. Esta casa onde eu habitava era repleta de medo, inseguranças, dúvidas, e muita proteção. Quando alguém se aproximava, a "casa" protegia com sua armadura. A vizinhança gostava do casulo, se aproximava, por vezes queria entrar no casulo. Mas esta mulher não permitia. A barreira estava firmada. Ao passar do tempo, veio a transformação. Uma borboleta procurando ser livre, permitindo-se ser vulnerável. Muitas vezes estamos tristes, pensando que a vida não tem sentido e que nascemos para uma determinada função semente. Na verdade, nascemos para exercer a que quisermos. Se não estivermos felizes, podemos escolher outro caminho, e talvez, outro e outro. Importante é não desistirmos dos nossos sonhos e de buscar aquilo que faz sentido para nós. Que cada um que esteja lendo esta carta, pense na que tem buscado para si. Muitas vezes pegamos-nos pensando na outra. Por que a outra fez aquilo? Por que a outra escolheu aquele caminho? E a "eu" se perde na distância da outra. Além disso para nós e depois ao redor. O poder da transformação está dentro de cada um. É preciso olhar para dentro de nós, para não transbordar e entrar na casula da outra.



ASS: SAMANTHA ZAMBERLAN

Porto Alegre, 02 de junho de 2021

Casamentos, aniversários e outras datas festivas foram canceladas. Algumas pessoas retornaram para a casa dos pais, alguns se isolaram de tudo e de todos com medo.



E assim, algumas pessoas nos deixaram, sentimentos de impotência, ausência de despedidas... uma saudade avassaladora sem direito a abraços e beijos que nos confortam. Como lidar com tudo isso? Uma mistura de emoções.

No meio desse caos instalado, a pesquisa abriu caminho para a esperança, para que acreditássemos que dias melhores viriam e virão. A pesquisa, por vezes, esquecida, dessa vez tornou-se foco para que a descoberta da vacina pudesse desacelerar essa doença. Nossos corações encheram-se de esperança.

Diante disso, pensemos em tudo que já passamos, o quanto aprendemos com tudo isso e quais lições tiramos. A vida realmente é curta e estamos aqui de passagem. Que tempos difíceis possam nos trazer mais empatia, menos egoísmo, mais amor, menos ódio, mais construção e menos destruição.

Pensando nisso, trago um relato da minha antiga moradia que irei me referir como casulo. Esta casa onde eu habitava era repleta de medo, inseguranças, dúvidas, e muita proteção. Quando alguém se aproximava, a “casa” protegia com sua armadura. A vizinhança gostava do casulo, se aproximava, por vezes queria entrar no casulo. Mas esta mulher não permitia. A barreira estava formada. Ao passar do tempo, veio a transformação. Uma borboleta procurando ser livre, permitindo-se ser vulnerável. Muitas vezes estamos tristes, pensando que a vida não tem sentido e que nascemos para uma determinada função somente. Na verdade, nascemos para exercer o



que quisermos. Se não estivermos felizes, podemos escolher outro caminho, e talvez, outro e outro. Importante é não desistirmos dos nossos sonhos e de buscar aquilo que faz sentido para nós. Que cada um que esteja lendo esta carta, pense no que tem buscado para si. Muitas vezes pegamo-nos pensando no outro. Porque o outro fez aquilo? Porque o outro escolheu aquele caminho? E o “eu” se perde no devaneio do outro. Olhemos para nós e depois ao redor. O poder da transformação está dentro de cada um. É preciso olhar para dentro de nós, para não transbordar e entrar no casulo do outro.

Ass.:

Samantha Zamberlan

Porto Alegre, 02 de junho de 2021.



Amadas, amados e amades

Sabemos que esta é uma carta que vai parecer longa, mas precisamos compartilhar com cada um e cada uma de vocês os pensares que provocaram em nós.

Queremos retomar nossos dias de leitura das escritas nas salas virtuais. Depois de combinarmos a escritura das cartas iniciamos a leitura em que a autoria ganha a vida na voz individual e lemos para vocês as cartas que escrevemos sós ou juntas, na escuta.

Não seguimos uma cronologia do planejado por vocês educandes ou por nós educadoras. Seguimos a escuta de quem partilha as dificuldades de *escrita de si*, posto que a escrita acadêmica tem impedido a manifestação de sentimentos, em seu formato cartesiano.

Não seguimos os exemplos de materiais sobre técnicas memorísticas e comportamentalistas para o ensino. Isto é familiar, costumeiro e conhecido. São materiais disponíveis nas redes informatizadas. Está pronto. É o conhecido na educação do último século.

Por isto, por ser uma carta, podemos falar de afetos, sentimentos, memórias. Aqui, seguimos a voz das poesias, pois,

*Não pretendo mais do que o limite,
que para além do limite
já se entrega
Eu cumpro os meus limites,
não cumprindo as regras
María Teresa Horta*



Fixe o Conhecimento: A Ciência da Aprendizagem Bem-Sucedida
 Capa comum – 1 agosto 2018
 Edição Portuguesa | por Peter C. Brown (Autor), & 4 mais
 ★★★★★ = 165 avaliações de clientes

Ver todas as formatos e edições
 Kindle R\$ 43,82 | Capa Comum R\$ 50,99

Ofertas de vendedores na Amazon
 R\$ 56,18 +R\$ 9,90 de envio
 R\$ 56,18 +R\$ 9,90 de envio
 R\$ 56,18 +R\$ 9,90 de envio

Disponível em <https://www.amazon.com.br/Fixe-Conhecimento-Ci%C3%Aancia-Aprendizagem-Bem-Sucedida/dp/8584291245>

Nos faz indagar: – o que pode ser diferente.

A fala da Luciane partilhou conosco a dificuldade de escrever começando uma carta e depois outra, reencontrando a forma de outra escrita, pois aquela primeira, a que estava iniciada, não conseguiu se concretizar. A segunda escrita no formato de carta se destina a todo adolescente que enfrenta o sofrimento, que se desafia nas suas escolhas profissionais, que enfrenta na sua vida os convívios com a família, com os grupos sociais dos quais participa. A memória e o pensar faz ver o quanto toda vez que se escreve, estamos a mostrar uma parte de nós. A parte do pensar que transforma a matéria.

Mais, ao fazer uma carta, em especial, falamos de nossas memórias e vivências. Lembra do que a Professora Eliane Ribeiro Pardo, a partir dos estudos de Michael Foucault, ao ensinar a escrita aos seus alunos na área da saúde, chama de *escritos de si*.



As escritas compartilhadas pela *Luciane*, nessa carta, mostram dedicação, zelo, abertura para a escuta, pois,

*os caracteres não têm caráter
- a vida não é um monte de dados
o corpo precisa de estímulos
mais que de informações;
o mistério ainda é mais lírico que as descobertas;*

Zeh Gustavo

As descobertas que vamos fazendo nos humanizam. Revelam nosso humano ser. Despertam curiosidade, motor de aprendizagens. Podem inspirar e dialogar com outras gerações. Giovana fala também das suas dificuldades de escrita e superando-as, lê uma escrita dedicada para as mães em isolamento. Relações entre gerações que revelam e aproximam a importância de percebermos que essas mães no isolamento, precisam cuidar de seus filhos, cuidar das crianças e adolescentes, cuidar de si.

Cuidar de si. Faz ver a necessidade do cuidado com as mães. Por que não dizer também com os pais? Será que a paternagem não é parte? Ou filhos e filhas no século XXI seguem responsabilidade exclusiva do universo feminino tal como foi construído conceitualmente no século XIX? Com delicadeza ímpar Giovana expõe estas indagações que acompanham a mãe e a mulher, deste tempo, que somos._

Neste cuidado a auto-compaixão é fundamento. Auto-compaixão. Com paixão. Tudo aquilo que podemos como humanos fazer promove reflexão. A necessidade de paixão que é este envolvimento do afeto integralmente e quando fazemos ciência e produzimos conhecimentos falamos da ciência, mas falamos das nossas escolhas sobre em que área da ciência queremos nos mover, produzir, contribuir.

E, a paixão nos acompanha. Quando se diz compaixão, a palavra que junta, não junta apenas duas palavras. Mais, exige de nós a generosidade que temos que ter. Cada um consigo e com o outro. Com paixão. Mas, quando é autocompaixão possibilita cuidarmos cada um e cada uma de nós mesmas._



Como cada um cuida? Poderíamos dizer que o cuidado é aquele sobre o qual escreve o Frei Leonardo Boff, posto como fundamento ao convívio, para ou no cuidar, a preservação da humanidade. Ou o conceito de cuidado proposto por Edgar Morin nos saberes para este século, na complexidade que é promovermos, produzirmos e nos apropriarmos dessa potência que é cuidar. Cuidar de si e cuidar do outro.

*Se não fosse a graça,
seria doçura;
se não a doçura,
quem sabe? – a simpatia,
ou até talvez, – quem diria!
apenas a risada.
Mas mesmo que não fosse nada.
Ainda assim seria.
Flora Figueiredo*

Quando Camila lembra da frase da própria mãe (que às vezes a criança e a adolescente não chega a perceber como um valor), tem tanta gentileza e a genitora diz: – *Seja gentil com você mesma*. Podemos ser gentis?

Precisamos nos afastar dessa ciência que nos pedem. Uma ciência que cobra produtividade tóxica, que desconhece a condição de vida de cada ser, que propõe a competição, a concorrência como meta individual a ser atingida. Quando olhamos para o mundo ao redor, o que a vida está a pedir, nesse momento da pandemia em especial, é a cooperação, a colaboração, a solidariedade.

Buscar as formas de podermos viver melhor, viver mais livremente, até para que possamos ir construindo um humano com outras características.

Essas necessidades que a pandemia escancara, como a de produzirmos uma ciência conjunta que faça avançar as condições de Bem Viver para nossa humanidade.



A mesma humanidade que trazida nos versos da Gabriela Mistral

*Somos culpados de muitos erros e faltas porém
nosso pior crime é o abandono das crianças
negando-lhes a fonte da vida
Muitas das coisas de que necessítamos podem esperar.
A criança não pode
Agora é o momento em que seus ossos estão se formando
seu sangue também o está e
seus sentidos estão se desenvolvendo
A ela não podemos responder "amanhã"
Seu nome é hoje.*

(Tradução de María Teresa Almeida Pina)

Tal como Luciane, Giovana, Camila, a Alana também conta que inicialmente não conseguia escrever. Depois retoma com outra escrita porque o tema primeiro ficou escondido. Não era talvez o momento de vivenciar. Nem o momento da escrita.

Ao resgatar a importância desse processo educativo ela escreve para bisavó. Transita entre passado e presente escrevendo para alguém do passado. Retoma a própria relação temporal. O tempo que nós somos capazes de estabelecer entre nós e com as gerações.

Quando Alana escreve sobre o cheiro de afeto não se sabe sequer por onde começar. Mais do que agradecer a riqueza do convívio dos sapatinhos amarelos tecidos e escritos com delicadeza ponto-a-ponto e que enlaçam e se trocam. Faz ver. Enxergar vida e morte. Ligar. Fechar com laços de ouro o estar no céu.

Os laços familiares contam, tratam e trazem aquilo que é invisível aos olhos. Provocam a necessidade de escuta sensível. A mesma sobre a qual escreve Renê Barbier e que nos convoca, como humanos, a prestar atenção em cada palavra, em cada detalhe, em cada gesto que fala e sobre os quais não basta fazer um registro formal do significado ou do sentido da palavra, isoladamente. Como razão. Mas, aprender a ler e decodificar os sentimentos implícitos neste processo de vida intergeracional. Mas também em cada



geração de possibilidades e potências. Esses laços de afetos que vão retomando todos os sentidos da escuta sensível nos fazem sempre pensar de algum modo, naquilo que vamos construindo. O rosto, o gesto. Muito mais do que uma mão estendida em formato de arma ou uma mão estendida como gesto de manifestação de acolhimento. Mais do que uma propagação de limites de uso da força de descrença, uma construção sensível. Visível. Manifestação. Crença. Paixão e humanidade._

Todo texto tem seu curso

Tem seu léito

camínho de sua memória

lembrando histórias

tem tempo

que não se acaba

e não se apaga.

Por fim o Marcus (MARCUS VINICIUS DA SILVA AZENHA) traz uma carta, depois muitos ensaios. Ele diz ser pequena. Retoma a ideia de ser quase que um bilhete expandido. E daí? A gente precisa pensar sobre o volume. O volume das coisas que fazemos e parecem tão pequenas. Tão singelas. Porque é um texto curto. Mas, um texto curto não é necessariamente raso ou menos denso do que um texto longo. O curto permite pensar sobre que formação está sendo oferecida aos profissionais da área da saúde e aqui não queremos falar de nenhuma profissão em específico.

O formador Marcos se dirige aos seus alunos e alunas, aos seus colegas, aos que se formam no ambiente onde trabalham – dentro de um hospital. O contato com os formandos fica disponibilizado quase que em tempo integral e as mazelas pedem um leme.

Os profissionais têm que enfrentar as mazelas e serem eles mesmos aqueles a quem o leme será entregue – o cuidado. Marcos dá um conselho: valorizar o pequeno. E ele disse que o texto dele era pequeno. O texto é esse. Mais do que um trabalho. Mais do que uma profissão. Mais até do que um ofício ou vocação da qual fala este autor.



Que humanos somos nós? Que pensamos? Que propomos? Aqueles que têm o brilho no olhar. Os que têm o brilho no olhar quando falam? Quando fazem uma escuta sensível. Os que tem o brilho no olhar quando escrevem. Os que tem o brilho no olhar quando põe em prática toda sua possibilidade?

Como escreveu e diz o Professor Doutor Md. Odalci José Pustai as tecnologias duras têm possibilitado construir representações numa hiper-transparência do corpo, porque podemos fotografar o corpo em todas as suas dimensões, posições, movimentos, no interior, de dentro para fora e de fora para dentro, transversalmente, reconstruindo imagens dessas partes, numa unidade, como um corpo por inteiro. E, ao mesmo tempo, temos uma intransparência do ser. Precisamente o que é mais do que aquilo que as decisões nos fazem tomar rumo e, quando pensamos nisso, e escutamos essas cartas escritas com tanta sensibilidade, usando todos os sentidos que como humanos temos e ressignificamos esses sentidos para as nossas vidas.

Inspiração, trabalho, reflexão, pensar, repensar.

Como essa produtividade tóxica exigida pode ser olhada de outra forma para que não tenhamos que ficar concorrendo sistematicamente entre nós para o alcance de uma fama momentânea, efêmera? E não pode ser um processo mais rico e criativo? Especialmente neste momento da pandemia, quando especialmente os profissionais da saúde em todas as suas sub-áreas dedicam integralmente tempo e vida a cuidar de quem está necessitado desta atenção? Tratar e manter vivos o maior número possível de pessoas? Temos quase 500 mil mortos em um período de 15 meses. É muita morte em muito pouco tempo. E a tendência parece ser a da continuidade._

A gente se acostuma. Mas não devia.

Para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se

da faca e da baioneta, para poupar o peito.

Para poupar a vida que aos poucos se gasta e,

de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Marina Colasanti



Estas cartas propõe que este humano que somos e que precisamos entender no conjunto do planeta onde vivemos é maior e precisa de Bem Viver e eticamente respeitar aquilo que a natureza nos pede. Não a natureza abstrata e genérica. A natureza que apenas os sentidos sejam capazes de observar, mas essa natureza pode ser lida a partir da ciência, do conhecimento humano em toda a complexidade, da ecologia, da filosofia, da física, da química, da biologia, sim e também das formas humanas a começar da psicologia, sociologia e / ou antroposofia, e mais... .

A ciência que está sendo usada e lida pelos grupos humanos que aqui vivem. A natureza está aí, mas a natureza não tá morta, ela é viva. Se transforma, se auto transforma constantemente, e nós a transformamos. Se pensarmos no que a física ou a mecânica, e em especial a física quântica – quantos equipamentos, movimentos, potências foram criadas, inventadas, recriadas e reinventadas? Seres que fazem ciência fazem obras, descobrem, criam, inventam. Se reinventam

Se olharmos a descoberta publicada no dia 10 junho de 2021, e as de hoje, de ontem? Aliás, a construção dos microscópios quânticos provavelmente vai alterar completamente a nossa noção de humanidade. Vai problematizar de outras formas aquilo que como humanos e como cientistas e como pensadores somos capazes de produzir, de fazer, de pensar e fazer pensar.

Os profissionais da Saúde seguem desenfreadamente trabalhando na busca da vida. No cuidado com essa preservação. Que humanidade é essa que é capaz de desconhecer isso tudo? E como a gente ao se formar como um educador na área da saúde, porque se torna Mestre ou Doutor, recebe um título que não se basta. Não basta virar quadro em parede. É um título que nos responsabiliza sistematicamente para produzirmos esta finalidade colocada para nós. Responsabilidade de cuidado e especialmente para quem Educa, mais do que ser um profissional da saúde, pode ser educador. Educador cura e saúde educa, escreveu Rudolf Steiner. Seja como professor, que é o que professa, ou educador que se torna responsável pelo processo de formação, que não o de colocar em formas, e divide com os outros o que aporta ao outro. Qualquer que seja esse o outro – seja um colega, um paciente, um amigo, um vizinho, um familiar. Não importa em que e qual é o lugar do e no qual se fala. Um educador educa e a educação é processo histórico ao longo de milhares de séculos, que busca respostas aos



desafios presentes e futuros. Vai se mostrando sempre nova e sempre tendo que ser recriada em outros patamares e memórias.

Carlos Drummond de Andrade

deixa confundido

Memória

Nada pode o olvido

contra o Sem sentido

apelo do Não.

As coisas tangíveis

tornam-se insensíveis

à palma da mão

Mas as coisas finidas

muito mais que lindas

essas ficarão.

E, a chegada do novo? É Christy quem escreve. A destinatária? A sobrinha *Recém Chegada*, no tempo da pandemia. Anuncia e propõe como essenciais: a paciência que produz esperança, o tempo, para seja vivido sem ser aquele da pressa. Ser o tempo lento, e o acolher o saber da criança, a que é, a que está pronta como criança. A mesma que tem propostas para unir o mundo a todos, a todas e a todes. Nos faz reconhecer as contribuições e a não desperdiçar anos com medidas controladoras e punitivas.

Lembrar do filme *Crianças Invisíveis*, nos leva e faz pensar no quanto temos relegado crianças a depósitos ou a lugares estéreis. Ou, o quanto as crianças seguem invisíveis aos olhos dos adultos que veem nelas um obstáculo ou os próprios limites. E, elas são aquilo que de mais rico possa acontecer à humanidade.

Mas, em nossas leituras, como vamos cuidando de quem chega? Não lembro, e não anotamos quem falou aqui de uma organização prévia dos grupos. Autonomia



preservada. E da autonomia e flexibilidade conosco, de como essa organização planejada, na hora de se concretizar, se altera, aceita, acolhe e cuida de cada um e de cada uma que aqui chega para ler o novo, outra sequência.

Luciane faz com que pensemos no quanto das nossas vidas vamos planejando e precisando retomar aquilo que de potência pode ser compartilhado, pode ser dividido, pode ser reestruturado e partilhado para que outros aprendam conosco. Não porque saibamos tudo, apenas para que outros possam viver suas vidas com consciência, dignidade e em condições de propagar e disseminar amor,

-

*que cheguem tempos de voz
que a palavra volte a ser chicote e flor
troque o abandono pelo pão das idéias
parto de luz que tua canção condena
talvez liberdade*

Assim escreveu Karel Garcia, trazendo alerta e como coro para Elisa que escreve uma *Carta ao futuro presidente do Brasil. Por que senhor presidente temos Esperança e, nesse momento, apesar de você (e vem a música às memórias) ... do que você quer, está aí, vai ser outro dia. Potência, possibilidade, compartilhamentos da esperança que não é a da espera.*

O esperançar de possibilidades para humanidade e especialmente para nossa humanidade brasileira, nesse momento, tão atingida pela pandemia. Mas, nos leva a perceber que vai passar. É momento. E, transitório, mesmo se não soubermos das medidas do tempo. Se passar, vai deixar marcas e possibilidades de outras construções de outros projetos mais solidários, mais justos, mais dignos. Por amor, encaminha ao destinatário, divulga nas redes,

*Assim como o cal desprende da parede
Apodrecerá a cerca da violência
que foi erguida na fronteira
Para manter longe a justiça*

B. Brecht



Esperançar. Esperançar alegrias. É preciso retomar a nossa possibilidade de alegria e também de chorar. Como humanos o choro por vezes é a forma de poder manifestar aquilo que na palavra não se torna suficiente. A lágrima não pode ser contida. É o sentimento que só o humano é capaz de produzir. Transcende aquilo que materialmente vem ao pensamento, e o sentimento expressa. E, ainda assim, nós podemos pensar, transformar e escrever sobre.

Com razão a Samantha escreve e diz: – vou escrever sobre mim, e vou escrever sobre a pandemia. Mas, ao começar, a escrita se transforma e o texto final mistura o eu e esse coletivo. Traz o medo, a incerteza, a sensação de que o mundo parou. Sensação de impotência e, ao mesmo tempo, a construção de um casulo. Um casulo no qual a esperança permite surpreender. Permite quase que como num devaneio, se perder, não se encontrar. E, se encontrar com outro. No choro a nossa possibilidade do humano.

Do humano há a reconstrução sistemática. O abrir espaço para podermos ver que condição é essa na qual trabalhamos cuidando do outro e às vezes dedicando tão pouco cuidado a nós mesmas. Disponibilidade, disposição para cuidarmos de cada um de nós. Novamente, volta a frase da mãe da Camila: – Seja gentil, seja gentil com você mesma. Porquê? Essa mesma gentileza nos fortalece. Abre espaço para que sigamos esperançando alegrias e esperançar alegrias não é apenas uma palavra piegas de fazer algo ou esperar por algo. É a possibilidade de fazermos acontecer aquilo que somos capazes de imaginar a cada momento. Esperançar alegrias.

É não esperar pelo outro, e fazer com, estar com. Juntas.

*Fosse o rio
abraçaria o mar
Fosse mar
abraçaria o ar.
Fosse ar
abraçaria o fogo.
Seria então
todo.*

Fernando Paixão



Quais são as permanências que vamos percebendo? Como essas permanências recebem uma carga emocional tão grande? Exigem vínculos. Por que falar é algo que Felipe diz que faz melhor. Assim inicia a sua fala e traz a ideia de que a nossa aula é muito intensa e que tem dificuldades nas escrituras. Mas, vemos que densa, delicada e intensa é sua carta.

As permanências pedem vínculos e o que vale para relação médico-paciente – familiares, para relação enfermeiro – paciente – familiares, para relação nutricionista – cidadão e cidadã, para quem consulta ou atende, dialoga com educador e educadora que educa, e, ao educar relembra palavras desta escrita do Felipe. As que são fundantes: estabelecer um vínculo, este vínculo que passa pelo afeto e que afeta, sim. E o afeto requer confiança.

Aprender com e nos diálogos mostrou mais do que curar o cuidar. É uma tarefa que se destina a promover dignidade aos humanos. Amorosidade extrema. Algo que em nossa humanidade, de alguma forma, nos é exigida. Essas palavras do Felipe fazem pensar esta dimensão do humano.

Não poderíamos estar escrevendo e lendo cartas se entre nós não houvesse confiança. A confiança fundante e sem a qual não podemos ir adiante. Porque? Somos uma construção em permanente movimento, sempre nos desafiando a ser mais como teorizou Paulo Freire ao afirmar o ser mais como inerente ao ser humano. É inerente o que não cabe em si porque se não for realimentado, recriado, apenas a repete, repete, repete.

Nesse sentido, o vínculo é necessário. A confiança também. E, junto a isso, o pensar e o dialogar pede confiança. Requer de quem educa a coerência. Coerência que é muito mais do que articulação lógica de ideias. Discursar, falar sobre algo e fazer esse algo sobre o qual falamos de forma a que no dia a dia sejamos capazes de conseguir manter a coerência. Porque falar dessa coerência entre o falar e o fazer, entre o dizer, o teorizar e o colocar em prática.

No dia 15 de junho foi divulgada há pouco tempo a descoberta científica de um microscópio quântico capaz de perceber e registrar inúmeras ações, sobre o que ocorre no corpo humano. O microscópio vai analisar as células e os átomos do corpo humano, os espaços vazios que estão nos átomos e o que já esteve pensado como matéria pura e



invisível, agora se torna visível. Como visível nos desafia a pensar. Nos desafia a pensar e, falando sobre esta descoberta, falamos e podemos descrever, do ponto de vista de um modelo matemático, paramétrico ou não paramétrico, traduzido em fórmulas repetíveis. São essas fórmulas que permitirão novas imagens, mas o que nelas podemos encontrar de materialidade? Quando, mais do que falar sobre algo, podemos reconhecer e atuar de modo a traduzir essa potente descoberta científica é capaz de trazer para ao cotidiano, ao vivido?_

*Só quando transgrido alguma
ordem
o futuro
se torna respirável.*

Mário Benedetti

O que pode fazer esta inovação para que as pessoas possam pensar sobre isso? Ou, dito de outro modo, como traduzir aquilo que é uma descoberta científica altamente sofisticada em algo que possa ser compreensível pelas pessoas no seu dia a dia. E, especialmente pelas pessoas que não vivem da ciência, em contato com ela, ou ainda, que não estão habituados a pensar metodicamente. Teoricamente sabem o que a ciência é. Mas, parece que se esquecem deste tipo de raciocínio.

Ao cinismo negacionista parece que a mente esquece desse conhecimento lógico. Esta descoberta põe em prática muito mais do que lógica e brilho nos olhos. Permite eticamente considerar os afetos e o Bem Viver. Cuidados com o outro. Formas de agressão, negação ou de projeção para uma rede mais ampla de relações.

Cláudia Schüür brinca com a noção de tempo, transitando no escrever uma carta para o passado como se fosse ficção datada de 2030, sobre aquilo que passou em 2020. Faz esse movimento que a física quântica sim é capaz de nos ajudar a entender, mesmo ainda desconhecido.

Podemos pensar um objeto de pesquisa para entender como é que esse processo é possível transitar pelo tempo e será que é? Até esse momento não temos essa



resposta. Mas, assim temos que continuar buscando e como nós vamos educar pessoas para viverem com esta possibilidade? Ao mesmo tempo que ela faz um desabafo e o desabafo vem recheado e carregado de emoção e frente aos desafios que está sendo nesse momento conviver com tanto sofrimento?

E, ao mesmo tempo, com uma condição de seguir produzindo conhecimento novo porque quem vem para o mestrado quer ser mestre e querer ser mestre é também querer ensinar de alguma forma esse conhecimento que descobre e que às vezes olhado isoladamente parece tão singelo tão pequeno? Mas, no conjunto da produção humana pode criar. E esperamos sempre e trabalhamos para que isso aconteça. *Bem Viver*.

Um bem viver mais abrangente, mas unitário no sentido de ser capaz de atingir um contingente maior no universo e cada vez mais produzir mais bem viver para outros grupos. O desabafo da Cláudia que parece tão singelo permite voar para buscar com o pensamento outras possibilidades de humanamente nos construir e nos constituirmos tal como fez José Saramago quando adotou esta forma de escrita em que a pontuação, o ritmo e as rupturas ou permanências são escolhas de quem lê.

*Meu menino tem nos olhos os mistérios
Dum mundo que ele vê e que eu não vejo
Mas de que tenho saudades infinitas.*

Francisco Bugalho

Lembrar das cartas lidas em outros encontros quando o colega falou sobre o seu gosto pela música e do quanto o gosto pela música foi permitindo o recriar a própria vida e onde para cada situação há uma música e cada uma conta uma história. Como disse o Hugo no encontro virtual: "escrevi ontem para os amigos com quem converso sobre futebol e sobre qualquer coisa mas escrevo *Para quem é a dona do meu espírito*. E a dona do meu espírito, espírito da minha alma – a música." Assim foi o registro no caderno no momento da aula.

Se a música é a janela que se abre para a vida, é parte da vida e cada uma tem o seu tempo, sua circunstância. A música, simultaneamente, é matemática, tempos, ritmos,



sequência, agrupamento no pensamento e expressão de sentimento. Não existe música sem método, sem disciplina e sem rigorosidade, por mais que ela possa ser espontânea como a que faz ou fazia o Hermeto Pascoal, como possibilidade de criar o diferente e a diversidade. Então, ser parte da vida pela música abre espaço para a humanidade.

Para o processo da nossa humanização. Amamos música. Particularmente aproveitamos dela a sororidade e o convite ao movimento do corpo.

O movimento agora restringe a possibilidade de encontros, de toques, abraços e promove isolamento. Cristina escreve carta aos isolados. Para a enfermagem o cuidado e o afeto são considerados fundamentos. Mas, qualquer um que seja leitor ou escritor sempre pode pensar em repercutir esse estar junto, próximo ou distante. O distanciamento que tem sido visto como comportamento desagregador na sociedade, agora, é um ato de cuidado consigo e com o outro. Permite esse olhar para si e para o outro e normalmente estamos acostumados a pensar que o distanciamento físico é manifestação de recusa, descuido e rejeição. E agora vivemos o distanciamento como um ato de cuidado.

Mariana Cardoso também fala do isolamento. Escreve sobre uma rotina que mudou a vida e quando ela escreve uma carta ao seu filhote e assina como Mamis, expõe a construção do relacionamento mãe e filho, numa linguagem comum aos dois. Questiona essa possibilidade de mudar porque este isolamento no qual vivemos há um ano e meio praticamente força um planejamento do Futuro em outros parâmetros que não os vigentes até o surgimento do vírus. Nesse pensar vai lembrando das palavras ouvidas como: tu nunca passou tanto tempo com teu filho, o que afeta as formas como olhamos para e vivemos a nossa humanidade.

Por outro lado, Pâmela traz na sua carta o diferente. Traz imagens e se propõe a falar sobre a nostalgia compartilhando imagens. Imagens do papai Noel e do natal. Compartilha falas e fotos e com isso vai nos fazendo movimentar aquilo que muito mais do que nostalgia a remete e nos remete, mais do que uma atividade mercadológica ou manifestação de religiosidade, para a nossa criança interior. Aquela criança que habita em nós sempre. De algum modo, os sentimentos não tem idade. Os sentimentos vão sendo crescidos, desenvolvidos e superados, mas não tem no sentimento uma medição de



tempo - sentimento. Não se mede pelo tempo o brilho no olhar. Não se mede pelo tempo. E, como medir esse sentimento? Talvez tenhamos que criar ferramentas.

Outras réguas para podermos ser capazes de falar sobre isso, como mostra a Natália Munhoz ao escrever uma carta para avó materna. Uma carta que fala de coragem e de generosidade. Coragem de avó. Generosidade de avó. Generosidade que no tempo continua transitando e permanece como constância. A pandemia traz uma inconstância da condição. Afetos seguem mantendo constâncias. Recriando memórias e vidas. Recriando humanos seres e fazeres.

Como Mariana agora e podemos dizer: eu nunca passei tanto tempo com meu filho. Nunca na vida passei e passamos tanto tempo na minha casa. Nunca tanto tempo sem sair de casa. Nem mesmo com filhos recém-nascidos, nem mesmo em períodos de férias, doenças sejam as individuais ou de familiares, ou outros. E, estando em casa, pela tecnologia, nesse tempo mediado pelos *pixels*, onde o que vemos na tela já não é uma pessoa mas é a representação dela, essa representação pode vir apenas como um plano cartesiano, linear, como um círculo colorido em torno de uma letra, ou uma foto, ou quando se abre uma câmera, como um quadradinho no qual pode ser visualizado uma imagem às vezes em movimento às vezes parada. Em geral, uma cabeça e um pescoço. Eventualmente aparece uma mão, um corpo, um movimento.

Se alguém perguntar se nesta turma tem alguém com alguma necessidade especial não saberemos dizer. Se tivéssemos um contato presencial, no primeiro dia de aula cada pessoa já poderia estar identificada. Nessa turma tem alguém com uma necessidade auditiva? Visual? Nessa turma tem alguém que precise de algum acompanhamento? Alguém que tem alguma dificuldade auditiva? Nada disso é necessário indagar porque pela tecnologia, a tecnologia resolve. Resolve do ponto de vista operacional as situações já criadas. Mas não nos resolve o pensar sobre o que é uma educação inclusiva.

Porque?

Porque as imagens na tela não são as pessoas. São as representações construídas por tecnologias de imagens que chegam até nós como resultados de emaranhamentos quânticos. Alguém sabe como é que nos deslocamos? Como é que caminhamos? Como é que nos movimentamos? Você sabe que e se gostamos de



dançar? De cantar? De exercitar? De água ou de refrigerante? Somos onívoras? Vegetarianas? Veganas? Ovo-lacto-vegetarianas?

E quando este “eu” se educa, aprende e ensina, não é apenas um receptor ou um depósito de uma listagem de conteúdos ou dos próprios conteúdos. Cada ser, cada eu, está por inteiro no processo. E, mais do que memorizar uma informação, passamos a dar vida ao que tem e faz sentido para cada ser, para cada uma de nós.

Pessoas conversando, ouvindo música, a música de que falou Mauro nos provoca a pensar sobre a música, mas aqui não tocamos nenhum instrumento. E, também não somos cantoras. Como nos relacionamos com a música? Quem saberia dizer? Será que como educadoras essas informações fazem diferença? Quando escolhemos filmes, livros, mensagens, poesias, palavras, faz diferença? E o que é ser diferente? Essas perguntas, traduzidas em palavras para vocês, são as perguntas para as quais não temos uma resposta pronta. Mas, seguimos indagando. Perguntar, sim.

Porquê esta permanência da pergunta é que permite pensar a impermanência das respostas. Como dizia o professor João Guilherme Corrêa de Souza na universidade – é melhor uma boa pergunta porque ela pode me acompanhar uma vida toda do que uma certeza de resposta que rapidamente cai no esquecimento._

Vem vadiar no meu cordão

Caí na folia meu amor

Vem esquecer tua tristeza

Mentindo à natureza

Sorrindo à tua dor.

Chico Buarque

O sofrimento deste continuado luto, vivendo mais uma perda. A perda da Mestranda do PPGSCA, Md. Larissa Peres, aluna desta turma de Prática Educativa em Saúde – 2020/2, médica-residente da UTIP do HCPA, contrariando a expectativa de que morram antes os idosos e idosas, no rumo do encontro com os familiares, queda na estrada. Nesse momento de dor, há



braços para abraços solidários, virtuais ou presenciais. Com máscaras e álcool gel 70%. A alegria, a delicadeza e inteireza de Larissa pedem o brinde anunciado quando ensinou que o valor do vinho não é o custo ou o preço, mas a sensação de bem viver que a degustação provoca. Em sua homenagem, partilhamos com vocês esses pensares.

Quantas cartas para Larissa. Falam de presença. De tempos, de vidas, de encontros, desencontros, partilhas, descobertas, ausências, afetos, perdas, oportunidades.

Quanta generosidade vem nessas escritas.

Quanta disponibilidade de compartilhamentos. Quanta capacidade de doação e de acolhimento vem nessas cartas. Respondemos trazendo para vocês esta carta. Expomos também as coisas que vocês nos fazem pensar. Não porque tenhamos respostas. Não porque qualquer conselho possa dar e tenha sentido. Não porque eu/nós sejamos gênios ou queiramos ser geniais ou magas.

Mas faz pensar que nossa relação entre professores-alunes também precisa da confiança, da coerência, da generosidade. Precisa que alguém tenha e mantenha vínculos. Faz com que ao pensar, se perceba que quem educa, educa a si e educa ao outro. Quem aprende, mais aprende quando ensina, e, quem ensina segue aprendendo, porque o outro é sempre o desconhecido e o que habita em nós também o é.

Voltamos àquela imagem inicial – o barco. Ele nos acompanha. O barco que busca a ilha desconhecida. Por vezes somos nós no processo de autoconhecimento, o que permite reconhecer o outro, a nós no outro, e o outro em nós. Alguém capaz de esperar, de escutar, de perceber a riqueza dos convívios muito mais do que alcançar metas de pontuação quantitativa.

Os modelos matemáticos podem ser capazes de produzir essa indexação que se vê, por exemplo, na Capes, como uma instituição que organiza, sistematiza e quantifica a produção científica, mas que ainda não está preparada para que essa produção não seja uma produtividade tóxica. Ou, para que ela possa promover alegria e Bem Viver.



A permanência e a impermanência, como algo que pode vir a ser, dialoga com a literatura, ou uma filmoteca, ou, hoje, vem pela poesia. Por aqui seguimos abertas ao aprender, à ciência, aos afetos, ao viver, ao pensar as questões que a experiência imediata ainda não foi capaz de solucionar, posto que o trabalho intelectual forma e transforma, com o seu fazer, o não saber em saber. Obriga a pensar. Interpretar o presente, desfazendo as aparências para interrogar as experiencições e assim alcançar os mais complexos e difíceis da práxis da ciência que a universidade é capaz.

Poetou Lenine:

*Tá cansada senta
Se acredita tenta
Se tá frio esquenta
Se tá fora entra...
Se escreveu remeta
Engrossou se meta
Quer dever prometa
Pra moldar derreta
Não se submetta*

Por isto, escrevemos, remetemos, lemos e publicamos:

Vocês são partes de nossas vidas. Amamos vocês. Cuidem-se, sejam gentis, ousem sempre a fazer mais e o dar o melhor de si.

Transformem as obras que produzem no sentir-pensar contra ao ódio ao pensamento, e em prol da decisão de recusar a mentira, a falsidade, contra o cinismo e articulando o nosso não saber e o saber até o momento o que permite o nosso interrogar, perguntar, dialogar e o pôr em movimento e na prática tudo o que as verdades desta ciência que somos capazes de fazer podem aportar à vida.



Agradecemos a cada um e cada uma que pondo em risco a própria vida na exposição ao coronavírus, com ou sem vacina, cuida, protege, aprende e ensina, EDUCA, sem adjetivações.

Muito obrigada a todas, todos e todes.

Com amor

Carmen e Camila



COMPLEMENTOS igualmente importantes

A história da Alegremia

Plano de Ensino de Prática Educativa em Saúde

Quem Somos



A História da Alegremia



Por Julio Monsalvo – Médico argentino, com especialização em pediatria e em saúde pública, educador popular, integrante do Movimento pela Saúde dos Povos.

Foi no ano de 1996. Chegamos a uma comunidade rural onde nos esperavam um grupo de senhoras camponesas. Estavam muito curiosas, pois haviam ouvido no rádio sobre as NBI (Necessidades Básicas Insatisfeitas) e queriam saber mais. Tratamos de explicar que se tratava de uma combinação de indicadores realizados por um Instituto do Governo para determinar a quantidade de lares pobres.

Após alguns instantes de silêncio e cochichos, começa uma conversa muito especial, refletindo sobre quais são realmente as necessidades básicas. “O básico”, nos dizem, “é o básico, o essencial, aquilo que não pode faltar a ninguém”.

E assim vão surgindo aquelas coisas consideradas essenciais por esse grupo de senhoras. Magicamente, todas começam com a letra A: Ar, Água, Alimento, Abrigo, Amor. Comentam com alegria sobre cada uma delas...

“Graças a Deus que vivemos no campo! Que lindo o ar que respiramos! Nada a ver com a cidade, com fumaças, odores, ruídos...”

“Se Deus nos envia a água da chuva que é pura... por que temos que fervê-la ou botar cloro? Quem a contamina?”

“Nós queremos que nossos alimentos sejam sãos, que sejam para a nossa saúde. Por isso, não usamos venenos e damos alimentos naturais aos animais. Mesmo assim, o senhor que comprou este campo grande para plantar um arrozal anda com uma avioneta e envenena o solo, mata nossas plantas, as crianças ficam com pintinhas, os avós têm tosse...”

“Necessitamos de uma morada digna, que nos abrigue, aonde possamos viver em família”

“Quem pode viver sem amor? O amor é necessário para viver... no casal, na família toda, entre os vizinhos...”

“E se tudo isso estivesse bem, que saúde teríamos”!

E a conversa entra em outra fase... refletir sobre a saúde! E assim se entra no questionamento sobre a saúde ser um “estado de normalidade”, medido por exames de laboratório, que dizem que tudo está bem se a glicemia ou a colesterolemia ou o exame que seja estiver entre valores mínimos e máximos.

“Isso não pode ser, nos dizem, assim como há enfermidades muito leves e outras mais graves, a saúde pode ser cada vez mais linda, mais saudável”.

E assim, como uma travessura, surge esta nova palavra: “Alegremia”, a alegria que circula no sangue é o que indica a



saúde... Claro, nunca se vai “medir”, mas sim perceber na maneira como estamos nos sentindo, em como caminhamos, na luz estampada no rosto, nas estrelas que brilham nos olhos.

E a conversa vai seguindo por diferentes âmbitos. Reflete-se sobre os “A”s. Escutamos às vezes expressões como a seguinte: “Olha o Senhor Ramon, está melhor que a gente... está em cadeira de rodas, mas... olha que alegremia tem!”

Chegamos então aos primeiros dias de novembro de 2001. Estamos em Chos Malal, na província de Neuquén. Estão concluindo umas jornadas com todas as companheiras e companheiros trabalhadores da Zona Sanitária. Pedem-me algumas reflexões para “encerrar” o evento. Na praça central, ao pé da cordilheira, conto esta história da Alegremia.

Como “número surpresa”, ao concluir, aparecem atrás de mim o grupo “Mulheres Contam Contos em Movimento”. Trata-se de mulheres que visitam hospitais, asilos, escolas e outras instituições. Ileana Panelo resgata histórias desde os distintos rincões de Neuquén e, enquanto conta essas histórias, com uma bela e modulada voz, suas companheiras fazem a mímica. Algo belíssimo e impactante, pois sempre deixam uma mensagem.

Ileana e suas companheiras se aproximam de mim e dizem: “Julio, gostamos disso dos “A”s e da Alegremia. Mas falta um “A”, o da Arte. A Arte nos dá espaços de criatividade, alimenta o nosso espírito”. A partir desse momento, começam a falar dos “seis As da Esperança e da Alegremia”.



Em 2003, a revista “O Médico” publica esta história. Chega até o Equador, e Patrício Matute, comunicador trabalhando na Fundação Criança a Criança, da Cidade de Cuenca, tem a ideia de propor às professoras e professores de seis escolas que cada uma delas trabalhe com as crianças um “A”.

Em junho de 2004, na ocasião de celebrar o encontro da Frente Nacional pela Saúde dos Povos, abre-se o mesmo com uma marcha de crianças dessas escolas pelas ruas e praças da cidade.

Com ruidosas batucadas, coloridas fantasias, faixas e cartazes e com engenhosas dramatizações e programas de rádio, manifestam as suas propostas sobre cada um dos “A”s que querem para o mundo.

Nesse momento, Cuenca está vivendo o clima da II Assembleia Mundial da Saúde dos Povos, a celebrar-se no ano seguinte.

As professoras e professores de muitas outras escolas se entusiasmam e decidem propor o mesmo em suas escolas.

Assim chega o mês de julho de 2005, e são mais de 60 escolas da província de Azuay, de Cañar e de Guayaquil que participam do Fórum Global da Infância Esperança e Alegremia, realizado de forma simultânea à Assembleia.

E logo surge o sétimo “A”, proposto por uma menina que frequentava uma escola informal no interior de Cali, na Colômbia. A companheira Sandra Payán nos conta:



...Um dia, em agosto de 2005, numa das aulas de ciências naturais, nos perguntamos “O que é Saúde? Do que precisamos para estarmos saudáveis?” Surgiram reflexões muito bonitas e profundas.

Contei-lhes da Alegremia e dos seis “A”s da esperança e concluímos que a alegremia era uma bela maneira de dizer o que para nós significava estar saudável, que era estar bem. Também encontramos os seis “A”s na nossa lista de necessidades para estar bem, nossas reflexões coincidiam com as de outras e outros em lugares distantes, estávamos vivendo o milagre de encontrar-NOS com quem ainda não conhecíamos...

Em um momento, Natalia, uma das jovens estudantes, nos chamou a atenção, faltava um “A”, justo aquele que estava tendo mais sentido para todos naquele lugar e naquele momento... faltava a Aprendizagem... e tinha razão, como vamos ter alegremia sem a aprendizagem, que é a essência da vida...

Estas propostas seguem sendo levadas a diversos âmbitos populares, estudantis, acadêmicos, etc.

No 5º Fórum Social Mundial, realizado em Caracas, Venezuela, em janeiro de 2006, realizaram-se três oficinas trabalhando o tema “Saúde dos Ecossistemas com Esperança e Alegremia”

Hoje temos notícias que oficinas de Alegremia foram realizadas em diversas províncias, como Formosa, Chaco, Santa Fe, Buenos Aires, San Luis e também na Capital Federal.



Em outros países, além de Equador e Colômbia, ocorreram oficinas de Alegremia na Venezuela, México, Porto Rico, Paraguai, Uruguai e Brasil.

Reviver estas vivências, faz brotar este forte grito de esperança: “Até a Vitória da Vida Sempre”!

Julio Monsalvo

www.altaalegremia.com.ar

CARTAS CON ALEGREMIA

HACIA UNA NUEVA CIVILIZACION



JULIO MONSALVO

Plano de Ensino



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE MESTRADO PROFISSIONAL

PLANO DE ENSINO

Código: ENS0014

Nome da Disciplina: Práticas em Educação e Saúde

Professoras Responsáveis: Camila Giucliani e Carmen Lucia Bezerra Machado

Número de Créditos: 4 (Carga Horária): (60h/a) sendo 30h presenciais on-line.

Caráter: não obrigatória

Periodicidade: semestral

Pré-requisitos: não há

Período: 2020/2

SÚMULA/EMENTA

Proporcionar situações concretas de desenvolvimento de conhecimentos sobre interdisciplinaridade, Educação e Saúde aos Pós-Graduandos, para além de incorporar novas tecnologias e ferramentas, relacionados às atividades docentes e educativas no local em que venham a exercer suas funções, que lhes permitam transformar suas práticas no ensino, na assistência e na pesquisa, no quadro de saúde da população.

OBJETIVOS

Ao concluir a disciplina os participantes deverão estar capacitados à:

1. Reconhecer os processos de ensinar e aprender, na e para a formação de profissionais da saúde, à luz de peculiaridades do presente pandêmico e do futuro;

2. Reconhecer as etapas definidas pelos organismos mundiais e nacionais sobre as diretrizes relacionadas ao Ensino Superior (OMC, UNESCO, ME/BR) e à Saúde (OMS, OPAS, MS/BR);
3. Construir processos pedagógicos que considerem o regramento vigente (LDB, Diretrizes Curriculares) e propor inovações para a Área da Saúde;
4. Possibilitar a construção de projetos eticamente comprometidos, que venham a contribuir para a implementação das mudanças curriculares, pedagógicas e ou educativas na sua área de atuação.

JUSTIFICATIVA

Gente ocupada em cuidar vidas, em tempos de “isolamento social” por pandemia de covid-19, implica no necessário repactuar o contrato didático anunciado nos Planos desta disciplina e ainda a dupla indagação: O que pensam os discentes sobre planos e como se pode seguir em tempos de distanciamento físico, de sobrecarga de trabalho para alguns e de inatividade para outros. Diálogos relevantes para aprender a ser docente.

Os esforços desenvolvidos na tentativa de introduzir as mudanças curriculares na Área da Saúde, visando ao preparo de profissionais que atendam às necessidades atuais e futuras da população, têm conquistado apenas espaços limitados e pontuais. Uma das dificuldades encontradas para o avanço das propostas que venham ao encontro do estabelecido nas Diretrizes Curriculares é o parco preparo pedagógico dos professores sobre o enfoque ensinar e aprender. Essa dificuldade faz mister de novos conhecimentos que os docentes e discentes têm dos processos educativos e inclusivos. E, quando o novo não é conhecido, surgem as resistências. Preparar os futuros docentes com a perspectiva desse novo enfoque na formação profissional e na assistência, torna-se uma necessidade real para a concretização das mudanças propostas, particularmente neste semestre, tempo de pandemia de Coronavírus que está a exigir isolamentos, cuidados nos contatos sociais e possibilidades de redes virtuais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A disciplina deverá ser estruturada no sentido de apontar para alguns processos educativos em saúde e evidenciar diferentes estratégias de formação e atuação:



1. Contrato didático (conceito – possibilidades – escolhas a serem contratadas).
2. O mundo do trabalho na Educação e na Saúde: Estratégias de Ensino para a construção e acompanhamento de Estratégias de Registro de aprendizagens.
3. História das mudanças do ensino e da prática da Saúde: Trabalhar em grupo (o fazer e o compreender os processos).
4. Recomendações da UNESCO sobre Educação e LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
5. Política de Educação Superior – Ministério da Educação – Diretrizes Curriculares para a Área da Saúde: Particularidades do sistema tradicional e propostas para o presente pandêmico e o futuro. Proposta de Elaboração de artigos.
6. Práticas educativas coletivas com temáticas de livre escolha para cada grupo dentre as temáticas emergentes no espaço-tempo.
7. Sistemas de avaliação da aprendizagem: formativa e somativa.
8. Prática de Estratégias de Ensino: Avaliação e Planejamento.
9. Atividade de pesquisa. Resolução de problemas. Problematização. Trabalho em dupla. Seminários. Oficinas. Grupos de discussão. Listas de dúvidas.
10. Avaliação de processos e resultados.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Os conteúdos programáticos serão desenvolvidos com as diversas modalidades de trabalho em pequenos grupos, com o emprego de metodologias ativas, incluindo atividades docentes para os discentes. Serão utilizados recursos em EAD (síncronos e assíncronos), sendo parte das atividades realizadas de modo não coletivamente presencial como, por exemplo, atividades em pequenos grupos ou individuais.

PROCEDIMENTOS E/OU CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO



Os inscritos serão avaliados de forma contínua, progressiva e crescente através dos seguintes instrumentos:

1. Frequência, segundo a legislação vigente;
2. Construção e acompanhamento do registros individuais, nas participações em trabalhos em aula síncronas falada ou escrita, e pela construção dos textos coletivos;
3. Construções conjuntas de proposta de trabalho em pequeno e grande grupo;
4. Avaliação da apresentação de trabalho docente com grupo de alunos ou com grupo de alunos da própria disciplina – com elaboração de relatórios;
5. Artigo para publicação – Elaboração individual ou em grupos de até três autores, tendo como base a experiencição vivida.

BIBLIOGRAFIA

Academia das Ciências de Lisboa (2022). **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa** [em linha], Ana Salgado (coord.). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa. Disponível em www.volp-acl.pt. (VOLP)

ANASTASIOU, L. G. C. **O processo de ensinagem**. Florianópolis: UFSC, 2008. (https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/3270916/mod_resource/content/1/anastasiou.pdf)

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação na área da saúde**. Conselho Nacional de Educação. Homologadas pelo Ministro da Educação entre 03 de outubro de 2001 e o presente momento. Disponível em: www.cosemsms.org.br/publicacoes/formacao_profissionais_2008.pdf

BRASIL. **LDB. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 5ª edição. Biblioteca da Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação – Coordenação de Bibliotecas, 2010. <http://bd.camara.gov.br>

BRASIL. CNS. EC. 095/2016. Disponível em: <http://www.susconecta.org.br/wp-content/uploads/2019/02/A-EMENDA-CONSTITUCIONAL-95.pdf>. Acesso em 15 03 2020.

BRASIL. Future-se. 2019. Disponível em: [www://portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em 15 03 2020.



CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. O anti-Taylor: sobre a invenção de um método para co-governar instituições de saúde produzindo liberdade e compromisso, **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 14(4):863870, out-dez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo : Ed. UNESP, 2014. 158 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Rio de Janeiro : Paz & Terra, 2014. 339 p.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. A teoria como prática libertadora. Cap.5, p.83-104.

INOCÊNCIO Doralice; CAVALCANT Carolina M. C. **O trabalho em grupo como metodologia de ensino em cursos e disciplinas on-line**. 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/014tcc3.pdf>.

JUENGER J, SCHULTZ JH, SCHONEMANN Wgener S, DRUDE N, DUELLI R e RESCH. AMEE Guide supplement: Peerassisted learning: A planning and implementatio framewok, Guide supplement 30.6 – Practical application. Medical Teacher na **Internacional Jornal of Education in the Health Sciences**. V 31: 55 – 56, 2009.

MACHADO C. L. B., MANFROI W. C. **Caminho do novo e as resistências**. São Leopoldo, Itapuy, 2011.

MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; MANFRÓI, Waldomiro. **Prática Educativa em Medicina**. Dacas Editora, Porto Alegre, 2005.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise. Teorias Administrativas e Organização do Trabalho: De Taylor Aos Dias Atuais, Influências no Setor Saúde e na Enfermagem **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, Jul-Set; 15(3):508-14, 2006.

MATTOS, Rubem A. Os sentidos da Integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: PINHEIRO, Roseni e MATTOS, Rubem A. **Os sentidos da Integralidade na atenção e no cuidado à saúde**. Rio de Janeiro: UERJ, IMS: ABRASCO, 2001. (p.39-64). Disponível em: http://www.uefs.br/pepscentroeste/arquivos/artigos/os_sentidos_integralidade.pdf



PENHA, Sidnei Percia da, SALES, Nilva Lúcia LOMBARDI, Alexandre BAGDONAS Henrique. As estratégias adotadas por professores em atividades de ensino para a condução do jogo didático. **XIX Simpósio Nacional de Ensino de Física – SNEF 2011** – Manaus, AM 30 de janeiro a 04 de fevereiro de 2011.

SILVEIRA, Luiz Henrique Alves da. **Avaliação do conhecimento dos residentes de um Programa de Residência Multiprofissional em Saúde referente ao “contrato didático”**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, FAMED, Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Porto Alegre, Brasil, 2011.

SILVEIRA, Nise da. **Caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2008. 199p.

SILVEIRA, Nise da. **Quem foi C.G.Jung?**. In: Arte & educação (Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, RJ Vol. 4, n. 17 (mar. 1975), p. 9-10.

UNESCO. **Um Tesouro a Descobrir**: Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Título original: Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twentyfirst Century (highlights). Paris: UNESCO, 1996.

VENTURELLI. JOSÉ. **Educacion Médica** – Nuevos enfoques, metas y métodos 2ª edição. OPAS. Serie PALTEX Salud y Sociedad Nº 8, 2000.

VIGNOCHI, Carine; Benetti, Carla da S; Machado, Carmem Lúcia B; Manfroi, Waldomiro Carlos. Considerações sobre Aprendizagem Baseada em Problemas na Educação em Saúde. **Revista do HCPA**, v. 29, n. 1, 2009.
<http://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/viewArticle/6970>

REVISTAS Sugeridas:

Revista da AMME.

Trabalho, Educação e Saúde. Fiocruz. Rio de Janeiro.

Interface. Botucatu. São Paulo.

Educação & Sociedade – Campinas, São Paulo. (*Políticas Curriculares e Decisões Epistemológicas*. Ano XXI, n. 73, dezembro de 2000.)

Educação em Revista – FAE/UFMG. (Número organizado por Antonio Flávio Moreira – agosto de 2007.)

Pro-Posições – FAE/UNICAMP (Nº 53, agosto de 2007.), Campinas.

Saberes Plurais. PPGENSau/UFRGS. Porto Alegre.



.Quem somos

Professoras, convidados e Pós-Graduandos matriculados na disciplina de Prática Educativa em Saúde na Faculdade de Medicina, FAMED-UFRGS no primeiro semestre 2021.

ALANA VERZA SIGNORINI - alanass@gmail.com

ALICE LANG SILVA - alicelangsilva@gmail.com

ANA PAULA RADUNZ VIEIRA - anapaularadunz@gmail.com

ANA PAULA MARTINEZ JACOBS - anapaulamartinezjacobs@gmail.com

BERNARDO DE LIMA - bernardo.arv@gmail.com.

CAMILA GIUGLIANI. Professora Departamento de Medicina Social e PPG Epidemiologia e Ensino na Saúde, FAMED - UFRGS. Pesquisadora. Integrante do Movimento pela Saúde dos Povos (People's Health Movement) e Fórum Aborto Legal RS giugli@hotmail.com

CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO. Professora Titular UFRGS. Educadora por autodeterminação. Militante da humana docência na área da saúde. Coord. do GP Formação de Professores para o Mercosul /Cone Sul, Brasil carmen.machado@ufrgs.br.

CAROLINE HENDGES KLEIN - carolhklein@gmail.com

CHRISTINA FIORINI TOSCA - christinaft1@gmail.com

CHRISTY HANNAH SANINI BELIN - christy.sbelin@gmail.com

CIBELI OLIVEIRA DA CUNHA REGO - to.cibelioliveira@gmail.com

CLAUDIA TEIXEIRA SCHUUR - schuur.clau@gmail.com

CLAUDIA DE MELO OLIVEIRA - claumeloo@gmail.com



- DANIELA DIAS MORALES - dmoralespediatria@gmail.com
- EDUARDO MONTAGER DIAS - emontagnerdias@gmail.com
- ELISA GIRARDI HYPOLITO - elisahypolito.mestrado@gmail.com
- FABIANA FERREIRA DOS SANTOS - fabby24@gmail.com
- FELIPPE DA SILVA SCHIRMER - fschirmer@hcpa.edu.br
- FERNANDA ROMBALDI BERNARDI - fisio.ferberardi@gmail.com
- GABRIEL TESCHE ROMAN - gab.roman@gmail.com
- GIOVANA QUINTANA PIRES FELDEN - giovanaqpires@gmail.com
- HENRIQUE UMPIERRE PEDROSO - umpierre.pedroso@gmail.com
- HUGO MALLMANN DE MIRANDA JUNIOR - hjunior@hcpa.edu.br
- JESSICA NEUENFELD PANIZ - jessicapaniz@gmail.com
- JOANA MATTIONI OURIQUE - pedjoanamattioni@gmail.com
- LARISSA DORNELLES SAMPAIO PERES (In Memoriam)
- LUCIAN DE SOUZA - souzacian@gmail.com
- LUCIANE FERREIRA PAULETTI - lupauletti@gmail.com
- MARCUS VINICIUS DA SILVA AZENHA - mvsazenha@gmail.com
- MARIANA CRISTINA MORAES CORSO- marianamcorso@gmail.com
- MARIANA DE MEDEIROS CARDOSO - fga.mariana.cardoso@gmail.com
- MARINA PICOLO MENEGOLLA - marina.pmenegolla@gmail.com



MAURO CESAR DUFRAIER - maurodufra@gmail.com

MOACIR JOSÉ MOREIRA – Mãa, Artista Plástico natural de Joinville e portoalegrense por adoção. - www.moaar.com.br; Instagram: moamoreir

NATHALIA PETER MUNOZ - nathipmunoz@gmail.com

NATHALIA FLORES OLIVEIRA - nath.if@hotmail.com

NICOLE ELEN LIRA - nlira@hcpa.edu.br

PAMELA DA SILVA PANASSOL - pamela.panassol@hotmail.com

PAULO PEIXOTO DE ALBUQUERQUE, Professor de Sociologia da Educação/FACED e Metodologia de Pesquisa, PPGENSau FAMED/UFRGS. - albuquerque.paulo@gmail.com

PAULO RICARDO SANTOS NUNES, Médico psiquiatra e geriatra, Doutor em Educação. Servidor MD., aposentado da ANVISA. Militante na luta antimanicomial. - Paulo.nunes@gmail.com

SABRINA NUNES GONCALVES - sabrina.goncalves@ufrgs.br

SAMANTHA ZAMBERLAN - sazamberlan@hotmail.com

VANESSA VICENZI - vicenzivanessa@hotmail.com

WAGNER MICHAEL PEREIRA. MD. Médico. Escritor. Professor da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA.



Longe do que poderia sugerir o título de uma produção de disciplina que se move nas práticas co-criadas, aqui registrada como cartas, ao contrário, nada há de escondido.

Mais do que contar histórias as cartas alegrêmicas divulgam conceitos e teorias, inspiradas na necessidade de comunicar razões e os afetos que o isolamento nas cavernas em que vivemos, trabalhamos e mesclamos o privado com o público (também o inverso), como limitações impostas pela sindemia nos anos de 2020 e 2021.

A construção coletiva provoca alegremias imensuráveis. Apenas a consciência do brilho nos olhos seja nos choros ou nos sorrisos de cada um e uma e de todes se apresenta aqui ao leitor.

Autores requerem de quem lê a sensibilidade para, na formação educativa de quem pretenda ser educador ou educadora, ampliar possibilidades de respostas às situações materiais que se apresentem com a “Força da delicadeza III”, ao reconquistar o conhecimento com todo os “A”s do Ar, Água, Abrigo, Afeto, Amor, Amizade, Aprendizagem, Alegria, Alegremia... Coleivas Alegremicas



CARTAS:

TEMPOS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS ALEGRÊMICAS



CARMEN LUCIA BEZERRA MACHADO

CAMILA GIUGLIANI (ORGs.)

